UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA — UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO — PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO — PPGED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

WELTON CARDOSO JUNIOR

QUALIDADE DE VIDA E ADOECIMENTO DOCENTE: A PÓS-GRADUAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

VITÓRIA DA CONQUISTA — BA
DEZEMBRO — 2022

WELTON CARDOSO JUNIOR

QUALIDADE DE VIDA E ADOECIMENTO DOCENTE: A PÓS-GRADUAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB), sob orientação da Prof. Dr. Cláudio Pinto Nunes.

VITÓRIA DA CONQUISTA — BA

DEZEMBRO — 2022

C268q

Cardoso Júnior, Welton.
Qualidade de vida e adoecimento docente: a pós-graduação no contexto da pandemia da COVID-19. / Welton Cardoso Júnior, 2022.
160f.
Orientador (a): Dr. Cláudio Pinto Nunes.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2022.
Inclui referências. 115 – 126.
1. Trabalho docente – Qualidade de vida. 2. Adoecimento. 3. Pandemia da COVID-19 - Pós-graduação. I. Nunes, Cláudio Pinto. II. Programa Pós- Graduação em Educação – PPGED. I. T.

CDD 370.78

Catalogação na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

WELTON CARDOSO JÚNIOR

QUALIDADE DE VIDA E ADOECIMENTO DOCENTE: A PÓS-GRADUAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19

Defesa apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.
Linha: Política Pública Educacional

Data da aprovação: 10/12/2022

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Claudio Pinto Nunes– Orientador
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

_____

Prof.ª Dr.ª Tatyanne Gomes Marques– Avaliador Interno
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

_____

Prof. Dr. Cláudio Bispo de Almeida - Avaliador Externo
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Dedico esta dissertação ao coração que palpitava diante de um computador e que me atribuía essa culpa inconscientemente. Em isolamento social, vivendo as tensões do trabalho *on-line* e da sobrecarga com os autodeterminados afazeres domésticos no princípio da pandemia, a arritmia dele foi diagnosticada objetivamente por mim, e assim, levada ao tratamento a tempo. Isso me fez refletir sobre a importância de o analisar socialmente, dedicando-lhe (ao coração dela) esta pesquisa, e a mim, esta liberdade de pesquisar. Assim fui conjugar a minha razão com a minha fé. Decerto que se a culpa fosse minha, jamais me perdoaria. A conclusão foi de que a minha consciência e a inconsciência dele produziram juntos muito mais amor entre nós e que agora ficará oportunizado para o mundo. O amor é sempre uma cura.

AGRADECIMENTOS

Uma premissa dessa escola constante que é a minha vida já posso retirar. É preciso sempre duas atitudes de um ser humano. A cada degrau, a cada passo, a cada sorriso e a cada conquista pessoal, diante do mundo, deve-se saber agradecer e saber pedir.

Agradeço às pessoas que me enxergam com olhos puros ou com olhos históricos. Não é fácil me decifrar, confesso. Minha armadura esteve rígida demais. Por isso, agradeço aos persistentes, aos corajosos, aos generosos, aos dialéticos e aos justos. Sei que posso me revelar diante desses, quero pedir-lhes que me ensinem humildade. Quero agradecer-lhes eternamente se fizerem isto por mim.

Devo ser grato a quem me edificou em um privilegiado que fez jus à sorte e produziu, inovou, consumiu. Quero lhes pedir perdão, porque o conhecimento me rebelou e me libertou. Ao Criador, meu agradecimento pela vida. Peço serenidade para recompor toda a minha humanidade. Desconstruir e reconstruir.

Nesse sentido, meus agradecimentos à menina mulher que me ensina o que é amor diariamente, educadora e pedagoga de mim, desde que por ela me apaixonei, Berta Leni Costa Cardoso. Meus pedidos de desculpas quando faltei. Meus agradecimentos à minha filha Maitê Costa Cardoso, a quem erroneamente acreditava ser o meu melhor projeto, minhas desculpas por isto, Tetê. Você não é um projeto, é o meu motivo para ser uma melhor pessoa a cada dia, meu sentido para a eternidade.

Agradeço também, e muito, ao meu orientador Cláudio Pinto Nunes pela liberdade de pesquisa e pela generosidade de me apresentar em seus espaços de existência com tanto carinho e respeito. Peço-lhe amizade eterna e cada vez mais ensinamentos de vida, de filosofia e de ciência. Peço-lhe que me cobre sempre sobre a importância legítima de possuir um título tão nobre; o de Mestre em Educação.

Por fim, agradeço a todos os demais professores que colaboraram com a pesquisa e, em especial, aos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), aos seus funcionários e ao Governo do estado da Bahia pela oportunidade gratuita e de qualidade. Peço-lhes que perseverem, mas que não deixem de lutar primeiro pelas humanidades de todos nós.

RESUMO

CARDOSO JÚNIOR, Welton. **Qualidade de vida e adoecimento docente**: A pós-graduação no contexto da pandemia da COVID-19. 2022. 154. f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista – Ba, 2022.

A presente pesquisa versa sobre a qualidade de vida e adoecimento do docente da pós-graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no contexto da pandemia da COVID-19. O objetivo foi estudar o fenômeno utilizando o Materialismo Histórico Dialético (MHD) como método de análise, para refletir sobre a influência do contexto no agravamento do quadro temático elencado. Os sujeitos da população-alvo em atividade consentiram e aderiram livre e espontaneamente à pesquisa em que, por meio eletrônico, foram apresentados aos instrumentos validados cientificamente com adaptações para o recorte. As respostas permitiram a construção de um banco de dados comparativo entre percepções anteriores e as atribuídas ao período de trabalho durante a vigência da respectiva calamidade pública de saúde global. Os resultados do estudo mostraram que essas transformações que atingiram a sociedade implicaram no trabalho do professor, que já se encontrava imerso em desafios, exacerbando o abalo na qualidade de vida deste profissional e deixando-o mais vulnerável às doenças mentais e ocupacionais.

Palavras-chave: qualidade de vida; trabalho docente; pós-graduação; adoecimento; pandemia da COVID-19.

ABSTRACT

CARDOSO JR, Welton. Quality of life and teacher illness: Postgraduation programs in the context of the COVID-19 pandemic. 2022. 154. p. Dissertation (Master in education) Postgraduate Program in Education, State University of Southwest Bahia, UESB, Vitória da Conquista - Ba, 2022.

This research deals with the quality of life and illness of graduate professors at the State University of Southwest Bahia (UESB) in the context of the COVID-19 pandemic. The objective was to study the phenomenon using dialectical historical materialism (MHD) as a method of analysis, thus reflecting on the influence of the context on the worsening of the listed thematic picture. The subjects of the target population in activity consented and adhered freely and spontaneously to the research where, electronically, they were presented to scientifically validated instruments with adaptations for the clipping. The answers allowed the construction of a comparative database between previous perceptions and those attributed to the working period during the duration of the respective global public health calamity. The results of the study showed that these transformations that affected society ended up implying in the work of the teacher, who was already immersed in challenges, generating a great shock in the quality of life of these professionals and leaving them more vulnerable to mental and occupational diseases.

Keywords: quality of life; teaching work; postgraduation; illness; pandemic of COVID-19.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Domínios e facetas do WHOQOL-100 (Projeto Piloto Refinado).....38
Quadro 2 — Artigos selecionados por ano de publicação e temática afim 61
Quadro 3 — Dissertações selecionadas por ano na temática afim.....62
Quadro 4 — Variáveis e categorias que estatisticamente apresentaram tendência (moda) compatível com valores de estresse positivo 81
Quadro 5 — Relação por frequência de casos entre as variáveis de percepção da Qualidade de Vida Geral (QV) e Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) 93
Quadro 6 — Percepção geral da qualidade de vida em relação à satisfação com a saúde dos docentes durante a pandemia COVID-19 94
Quadro 7 — Percepção de satisfação em saúde e em condições de trabalho em relação à QV geral 95
Quadro 8 — Relação Qualidade de vida (QV) e indicadores de lazer e socialização 95
Quadro 9 — Relação renda/Qualidade de Vida (QV)/satisfação monetária para as necessidades 96
Quadro 10 — Escores de tendências centrais de qualidade de vida e renda.....99
Quadro 11 — Tendência obesidade em relação a queixas cardiovasculares entre os docentes 104
Quadro 12 — Qualidade de vida, satisfação com a saúde e necessidade de tratamento 106

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Esquema de ativação fisiopatológica de resposta ao estresse 50
Figura 2 — Histograma do comparativo remuneração e jornadas de trabalho 78
Figura 3 — Histograma de relação de áreas de conhecimento, tempo de graduação e quantidade de programas de pós-graduação em que trabalha na UESB 79
Figura 4 — Tendência de contaminação pela COVID-19 por faixas etárias e jornadas de trabalho em relação a IES pesquisada 100

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Quantidade de publicações selecionadas por base de dados 63
Gráfico 2 — Relação percentual de trabalhos selecionados (artigos/dissertações) .. 64
Gráfico 3 — Percentual por gênero em categorias de estresse 82
Gráfico 4 — Percepção de saúde física e mental dos docentes antes e durante a pandemia 87
Gráfico 5 — Percepções positivas e negativas sobre as condições de trabalho docente antes e durante a pandemia da COVID-19 90
Gráfico 6 — Valores aferidos (escala 0 a 100) de representação da qualidade de vida durante a pandemia por domínios do WHOQOL-Bref (OMS, 1998) 97
Gráfico 7 — Escore médio geral aferido para os itens inquiridos no WHOQOL-Bref 98
Gráfico 8 — Percentual de docentes com sinais ou sintomas desenvolvidos ou agravados durante a pandemia da COVID-19 por ordem de frequência 101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Frequência de refeições fora de casa antes e depois da pandemia.....83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COVID-19	*Corona Vírus Disease* – Doença do Coronavírus descrita em 2019
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
GESTRADO	Grupo de Estudos sobre Políticas Educacionais e Trabalho Docente
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
ERE	Ensino Remoto Emergencial
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
OMS	Organização Mundial de Saúde
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MHD	Materialismo Histórico-Dialético
PDA	Protocolo de Disfunções Autônomas
PNE	Plano Nacional de Educação
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
QV	Qualidade de Vida
QVT	Qualidade de Vida no Trabalho
SNA	Sistema Nervoso Autônomo
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBER	Empresa Plataforma Digital Global de Transporte Urbano
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
WHOQOL	Grupo de Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **14**
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS **20**
2.1 O método do Materialismo Histórico-Dialético (MHD) e o diálogo com os elementos do fenômeno **20**
2.1.1 Uma breve consideração sobre o Materialismo Histórico-Dialético 21
2.2 O MHD para a análise do sujeito da pesquisa no contexto da pandemia da COVID-19 25
2.3 Qualidade de vida e adoecimento como categorias do fenômeno dialogadas com o MHD 33
2.3.1 Qualidade de vida docente e o MHD 34
2.3.2 Adoecimento docente e o MHD 46
3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA **52**
3.1 Procedimentos do Levantamento Bibliográfico/Estado da Arte 52
3.2 O Enfoque da pesquisa empírica 53
3.3 O alcance da pesquisa empírica 54
3.4 A População da pesquisa empírica 55
3.5 Os instrumentos de coleta de dados 55
3.6 Os procedimentos de coleta de dados 56
3.7 Os procedimentos de análise de dados 56
3.8 Os cuidados éticos 58
4 ESTADO DA ARTE: O MAPEAMENTO DOS DISCURSOS DO EXERCÍCIO DOCENTE E OS RESULTADOS SOBRE A TEMÁTICA **60**
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO **75**
5.1 Aspectos sociodemográficos encontrados sobre os sujeitos da pesquisa 75
5.2 Indicadores de estilos de vida e saúde no contexto da pandemia da COVID-19 nos sujeitos pesquisados 80
5.3 Condições e aspectos comparativos do trabalho docente em relação à pandemia da COVID-19. 88
5.4 A Percepção da qualidade de vida dos docentes durante a pandemia 91
5.5 O Adoecimento do docente no contexto da pandemia da COVID-19 99
CONSIDERAÇÕES FINAIS **107**

REFERÊNCIAS **112**
ANEXOS **124**

1 INTRODUÇÃO

Desde que se têm indícios, os seres humanos, propondo lógicas ou impondo verdades fabricadas, vêm tentando explicar todos os fenômenos e processos que lhes perpassam aos sentidos ou à cognição. Pesando os mecanismos e sentidos da vida, tentando os compreender e os manipular, a humanidade caminha relutando com a única verdade absolutamente incontestável, o indesejável termo final de sua existência.

E assim, nessa fuga, os seres humanos constroem os seus “castelos a priori”, simbológicos e sinalagmáticos, assentados nas religiões, nas artes, na filosofia ou nas ciências e, ainda, combinando essas formas. Mecanismos de poder, de controle e de reprodução que não se exaurem em questionamentos e nem mesmo em soluções definitivas, pois seguem todos eles permeados por seus conflitos e suas contradições.

A ciência, dentre as demais construções humanas, diferencia-se por prezar por uma compreensão universal mediante conceitos, métodos e técnicas que, de maneira coerente e controlada, estabelece os seus resultados por princípios, sem desconsiderar, inclusive, que as evoluções históricas a podem transmutar. Para Minayo (2002), no campo específico das ciências sociais, é possível afirmar que existe uma clara proximidade do investigador com os sujeitos e os objetos das suas pesquisas. Para a autora, “Na investigação social, a relação entre o pesquisador e o seu campo de estudo se estabelecem definitivamente” (MINAYO, 2002, p.14)

Tomado pela consciência sobre a importância construtiva social que tem o professor e de braços dados com o desafio da docência no ensino superior, passo a introduzir esta dissertação de mestrado. Um lugar de fala que advém de uma visão de mundo que é pautada pela compreensão holística e interdisciplinar dos fenômenos imbricados na vida coletiva, exigindo-me esta coerência, e assim, também, procurando a habilitação pedagógica necessária ao adentrar nesse campo de intervenção.

Isto porque a segurança suficiente para o diálogo em sala de aula não foi alcançada com as bases das graduações em Medicina, em Direito e em Ciências Computacionais que acumulei. Nem mesmo nas especializações que nelas busquei para avançar no conhecimento e no esmerar do exercício profissional. É assim que me sinto imbricado num contexto de mestrado em Educação. Para construir o

conhecimento não basta ter ferramentas profissionais, é preciso muito mais do que isto. É preciso adentrar pelo universo imprescindível da ciência própria, conhecer o seu sentido intrínseco e sua evolução, envolver-se com as suas demandas e com isso, poder sentir-se pertencente.

Importante ressaltar, também, que neste trabalho, foi utilizado o masculino genérico para a escrita em referência aos sujeitos da pesquisa, apenas pela habitualidade da linguagem formal e mantendo o posicionamento que os autores e as autoras assumiram nos trabalhos associados desta pesquisa.

Feitas essas breves ponderações, prosseguimos nas menções introdutórias, passando a tecer sobre a docência em tela.

A docência no ensino superior ou universitária é uma atividade educativa que se realiza pela articulação de muitos elementos organizacionais e que tem o objetivo de atender às demandas da sociedade em prol de sua evolução sustentável (BISPO; SANTOS JUNIOR, 2014). O docente é o elemento humano que sempre figurou na posição nuclear dessa atividade.

Foi assim na Antiguidade Clássica, principalmente nas cidades gregas e romanas, onde já havia escolas tidas como de alto nível para refinar conhecimentos em Medicina, Filosofia, Retórica e em Direito. O docente era a figura unívoca no processo ou a fonte do saber.

> Discípulos se reuniam em torno de um mestre, cuja considerável bagagem de conhecimentos era transmitida [...]. Tinha-se, pois, nesses tempos, uma comunidade de discípulos gravitando em torno de um mestre, de um cabeça de escola (LUCKESI; BARRETO, 2012, p. 30).

Os autores ora citados nos ensinam que, desde a Idade Média, por meio da Igreja Católica, além de moderador, o professor universitário era quem devia garantir a ortodoxia das ideias e suas eventuais conclusões. Assim, entendemos que, no ensino superior, o docente sempre esteve envolto por uma série ampla de atribuições, responsabilidades e possibilidades que lhes são exigidas, esperadas e facultadas. Ao partir dessa condição histórica é que entendemos que o trabalho docente no ensino superior sempre foi essencial para as sociedades, já que esses professores têm por finalidade o exercício permanente da lógica crítica.

O que atualmente também se verifica, além do ensino, é que a atividade em tela é sustentada no tripé em que se consideram a pesquisa e a extensão. Ou seja, a

inserção do docente do ensino superior está muito além do processo de ensino-aprendizagem e da formação de profissionais que vão atuar nas diferentes áreas do conhecimento humano.

> Os professores precisam preparar os alunos para serem pesquisadores por excelência, acadêmicos curiosos, criativos e reflexivos e os alunos também precisam alterar profundamente os seus papéis. Eles precisam ser atores do próprio processo educativo e não apenas meros expectadores (BISPO; SANTOS JUNIOR, 2014, p. 3).

Na esteira desse paralelo, o que de maneira geral se seguiu, e que, até os momentos de hoje se persegue, é que o docente do ensino superior continua no centro da criação e da difusão do conhecimento e da cultura. Ele, por meio da sua livre e indispensável autonomia, pode questionar e investigar os problemas, assim, também, levantar as possíveis soluções às questões que surgem em cronologia com os dilemas existenciais e com as necessidades humanas. A sujeição ao debate das ideias e ao exercício da razão são como o escudo e a espada que o docente do ensino superior deve sempre empunhar.

No Brasil, o ensino superior foi implantado seguindo o modelo francês-napoleônico profissionalizante e que ainda hoje determina um privilégio para o domínio de conhecimentos e de experiências profissionais como requisitos mais importantes do exercício da docência. Isto significa que, mesmo atualmente, ainda se tem procurado formar profissionais pela transmissão do conhecimento que é aferida mediante avaliações e que, por sua vez, verificam se o aluno está apto ou não para exercer tal profissão. Dessa forma, ainda assistimos a uma concepção de que para ser docente importa apenas esse domínio, o “saber fazer”, entendido automaticamente como o “saber ensinar” (MASETTO, 2003).

Nas últimas décadas, embora as instituições de ensino passassem a exigir além do bacharelado, cursos de especialização, mestrado e doutorado desses docentes, em verdade, essas exigências continuam sendo as mesmas, uma vez que ainda se indexam ao domínio de conteúdo e não ao de competências pedagógicas.

Essa constatação corrobora a discussão que concerne o docente do ensino superior como uma pessoa que deva ser também habilitada em competências pedagógicas, de modo que o docente possa ser determinante na transformação da sociedade e não um mero replicador técnico profissional. Além do mais, que essa sua

preparação pedagógica seja entendida como uma conquista social e não como um viés dispensável.

Segundo Guimarães (2006, p. 135),

> Ser professor é pertencer a um ofício cujo estatuto profissional está num processo histórico de constituição. Ser professor é ser um profissional. Contudo, é necessário levar em consideração traços específicos dessa profissão e os pressupostos que a fundamentam a aspiração de profissional.

Para o autor, as competências pedagógicas que os docentes do ensino superior precisam desenvolver, importam no contato elaborado destes com as Ciências Sociais e Humanas, condição *sine qua non* para interpretar e realizar a educação de maneira articulada com as finalidades sociais, políticas e culturais. O docente do ensino superior é um sujeito que deve agir no sentido de transformar a sociedade, portanto, a sua formação implica necessariamente na compreensão da importância em que se situa, assim como, da importância dos espaços institucionalizados onde irá desenvolver-se.

Nessa compreensão é que Pimenta e Anastasiou (2002) ensinam que, para avançar no processo de docência e do desenvolvimento profissional mediante a preparação pedagógica, não se podem apartar os processos de desenvolvimento pessoal. Esse parece ser um grande desafio atual a ser considerado no redimensionamento da docência no ensino superior.

Não há como pensar o desenvolvimento pessoal dos sujeitos, sem pensar nas condições que têm para a execução plena ou satisfatória do seu mister transformador social. A docência do ensino superior, enquanto profissão[1], envolve uma diversidade de tarefas e atuações fundamentadas na interação humana, e por todas as especificidades dela decorrentes, demanda esforço contínuo, tanto físico como psíquico e social do professor. Este esforço no trabalho, quando além de um limite, acaba se refletindo na qualidade de vida e no adoecimento do docente (DAVOGLIO; LETTNIN; BALDISSERA, 2015).

---

[1] Fernández Enguita (1998) referencia que os grupos profissionais apresentam cinco características comuns: a competência profissional por formação específica em tempo certo; a vocação (ideal de serviço); a licença no campo de atuação protegido pelo Estado; a independência ou a autonomia no exercício profissional independente da organização e dos clientes e a auto-regulação mediante código de ética e de órgãos para resolução de conflitos.

Discutir e pesquisar sobre qualidade de vida e adoecimento em função do trabalho é tarefa árdua, não só pela multiplicidade de abordagem ou pela ausência de consensos conceituais, mas também por estarem eivados de subjetividades.

Esta dissertação propõe para sustentar as análises um método clássico e sistemático para esta abordagem; o método do materialismo histórico-dialético. Além de melhor discorrer sobre ele, em seu bojo, ela apresenta uma breve análise do discurso sobre o tema.

No estado de conhecimento, este trabalho avança na reflexão sobre os seus objetos quando inseridos no contexto da mais recente crise de saúde pública mundial da história, a pandemia da Doença do Coronavírus, catalogada em 2019 (COVID-19).

O presente trabalho dialoga com autores e autoras na área desse conhecimento, considera as raízes históricas e tenta, assim, edificar uma abordagem sistematizada por domínios desses objetos mencionados. Ele revela as nuances produzidas ou exacerbadas durante este período inédito da humanidade e que explicita o seu alto grau de dependência e vulnerabilidade, ante as relações globalizadas.

O contexto da pandemia se destaca não somente por ser uma circunstância francamente assustadora para a sobrevivência da humanidade, mas porque inseriu subserviências nas condições de trabalho do docente[2] do ensino superior brasileiro. A pandemia impôs, por sua força, uma condição de distanciamento social amplo, e, abruptamente, determinou mudanças sobre o trabalho do docente do ensino superior.

Postos os sentidos, o objetivo da presente dissertação é estudar a qualidade de vida e o adoecimento dos docentes que atuam na pós-graduação, em nível de Mestrado e Doutorado, considerando o contexto da Pandemia da COVID-19 (*Corona Vírus Disease*, 2019). Como objetivos específicos pretende-se: verificar as relações do fenômeno com os estilos de vida dos docentes; comparar as condicionantes laborais dos docentes antes e durante o contexto da pandemia, além de verificar a prevalência dos principais sinais e sintomas associados ao estresse entre os docentes pesquisados.

---

[2] Robalino (2012, p. 318), apoiada em dados de pesquisa da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2005), ressalta que “as condições de trabalho são entendidas como o conjunto de dimensões sociais, pessoais e físicas que convergem nos ambientes laborais e têm efeitos explícitos ou implícitos no desempenho”.

Pela atualidade e carência de estudos consistentes nessa perspectiva, mesmo que diante de determinada população, o contexto abordado traz grande relevância ao presente trabalho. Os resultados desta pesquisa podem fornecer subsídios para a tomada de decisões pelas instituições de ensino superior e na confecção de políticas públicas específicas pelos governos. Eles podem despertar para uma percepção mais acurada da opinião pública sobre a importância destes objetos de estudo. Os resultados podem provocar reflexões para o bem da atividade profissional, para os indivíduos elencados, para a sociedade contemporânea e para as suas futuras gerações. Um olhar científico para o fenômeno que servirá como base de análise quando nuances semelhantes foram aventadas.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Todas as tensões presentes no contexto da nossa pesquisa precisam ser pensadas com uma lógica de questionamento constante, a problematização. Assim, a pesquisa deve ser estabelecida por um procedimento sistematizado e racional, com a finalidade de proporcionar respostas aos problemas escolhidos, que provocam inquietação porque ainda não existem respostas suficientes (GIL, 2002). O processo de leitura da realidade precisa ser, portanto, continuamente questionado.

Para que se observem a qualidade de vida e o adoecimento do docente do ensino superior em um contexto de grave pandemia é preciso compreender se há condições para a interpretação dessa realidade sobre determinada perspectiva ou metodologia. A escolha de um método de discussão para os fatos investigados em uma pesquisa científica é de fundamental importância para o pesquisador. Esse método deve ser apresentado para a perspectiva quanto consequências lógicas que vão permitir a compreensão mais fidedigna da realidade, daquilo que é visto no mundo. Nesse sentido, propomos um diálogo possível entre a pesquisa em tela e o método do materialismo histórico-dialético (MHD) para, em seguida, apresentarmos o percurso metodológico utilizado na pesquisa.

2.1 O método do Materialismo Histórico-Dialético (MHD) e o diálogo com os elementos do fenômeno

O MHD é uma concepção de mundo desenvolvida por seus pensadores alemães no século XIX, Karl Marx e Friedrich Engels. Ele trabalha com noções de interesses econômicos de uma classe dominante, detentora dos meios de produção de riqueza e que produz distorções da realidade, determinando aparências falsas, assim, criando uma alienação na classe antagônica, aqueles que detêm apenas a sua força de trabalho. Esta última, por sua vez, é vista como classe explorada, que em cada momento histórico poderia atender aos interesses mercantis da primeira e a seu próprio desfavor. É, portanto, uma filosofia que pensa o sujeito e suas relações em função de sua materialidade, de sua existência real e de suas vicissitudes, mas que aqui será tratada numa perspectiva simplificada, propositiva, em relação ao sujeito e aos objetos do fenômeno que será pesquisado.

Assim, propomos analisar o momento histórico da atual crise mundial de saúde (pandemia da COVID-19), que determinou uma crise econômica e afetou os meios de produção, ampliando diferenças socioeconômicas (GURRÍA, 2020). Tais mudanças podem ter influenciado o trabalho do docente no ensino superior, consequentemente, afetado a sua qualidade de vida e favorecido o seu adoecimento.

Desse modo, será possível verificar se esta emergência se dá em razão do entendimento da existência partícipe de um movimento hegemônico que determina a totalidade do fenômeno. Esta pesquisa pretende pensar nessa possibilidade, propondo um diálogo entre as categorias clássicas do MHD com as categorias teorizadas no projeto de pesquisa.

2.1.1 Uma breve consideração sobre o Materialismo Histórico-Dialético

Antes de adentrar no cerne da questão do método, insta a tentativa de sintetizar algo tão complexo como a teoria ou método do materialismo histórico-dialético. Consideração breve neste texto assume o significado de elementar, de primário, básico, simples ou fácil. Certamente, não bastaria esse predicado para uma proforma acadêmica especializada de filosofia, sociologia ou de economia política, ou sequer o seria num debate mais profundo e virtuoso de ideias posto que se trata de um método utilizado para pensar os fenômenos sociais ao longo da história. Donizeti (2016) ensina a posição humanista do renomado filósofo Jean Paul Sartre sobre os conteúdos marxistas. Segundo ele, Sartre teria afirmado que se trata de uma filosofia insuperável, assim, por consequência, também o seu método. A breve consideração aplicada no enunciado deste item seria uma simplória tentativa de objetivar a evocação do método referido, partindo para a compreensão básica da sua perspectiva. Sigamos com estas luzes.

Marx se debruçou sobre a análise da realidade capitalista nas sociedades estatais. De acordo com o historiador do Marxismo e professor de economia, Dr. João Antônio de Paula; “Enquanto a realidade capitalista existir, nas suas formas, nas suas consequências, o marxismo continuará sendo o mais importante instrumento analítico de intervenção” (PAULA, 1992, p. 20). Desse entendimento, pode-se compreender que onde existirem relações capitalistas permeando a sociedade sob a égide de um Estado, os fenômenos sociais poderão ser analisados e compreendidos em consonância metódica com o materialismo histórico-dialético.

O Materialismo que enuncia o método de análise de Marx é a indicação para um olhar da realidade que se pretende estudar e que prescinde de ideação anterior ou de pensamento prévio sobre essa realidade. Nessa concepção, o ser social existe, é de carne e osso, precisa sobreviver no mundo antes de qualquer outra coisa, precisa da materialidade de todas as coisas e precisa buscá-la de alguma forma, precisa produzi-la ou adquiri-la. Pela visão materialista de Marx, essa forma sempre se dará por meio de uma ação humana, do trabalho humano. Assim, o homem é visto como um ser dependente da natureza e passa a querer dominá-la para atender às suas demandas. É nesse movimento de transformação da matéria que se encontra a capacidade de explicação dos fenômenos sociais, eis que aí se deslinda um método de análise, uma forma de entender o funcionamento do mundo real, interpretando as relações e interações construídas por e entre os homens que assim tornaram possível a vida em sua totalidade social.

Por essa ótica materialista, analisar o mundo seria o mesmo que entender seus fenômenos em face de uma base econômica, de um determinismo econômico que está sempre em um plano central. Desse contexto todo o resto se derivaria. Todas as demais perspectivas, estruturas, pensamentos e análises seriam edificados em função primeira dos modos de produção, sobre as diferentes formas de apropriação. Com isso, o materialismo ou o critério da economia acaba por dividir os homens em classes antagônicas, a de quem tem propriedade sobre os meios de produção e a de quem só possui a sua força de trabalho para sobreviver. Diante dessa condição é que aos sujeitos seriam pré-estabelecidas as suas razões de existência ou as suas perspectivas sociais.

> Sobre as diferentes formas de propriedade, sobre as condições de existência social, constrói-se toda uma superestrutura de impressões, de ilusões, de formas de pensar e de concepções filosóficas particulares. A classe inteira as cria e as forma sobre a base das condições materiais e das relações sociais correspondentes. O indivíduo que as recebe por tradição ou por educação pode imaginar que representam as verdadeiras razões e o ponto de partida de sua atividade (MARX, 1852, p. 139).

Para Marx (1852) foi assim, por essa rivalidade entre antagonismos, dessa briga por perspectivas, nessa luta entre classes sociais, desse movimento de ataque e de defesa de interesses, que no decorrer do tempo se acumulam os momentos

históricos da humanidade. Os Seres Humanos, portanto, seriam movidos por sua posição social em cada lapso de tempo da história.

A história, por sua vez, seria então um sucessivo de retratos de épocas sobre "como os homens e as mulheres organizam o trabalho, produzem e distribuem o produto. Como se apropriam da natureza" (PAULA, 1992, p. 28). Um movimento que avança, mas que ora regride de acordo com essas tensões, sucessos e insucessos, de cada classe sobre a sua rival. Nessa concepção, o homem social é histórico e a humanidade perfez um caminho que lembra ao de um espiral, com avanços e retrocessos em função do momento em que se determinou a propriedade e o domínio sobre coisas da natureza como objeto de supremacia ou de dominação.

Na perspectiva do Marxismo, os vários momentos históricos foram configurados por essa base material, nessa dinâmica de como operam os modos de produção econômica em cada tempo e sobre a qual foram erguidos pensamentos políticos e proposições jurídicas. "Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência" (MARX, 2008b, p. 29).

Pelo disposto, em cada tempo, essa consciência sofre as suas deflexões de acordo com os panoramas econômicos neles vivenciados. A história das sociedades teria sido determinada pela base da sua economia. Por isso, cada momento histórico se apresenta de acordo com os modos de produção e a luta de classes da época. Essa historicidade é que alicerça a análise dos fenômenos sociais pelo método do materialismo histórico. É o homem que protagoniza e transforma a história (ALVES, 2010).

Para seguir, ainda com a permissão da brevidade, insta dispor um pouco sobre a dialética de Marx e Engels. Essa proposta, em sintética consideração, trata-se de uma técnica, um método de análise dos fenômenos em face da captura das suas contradições, dos antagonismos que foram responsáveis pela determinação dessas realidades percebidas e não pelos pensamentos, abstrações ou por um mundo absoluto de ideias. A realidade concreta resulta necessariamente desse embate, desse conflito entre determinantes que se rivalizam ininterruptamente, num movimento contínuo que é o que desdobra a própria História.

Ora predominando algumas posições, ora prevalecendo as oposições, a realidade vai se transmutando, avançando ou retrocedendo por um ou por outro ponto de vista. Portanto, a razão acontece pela negação da realidade e se torna uma

afirmação de outra realidade que, por sua vez, torna-se contraditória novamente. Um permanente diálogo, uma indeterminação contínua. Se a realidade está em movimento, o método dialético deve assim acompanhar para que não se perca de precisão como alertou o próprio criador.

Fernandes (1984, p.15) traz a lição do método de Marx e Engels:

> A pesquisa deve dominar a matéria até o detalhe; analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e descobrir a conexão íntima que existe entre elas. Só depois de concluído esse trabalho é que o movimento real pode ser adequadamente exposto.

Do apreendido acima sobre o método dialético, temos que na análise dos fenômenos sociais não podemos nos furtar de compreender os detalhes de cada elemento ou de cada sujeito que os compõem, além disso, devemos descobrir os nexos mais íntimos entre eles. Só então, após esse mergulho empírico ou compreensivo, verificando a contínua tensão entre eles, é que se retorna à construção da realidade concreta e universal. Diante da análise do discurso de seus autores, o nosso entendimento é de que o método seria, portanto, polifásico.

> Podemos conceber o primeiro juízo como juízo singular: registra-se o fato singular (o fato de que o atrito gera calor). O segundo juízo como particular; uma particular forma de movimento, a mecânica, mostrou a propriedade de transformar-se, em particulares circunstâncias (por atrito), em uma outra particular forma de movimento, o calor. O terceiro juízo é o universal: toda forma de movimento revela-se apta, aliás obrigada, a se transformar em qualquer outra forma de movimento (ENGELS, 1883, p. 663).

Segundo Lukács (2003), que bem estudou a estética da teoria marxista, a fase primeira seria a análise da expressão imediata dos fenômenos, da sua singularidade, do seu imediatismo, um concreto caótico ou de percepções comuns, de sensos superficiais, a realidade aparente. A segunda fase seria o revelar das complexidades, as conexões internas, das leis que os regem, das particularidades intrínsecas do fenômeno social, um mergulho profundo em abstrações que definem o fenômeno conceitualmente. A terceira fase seria, então, a do retorno a sua concretude total, em que o fenômeno passa a ser compreendido e explicado, após visto e pensado, para o senso do universalmente aceito.

Marx (2008b) assegura que o conhecimento humano deve percorrer dois caminhos opostos: o do partir com a realidade imediata, aparentemente singular,

avançar até as mais altas abstrações, então, o retornar com a realidade concreta, pensada, que passa a ser compreendida de modo mais aproximativamente exato.

Santos *et al.* (2018) afirmam que o materialismo histórico-dialético é o aporte necessário para explicar fenômenos sociais que impliquem relações humanas por seus meios de produção, de consumo, por suas contradições e por movimentos existentes nestas relações. Pode ser usado quando pensamos em vulnerabilidades dos sujeitos em classes, mais claramente, que possa ser a ótica utilizada para desvendar o aumento e a manutenção da acumulação do capital em detrimento da exploração do trabalho humano expresso por suas consequências.

Assim, a busca da melhor verdade ocorreria desvendando as aparências dos fenômenos no mundo, encontrando as intencionalidades que os motivam por intermédio de uma visão que desnuda a alienação inicial. Esse processo investigativo se daria por mediações, com o uso conceitual de categorias mais genéricas que podem ser apontadas por suas conexões e por suas contradições com a totalidade do fenômeno estudado. Passemos, então, a uma proposta de diálogo, uma espécie de modelagem da pesquisa em tela para sua interpretação pelo método elementarmente introduzido acima. Vamos ao movimento.

2.2 O MHD para a análise do sujeito da pesquisa no contexto da pandemia da COVID-19

O sujeito da presente pesquisa é o trabalhador docente que vende sua força para as instituições de ensino superior públicas e privadas. Entender este sujeito, preliminarmente, carece da compreensão sobre a estrutura organizativa do ensino superior no Brasil.

Essa estrutura que, desde o seu início até os dias de hoje, prioriza a habilitação dos formandos para o mercado de trabalho, por conseguinte, privilegia a formação pela transmissão de domínios e de competências profissionalizantes. Assim sendo, o professor que predomina nas instituições que ofertam cursos superiores no Brasil, muito embora já se percebam algumas mudanças, ainda tem o perfil de bacharéis com sucesso profissional nas suas áreas de atuação, ou seja, o perfil do: “quem sabe, automaticamente sabe ensinar” (MASETTO, 2003, p. 13).

Até mesmo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (1996) é omissa em relação à formação pedagógica para o nível superior, pois não faz qualquer especificação a esse respeito. Além disso, exclui a educação superior da obrigatoriedade da prática de ensino, como é destacado no seu artigo 65: “A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas" (BRASIL, 1996, *online).*

A pós-graduação, como ensina Viana Filho *et al.* (2019), institucionaliza-se como um subsistema do contexto universitário, sendo que esse nível da educação superior, às vezes, está em sintonia com as mudanças da graduação, em outras, trilha caminhos e propostas diferenciadas e até contraditórias. Como Rego (2014) explica, são contraditórias porque a cultura do produtivismo acadêmico, que tem na pós-graduação seu polo irradiador institucional, está levando a impactos sobre os próprios pesquisadores, sobre as universidades e sobre as revistas do Brasil. Para a autora, há questionamentos nas relações entre o gerencialismo acadêmico e as formas de divulgação científica, assim, também ocorrem efeitos colaterais na vida dos docentes pesquisadores.

Para Silva Júnior, Ferreira e Kato (2013), a cada ano ou quadriênio, em face das avaliações, as relações de produção influenciam a organização no trabalho do docente da pós-graduação. Estes trabalham fortemente pressionados para buscarem publicações, financiamentos para pesquisas, consultorias, e acabam reproduzindo na iniciação científica, na extensão e no ensino de graduação essa cultura que distorce a missão e as relações do fazer científico universitário.

Salienta-se, então, a relevância de pesquisar o trabalho docente no contexto da pós-graduação, enfatizada pela importância desse nível educacional na formação de profissionais, de pesquisadores e de professores. Sua análise, poderá explicitar as formas de construção do conhecimento científico na contemporaneidade.

Nesse sentido, é possível pensar que o espaço de formação superior no Brasil ainda é um espaço docente de poder social, muito embora já haja consciência e regulamentação quanto à necessidade da aquisição de competências pedagógicas pelo corpo docente nesse nível de ensino. O desenvolvimento tecnológico atual e o fenômeno da globalização afetaram o cerne da proposta ainda atual, em que, segundo Masetto (2003), é exigida a revisão de carreiras profissionais, enquanto desse docente, exige-se a produção e a divulgação do conhecimento para além das fronteiras físicas das instituições.

Segundo esse último autor, o docente deixa de ser meramente o repassador de informações profissionais atualizadas e passa a ser requisitado por novas capacitações como, por exemplo, “adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia, comunicação, iniciativa e cooperação” (MASSETO, 2003, p. 14). Competências que são necessárias para promover o desenvolvimento do profissional humano, social, político e ainda o potencial econômico do país. O espaço de ensino superior deve, portanto, ser, antes, de relações e convivências pedagógicas. Ao docente que hoje ainda se basta de renome disciplinar, não mais se bastaria. Para Nunes e Oliveira (2017), trata-se de uma demanda de identidade profissional, de melhorias na formação inicial, de formação continuada e de atitudes que impactam na relação do docente com o trabalho.

Nesse sentido, por sua maior dedicação e formação pedagógica, esperava-se naturalmente a sua maior valorização. O que deveria ser um custo de investimento essencial nos novos tempos e para a plena Educação, caminha ainda por rumos incertos, muitas vezes, em sentido oposto a essa expectativa por força de interesses privados que se articulam para a construção e direção das políticas educacionais nacionais (PERONI; CAETANO, 2015).

Imbricando o tema no contexto da atual pandemia no Brasil, temos que o distanciamento social, como medida preventiva eficaz até a vacinação em massa, determinou abruptamente impactos na área da educação e consequentemente no trabalho dos professores. Na medida em que a atividade presencial foi suspensa, houve uma mudança nas rotinas dos discentes, dos docentes, das famílias de ambos, por conseguinte, foi possível sentir uma mudança na circulação desses indivíduos no contexto urbanístico principalmente. Essa aparência de que as atividades educacionais se mantiveram suspensas, pode ter contribuído para uma percepção superficial social de que o desejo dos docentes de todos os níveis era pela manutenção deste *status*, e que pelo oportunismo da situação, assim poderiam se manter em casa seguros, percebendo salários e sem efetivamente trabalhar.

Desse senso comum, muito equívoco há, pois, os docentes foram desafiados a modificar suas atividades remotamente, o que pelo contrário ao superficialmente percebido, o envolveu com maior esforço laboral e com condições ainda mais precárias de trabalho (PONTES; ROSTAS; ROSTAS, 2020). Além de ser mais exigido por seus conhecimentos e pelo que lhe compete, o docente ainda passou a ser exigido pela não paralisação educacional advinda do momento de força maior que é a

pandemia da COVID-19. Exigências que podem ter implicações diretas na qualidade de vida e no adoecimento desse trabalhador. Eis que se faz mister compreender essa realidade a fundo.

Inicialmente, o que podemos ter em mente sobre o docente do ensino superior em relação ao MHD durante a pandemia da COVID-19 é que a ótica deva ser a da evidência quanto aos mecanismos de exploração de seu trabalho nesse contexto. A paralisação das atividades escolares presenciais não significou menor jornada de trabalho para os docentes, ao contrário disso, aumentou o trabalho sem o crescimento salarial correspondente (SARAIVA *et al.*, 2020).

> Aliás, o trabalho docente se tornou contínuo e mais exigente, representando um plus quantiqualitativo, com maior carga horária, sem diferenciação do tempo à disposição do trabalho e com exigência das novas competências para o ensino remoto (NEVES; FIALHO; MACHADO, 2021, p.10).

De um lado, poderemos perceber o impulso das estruturas econômicas para atingir esse objetivo, (re)organizando aglomerados empresariais que ensejam a ascensão sobre a área da Educação, que passa a ser vista como uma mercadoria. Basicamente, esses grupos são compostos de grandes instituições privadas que se articulam com instituições educacionais globais, visando a promover mudanças na educação dos países, especialmente no currículo e na avaliação, consequentemente, na formação docente, entre outros. O mercado em tela é o da Educação Superior (PERONI; CAETANO, 2015).

Em contraposição, há a luta. A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Educação (ANPEd), assim como os movimentos dos docentes trabalhadores do ensino superior insurgem em suas pautas comuns. Nesse campo de tensões de classes é que os resultados desta pesquisa podem desaguar. As vulnerabilidades desses trabalhadores, nesse contexto, podem ficar expostas na análise dos dados coletados. É essa discussão preliminar e conjectural de interesses econômicos que passamos a discorrer ainda neste tópico.

Para o Marxismo, o capital, a estrutura econômica dominante, se reinventa em cada contexto histórico almejando manter ou aumentar a acumulação de riquezas (MARX, 2008a). Essa é a base do materialismo histórico, as categorias da mais-valia e da alienação na luta entre as classes dominantes e as trabalhadoras. Sem essa

compreensão não haveria que se pensar no MHD como método de evidência dos resultados dessa pesquisa.

A pesquisa proposta pretende estudar a qualidade de vida e o adoecimento do sujeito trabalhador em um contexto evidentemente histórico que é o da atual pandemia nas condições brasileiras. Se estes dados apontarem para um contexto de precarização da atividade docente diante das análises das categorias imbricadas com a qualidade de vida e com o adoecimento dos sujeitos, com relações fortes de causa-efeito pela reorganização laboral, teremos, então, substrato efetivo em que, certamente, assenta-se o MHD.

Por esse pensamento, temos que a precarização do trabalho, outra categoria do MHD, é antes de tudo uma estratégia econômica do sistema capitalista, operando no sentido da retirada de direitos dos trabalhadores, historicamente conquistados, valendo-se de momentos de crise e de altos índices de desemprego estrutural. No momento atual, além da crise econômica e da crise de saúde pública mundial determinada pela pandemia, o trabalho docente socialmente distanciado é outro elemento que já vinha sendo circunstanciado e que ganha impulso. A pandemia parece ter vindo a calhar para essa precarização[3]. A chamada “internet das coisas” já estava em curso de tensão com a Educação.

De acordo com Engels (1988), as inovações tecnológicas geram novas formas de divisão do trabalho e alterações na qualidade das relações sociais. Para Santos (2012), na enorme quantidade de transformações a que assistimos, o poder do dinheiro invade as esferas da vida humana, fazendo com que as relações entre as pessoas, apagadas pela lógica desse poder que quase tudo compra, pareçam coisas. No campo educacional, pode-se perceber essas ressonâncias principalmente no trabalho docente.

Nessa seara de entendimento, os docentes já afetados pelo aumento de exigências em relação à sua qualificação e à sua competência, não se reconhecem enquanto unidade, alienam-se, passam a disputar recursos para pesquisa nas agências de fomento, submetendo-se, portanto, a esta vulnerabilidade. É dessa forma que esses docentes parecem se tornar reféns de políticas de produtividade,

---

[3] Para o Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), “a precarização do trabalho no Brasil tem sido analisada pelas alterações no mercado de trabalho – crescimento da informalidade, de formas flexíveis de contratação, e do desemprego em determinados setores e ocupações e suas implicações para o indivíduo” (FERNANDES, 2010, *on-line*).

avaliativas e meritocráticas, como meio de sua subsistência mercadológica, por temer o subemprego. Ocorreria, com isso, uma subtração da importância do papel docente pela formação crítica, autêntica, sensível e libertadora do alunado, consequentemente, também a derrota docente no campo da política e da ética educacional.

Dentro dessa perspectiva, desdobramentos nefastos são percebidos. No atual momento de pandemia, dentre outras, temos duas situações preocupantes, do ponto de vista da precarização: a uberização[4] educacional e a educação remota emergencial. Na uberização há uma extensão do formato dessa relação original de trabalho para o setor da educação que se materializa fortemente no contexto da pandemia (FONTES, 2017). Nele, o docente é quem arca com todos os custos dos materiais e riscos do ambiente de trabalho, muitas vezes, sem garantias mínimas, sem horário fixo de trabalho e, ao mesmo tempo, regidos ou sob a subordinação implícita dessas empresas intermediárias, mediadoras do mercado educacional ou das mediadoras de tecnologias, por exemplo.

Para Fontes (2017), o trabalhador nessa situação se torna o provedor de todo o meio de produção, fica responsável pela sua manutenção e atualização, arca com todas as consequências que possam advir dessa relação. As empresas, por sua vez, passam a não ser regidas ou alcançadas pelos acordos coletivos e a pactuação passa para o plano individual, enfraquecendo mais ainda os trabalhadores docentes. A mediação tecnológica propõe salas virtuais que cabem muitos alunos e onde o valor da hora-aula fica menor e pode ser condicionado ao arremate nessas condições, vulnerabilizando mais ainda a categoria docente.

Mudam as formas históricas, mas permanece a essência problematizadora do MHD, a lógica deixa de ser a da autonomia e passa a ser a da extração da mais-valia por meio da redução dos custos da força de trabalho, ampliação da precarização das profissões e intensificação do trabalho de forma perversa e alienante, como ensina Silva (2019).

Conforme alerta Fontes (2017), a necessidade de subsistência torna-se um imperativo avassalador e urgente. Para a autora, essa necessidade é travestida

---

[4] Esta empresa corresponde a uma plataforma global digital que propõe a pactuação entre motoristas e usuários com necessidades de serviço de transporte. Na prática trata-se de uma contratação precarizada caracterizada por uma terceirização informal sem garantias trabalhistas e sem jornada definida de trabalho. A empresa conecta os sujeitos da relação e retém percentual sobre o serviço prestado.

dramaticamente pelo capitalismo como se fosse liberdade. Mesmo em plena crise pandêmica, a dimensão econômica se sobrepõe em relação às demais dimensões da vida, aprofunda o desmonte de direitos trabalhistas conquistados historicamente pelos docentes, impondo-se por uma justificativa de necessário ambiente de austeridade. Pode ser na verdade uma forma de extração de mais-valia por um controle ideológico que quer parecer como algo moderno, empreendedor, mas que, em totalidade, podem ser formas de exploração cada vez mais inescrupulosas.

Quanto ao Ensino Remoto Emergencial (ERE), temos uma situação em que os governantes, visando a evitar o agravamento do quadro sanitário, decidiram por essa reconfiguração radical, caracterizando-se como uma mudança temporária em função da crise e tornando-se a alternativa principal para continuidade das práticas pedagógicas em todos os seus níveis a fim de cumprir o ano letivo. Os docentes se viram obrigados a trabalhar nos ambientes virtuais de ensino-aprendizagem e a dar conta dos diferentes contextos, da imprevisibilidade e, muitas vezes, da falta de condições objetivas para a sua implementação.

Com base no parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE), CP nº 11/2020, que dispõe sobre as “Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia”, as instituições e os docentes foram lançados a se adequar a estas novas situações sob o olhar criticamente contundente da sociedade brasileira leiga (BRASIL/CNE, 2020, s.p.). Isso tudo em um cenário onde já havia uma forte movimentação das instituições privatistas pela venda de tecnologias para a Educação Remota.

Para Miléo *et al.* (2020, p. 91), “Os docentes passam, então, a lidar com o imprevisível, vivenciando medos, angústias e temores em seu cotidiano, tendo que (re)aprender seu ofício e (re)inventar suas formas de ensinar”. Além da perda de entes queridos, do risco natural de se infectar e de também morrer ou de conviver com sequelas da COVID-19, os trabalhadores da educação foram obrigados a se inserir neste contexto, sob pena de perder os seus postos de trabalho ou de outras sanções.

Mesmo os trabalhadores com uma certa estabilidade passaram a ser ameaçados por este processo. As jornadas de trabalho aparentemente se tornaram ampliadas pelo uso da tecnologia, sem qualquer aumento salarial correspondente, pois a preparação de materiais digitais demanda muito mais tempo e requer o aprendizado das novas ferramentas, que também exigem maior tempo. Ou seja, tudo isso custeado e em desfavor da qualidade de vida do docente trabalhador.

Além disso, as aulas passaram a ser disponibilizadas em plataformas livres sem remuneração por exibição, mantendo o trabalho docente numa perspectiva alienada, não humana, sem plena satisfação e que é feito apenas com sentido de produção de mercadoria que agrega valor (mais-valia). Este trabalho passou a ser apropriado pelas empresas privadas, fundações e institutos que avançam por meio dessa perspectiva em que o indivíduo seja capaz de consumir essa proposta de educação do capital, ou seja, educar-se por esses pacotes prontos para serem reproduzidos.

Mais ainda, vê-se um provável sistema ampliado de gerencialismo. Os docentes perdem a autonomia de sua reputação, pois passam a ser observados e monitorados integralmente, aumentando as tensões com esses novos mecanismos de vigilância e fiscalização. Muitas vezes, é transmitida essa responsabilidade aos pais e alunos e pode ocorrer um ranqueamento de qualificação, pois os docentes passam a ser avaliados, até mesmo, pelas próprias plataformas digitais, uma forma de responsabilização que expõe o profissional o tempo todo. Um mecanismo que também pode estar sendo utilizado para selecionar professores mais bem adaptados a esta nova realidade digital, inclusive desprezando bons educadores, numa espécie de darwinismo professoral em que há o risco de segregação dos que não se adaptem a esta nova realidade de trabalho (AFONSO, 2009).

Não se pode ignorar que essas novas situações podem gerar um processo de ansiedade, consequentemente, podem levar ao adoecimento do docente. Além do sofrimento gerado pela insegurança laboral, cresce também uma insatisfação pela precarização e pela falta de autonomia (às vezes, algumas atividades são colocadas para serem executadas sem que tenham sido preparadas pelo professor). Assim, haveria um aprofundamento da exaustão profissional, somando-se ainda o fato da exigência visual e auditiva pela fixação excessiva nas telas e nos equipamentos sonoros. Além disso, pode-se dificultar o processo de empatia pela falta de visualização dos interlocutores.

E mais, o distanciamento familiar e uma sobrecarga da docente matriarca em suas múltiplas atribuições domésticas, num cenário de aumento do patamar de percepção de ameaça pela COVID-19 ou num cenário de falta de perspectiva de prevenção e assistência, passam a ser ameaças psicológicas constantes. A nova realidade laboral acaba sendo um facilitador do uso indevido e manipulação de imagens, pois têm sido reportadas ameaças reais pelo enfrentamento dos temas

educacionais (persecuções jurídicas e ameaças informais partidárias contrárias), difamação e calúnias pela descontextualizações de falas ou de trechos editados delas e que acabam por trazer mais desgaste ao docente.

Parece-nos presente aqui todo o contexto favorável e problematizador para uma análise pelo MHD, pois os reflexos desse fenômeno sobre a qualidade de vida e o adoecimento do docente poderão ser captados e trazidos à realidade concreta por intermédio da pesquisa proposta. Os docentes em questão podem estar sendo expropriados de sua dimensão de vida para o atendimento dos interesses vorazes do capital, de organizações nacionais e internacionais com fins econômicos. As particularidades da pesquisa proposta também podem ser da mesma maneira contextualizadas.

2.3 Qualidade de vida e adoecimento como categorias do fenômeno dialogadas com o MHD

O MHD, enquanto teoria ou método, não corresponde a uma utilização formal de regras sacramentadas ou à aplicação de estruturas procedimentais. Segundo Fernandes (1984), o Materialismo Histórico-Dialético é uma tese do marxismo, segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona o conjunto da vida social e política. Segundo o autor, seria um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas. Para o próprio Marx (2008a), a implementação do método deve pressupor, inicialmente, a captura da aparência da realidade (a representação inicial do todo) que então deva ser convertido em objeto de análise por meio de processos de abstração resultando numa compreensão de tipo superior e expressa, aludida como sendo a realidade concreta pensada.

Essa análise passa ainda, segundo Marx (2008a), pela identificação ontológica das categorias de um fenômeno, ou seja, abstrações localizadas por um sentido comum e abrangente que compõem uma ordem do ser. São agrupamentos concebidos pelo pensamento e que assumem formas históricas e transitórias em sua expressão, assim, exibem-se como um produto conceitual. Para o autor, as categorias, embora possam ser expostas individualmente, têm elos (in)visíveis que dão sentido recíproco e, ao se complementarem, dão sentido à realidade social.

Categorizar parece dar definição a um grupo de elementos, objetos com semelhanças que encontram uma convergência conceitual.

Nessa linha de pensamento para o fenômeno em tela, duas categorias surgem de plano: a Qualidade de Vida e o Adoecimento do trabalhador docente. A fundo, no mergulho ou no descenso da abstração como indica o MHD, passamos a alcançar seus elementos materiais e históricos, suas intrínsecas e suas inter-relações individualmente.

2.3.1 Qualidade de vida docente e o MHD

Um observador superficial procurando entender o que seria a qualidade de vida (QV) do docente traria à mente, imediatamente, uma ideia de múltiplos fatores relacionados a ela. De maneira comum, ainda caótica, podemos pensar em elementos como prazer, saúde, disposição, satisfação, longevidade, completude, ou até os ambientar nas relações familiares, no trabalho, no lazer, na religiosidade ou na vida social, por exemplo.

À primeira vista, também parece ser uma compreensão que varia de pessoa para pessoa e que, assim sendo, também poderia mudar ao longo da vida de cada um, e ainda, dependerá do tipo de cultura em que o indivíduo se insere. Nesse último aspecto, é possível assumirmos prontamente uma característica que é a histórica, falando especificamente sobre a qualidade de vida do sujeito.

Também não é difícil pensar numa relação material para essa categoria já que parece estar associada aos fatores econômicos como determinantes. Ora, a qualidade de vida do docente parece ser uma questão de tensão entre o capital e o seu trabalho, como, por exemplo, a remuneração salarial, as condições e as jornadas de trabalho. À primeira vista, poderíamos imaginar que o lazer e a própria prática de atividades esportivas, muitas vezes, dependem de tempo próprio e de equipamentos particulares. Enfim, é fácil perceber que o materialismo é basilar ao se pensar a qualidade de vida, assim como o historicismo também se estabelece facilmente.

Prosseguindo no sentido de distanciamento do plano de senso comum proposto pelo MHD, mergulhando profundamente na abstração pelos conceitos, podemos verificar posicionamentos diversos, antagônicos ou sinérgicos sobre o fenômeno da qualidade de vida. Um sinal claro de que há uma dialética implícita no

fenômeno e que pode ser utilizada na interpretação de suas categorias. Mergulhemos, então, nessas dilações.

Começamos observando que as abordagens do tema qualidade de vida tem ocorrido numa espécie de "*frenesie*" científica, com centenas de publicações e pesquisas na contemporaneidade, mas, assim como há grande discussão, seus enfoques são numerosos, e da mesma forma se comportam os seus instrumentos de investigação. Consequentemente, quanto maior parece a divagação, mais distante parece estar a sua sistematização diante dos observadores e estudiosos do tema. Mister este que deva ser perseguido porque mesmo que não exista uma zona conceitual confortável e consagrada a despeito do tema qualidade de vida, este constructo deve ser perpassado com a profundidade epistêmica necessária e em busca ativa para essa sistematização.

Etimologicamente, o termo qualidade deriva do latim "*qualis*" e significa um modo de ser característico de algo, em si mesmo ou relacionado a outro diferente, podendo assumir significados positivos ou negativos (AULETE, 2021). Landeiro, *et al.* (2009) afirmam que o termo e o conceito de qualidade de vida (QV) são originários do crescimento e do desenvolvimento econômico ocorridos após a Segunda Guerra Mundial. Ainda segundo estes autores, esse conceito no Brasil começou a ser aplicado a partir de 1970, primeiramente circunscrito aos serviços de saúde e, após 1988, ficou consagrado com a promulgação da Constituição Federal (CF) cidadã e consequente criação do Sistema Único de Saúde (SUS). Seu enfoque foi dado inicialmente aos pacientes que eram usuários do sistema.

Para Day e Jankey (1996), as abordagens em estudos sobre qualidade de vida podem ser consideradas sob quatro óticas gerais: a econômica, a psicológica, a biomédica e a geral (holística). Para os autores, a abordagem econômica tem os indicadores sociais como principal elemento. Segundo eles, foram os norte-americanos os primeiros a popularizar esse enfoque e dele fizeram uma plataforma política nos anos de 1960. Sobre a abordagem psicológica, os autores buscam indicadores que tratam das reações subjetivas dos indivíduos às suas vivências. Nas abordagens biomédicas, a questão é de impactos das condições de saúde na capacidade de viver plenamente e, nas abordagens holísticas, ainda segundo esses autores, ocorre a percepção da multidimensionalidade desse construto, em que a Qualidade de Vida seria de análise complexa e dinâmica, diferindo de pessoa para pessoa, de ambiente e de contexto em que ela está inserida.

Tani (2002) dialoga no sentido de que para ter qualidade de vida não basta ter atendidas as necessidades básicas da vida no sentido de sobrevivência, como comida, bebida, vestuário e moradia. Também, implicaria não somente em ter saúde física e mental adicionadas nesse conjunto. Seria necessário, além dos anteriores, ter harmonia nas relações sociais, ter uma educação permanente e um bom relacionamento com o meio ambiente, ter tempo livre para o lazer e oportunidades de usufruto cultural. Gill e Feinstein (1994) dispõem que qualidade de vida é uma percepção individual e está relativizada a aspectos gerais da vida pessoal como a autoestima, por exemplo.

O que temos inicialmente é que são muitas dimensões pertinentes à qualidade de vida, mas esse mapeamento como soma de fatores também não é o bastante porque ainda há a questão da subjetividade dos indivíduos, e aí se aderem outros enfoques e conceitos. A percepção inicial é de que o termo qualidade de vida quer nos dizer muito, mas ao mesmo tempo, ainda não consegue delimitar o todo.

Caminhando em busca da clarificação (unificação e a universalização) conceitual, a *World Health Organization Quality of Life* (WHOQOL), um grupo de discussão sobre qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde (OMS), conceitua esse constructo (QV) como sendo a “percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores nos quais vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL, 1994, p. 3). Conceito que foi amadurecido pelas estratégias de mensuração em saúde pública porque houve a necessidade de um novo paradigma para o combate ao adoecimento das populações humanas pelo mundo. É em razão desse amadurecimento que partiu a compreensão de que qualidade de vida ultrapassa, e muito, a mera questão do bem-estar físico e mental, pois avança sobre outras facetas ou dimensões da vida humana, inclusive a da religiosidade.

Para a OMS (1998), na medida em que se aumentava o foco de interesse sobre aferições de saúde, as tradicionais taxas de mortalidade e morbidade restavam insuficientes, e daí, percebeu-se a necessidade de aferir o conforto e o bem-estar humano, de entender as motivações para as atividades diárias do homem. Isto também, porque as medidas de funcionalidade não eram suficientes para aferir um *status* de realização plena do ser humano. Dessa forma, houve um esgotamento de um modelo mecanicista pautado no conceito de saúde por ausência de doença. Ficou evidente a necessidade de uma compreensão distinta e mais abrangente sobre os

significados e os sentidos de uma vida humana harmônica ou motivada que, de fato, estão além das questões intrínsecas ao corpo e à mente e que se extrapolam para questões externas a elas.

Os cuidados de saúde passaram então a considerar a aferição dessa questão por meio de um referencial que seria o da qualidade de vida. Nessa perspectiva, já compreendendo saúde também de maneira mais ampla, é que a OMS (1998) a redefiniu para o “estado de completo bem-estar biológico, psíquico e social”. Para a OMS, entender o constructo de saúde, passaria pelo entendimento do conceito de bem-estar que, por sua vez, é atrelado à percepção de qualidade de vida, mas que diante da ausência de um consenso universal, criou o WHOQOL (1993) para perseguir este objetivo. Para além da clarificação dos conceitos, estava o desafio pela ampliação complexa e sistematizada da visão sobre percepção da qualidade de vida dos indivíduos. Nessa linha de construção da OMS, a aferição e a promoção do bem-estar humano prescindem dessa depuração analítica.

Além da saúde física e psicológica, do nível de independência, das relações sociais e das crenças pessoais, as interações amplas dos indivíduos com os seus ambientes seriam elementos determinantes. Além de multidimensional, o conceito de qualidade de vida estaria de fato inserido numa perspectiva de subjetividade dos indivíduos, o que seria também multicultural. Contudo, nem mesmo por isto, desistiu-se de sistematizá-lo a um termo comum e universalmente aceito. Pelo contrário, a busca foi e está crescente.

Nesse ponto, o WHOQOL (1994) agrupou aspectos que relacionam a percepção de qualidade de vida do sujeito com características semelhantes, chegando à compreensão sobre as dimensões da vida humana, segmentando-as por frações semelhantes, os domínios. E mais, procurou uma maneira na qual se alcançasse a validade intercultural, ou seja, que fosse cuidadosamente capturado, testado e universalmente aceito. O método da OMS foi desenvolvido na validação de instrumentos teorizados pela ideia de domínios, campos humanos de existência ou de realização prazerosa, bem como dos de sujeição aos sofrimentos, cuja resultante é dada pela mensuração individual e que seria um *score* de qualidade de vida do indivíduo.

A construção desses domínios e de suas facetas ocorreu por consenso entre os cientistas da saúde de diversas culturas, as pessoas da população geral, consideradas como “saudáveis”, e as pessoas que estavam em contato com os

serviços de saúde por motivo de doença (WHOQUOL, 1994). No projeto piloto foram propostos seis domínios (físico, psicológico, nível de independência, relações sociais, relações ambientais e crenças). Após as análises de conteúdo das respostas, das equivalências semânticas, de emprego de metodologias de escalonamento visual, um grupo de especialistas do WHOQOL (1994) conseguiu a redução das questões e o refinamento em facetas de cada domínio, conforme demonstrado no Quadro 1, adiante.

Quadro 1 — Domínios e facetas do WHOQOL-100 (Projeto Piloto Refinado)

Domínio I - Domínio físico
Dor e desconforto
Energia e fadiga
Sono e repouso
Domínio II - Domínio psicológico
Sentimentos positivos
Pensar, aprender, memória e concentração
Autoestima
Imagem corporal e aparência
Sentimentos negativos
Domínio III - Nível de Independência
Mobilidade
Atividades da vida cotidiana
Dependência de medicação ou de tratamentos
Capacidade de trabalho
Domínio IV - Relações sociais
Relações pessoais
Suporte (apoio) social
Atividade sexual
Domínio V- Ambiente
Segurança física e proteção
Ambiente no lar
Recursos financeiros
Cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade
Oportunidades de adquirir novas informações e habilidades
Participação em, e oportunidades de recreação/lazer
Ambiente físico: (poluição/ruído/trânsito/clima)
Transporte
Domínio VI- Aspectos espirituais/religião/crenças pessoais
Espiritualidade/religião/crenças pessoais

Fonte: adaptado de WHOQL (1994).

Contudo, pela necessidade de sistematização e uso de instrumentos de mensuração mais práticos, que demandam menor tempo para seu preenchimento, mantendo o interesse na cooperação e ao mesmo tempo as características psicométricas satisfatórias, o Grupo de qualidade de vida da OMS desenvolveu um instrumento abreviado, o WHOQL-bref (WHOQL GROUP, 1998).

Um painel de *experts* estabeleceu representações conceituais de cada domínio em que todas as facetas provinham e, dessa forma, itens do domínio meio-ambiente foram substituídos por serem muito correlacionados com o domínio psicológico. Outros itens foram substituídos da mesma maneira e uma análise fatorial confirmatória foi realizada para essa solução que ficou reduzida a quatro domínios: físico, psicológico, relações sociais e de meio ambiente. Um *score* sobre esses domínios revelaria o necessário para a aferição da qualidade de vida humana.

Entretanto, apesar dessa linha conceitual ter uma maior difusão por sua associação com o desenvolvimento desse instrumental abrangente e convergente (Anexo 2), não se pode perder de vista que outras propostas para a análise da qualidade de vida existem. Considerando a análise pelo movimento dialético, estas propostas seriam outros pontos de partida críticos e antagonistas, ou seja, outros enfoques teóricos se apresentaram, exatamente como anuncia o MHD.

Nessa contraposição, Almeida, Casotti e Sena (2018) chamam a atenção para as ideias de Edgar Morin, quando se considera a “completude” expressa no conceito de saúde da OMS, como a busca de uma totalidade, enquanto ela deveria ser para compreender a realidade por meio de uma complementaridade, tentando não encontrar definições únicas e totalitárias.

Para os autores, a viabilidade de unir as diversas dimensões da vida não está evidente no conceito da OMS. Para eles, tal conceito trata a ideia de saúde fragmentando-a em soma de partes e não como uma unidade complexa e que é influenciada e modificada por muitos fatores.

No contexto dessa compreensão anterior para a promoção da saúde, o constructo por eles utilizado, na complexidade que envolve o tema, é o de estilo de vida. Ele seria parte de um todo, influenciando e sendo influenciado por esse todo, por meio de comportamentos, positivos ou negativos, que contribuiriam na ordem e na desordem, um integrante da qualidade de vida das pessoas.

Nahas (2017, p. 13) adota como expoente essa visão holística sobre a qualidade de vida, a define como sendo “a percepção de bem-estar resultante de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais, modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano”. Para este autor, o estilo de vida pode levar a maior parte das pessoas a uma saúde positiva, com maior longevidade ou também ao contrário, com perda da qualidade de vida e da motivação.

De fato, segundo Nahas (2017), a adoção de determinados comportamentos pode ocasionar o desenvolvimento positivo do estilo de vida e, por conseguinte, da qualidade de vida. Assim, o estilo de vida apresenta alguns aspectos sobre os quais se pode ter o controle e modificar, como, por exemplo, a alimentação equivocada, o consumo excessivo de álcool, o estresse elevado, o isolamento social, o sedentarismo e outros que também estão associados ao adoecimento de diversos órgãos e sistemas do corpo humano.

Refletindo sobre tais comportamentos, observa-se que o estilo de vida se torna um conceito amplo, dependente das condições e oportunidades que as pessoas possuem. Dessa forma, fica possível entender a crítica de que sobre o complexo não se inicia a análise pelas partes, pois elas isoladamente não podem ser entendidas porque possuem suas próprias complexidades atreladas. Portanto, nessa linha de pensamento de Nahas (2017), não bastaria entender a fragmentação da qualidade de vida em domínios, posto que o “estilo de vida” seria um elemento determinantemente entrelaçado e indissociável.

Nahas (2017) afirma ainda que esses hábitos, comportamentos e a percepção da qualidade de vida mudam ao longo dos anos quando associados, mas que isso só ocorrerá se o indivíduo, conscientemente, enxergar algum valor em determinado comportamento que deva incluir ou excluir, além de perceber sua capacidade de realizar tais mudanças. De acordo com Priess (2010), atualmente, os indivíduos parecem estar mais preocupados com seu desenvolvimento profissional, técnico e cultural do que com seu bem-estar, lazer e demais fatores relacionados à qualidade de vida e essa realidade se reproduz, também, na carreira docente.

Uma outra forma de análise da qualidade de vida é da percepção da satisfação pessoal como aferição do nível de bem-estar. Para Renwick e Brown (1996), o fato de se sentir um alto nível de bem-estar subjetivo também pode ser denominado “felicidade”. Desse modo, os autores entendem que uma pessoa feliz, tem alto bem-estar subjetivo e está “satisfeita” com sua vida vivendo-a de forma positiva.

Por outro lado, uma pessoa com bem-estar subjetivo baixo está insatisfeita com a vida e vive emoções negativas com ansiedade e/ou depressão. Está infeliz com a sua vida, e pode adoecer.

Nesse movimento espiral de debate de ideias e de defesas de posições, o enfoque dado por Buss (2000) retoma o entendimento de que a qualidade de vida é um produto de um amplo espectro de fatores relacionados com as “condições de vida”

do indivíduo, citando como exemplo um padrão adequado com boa alimentação e nutrição; boa habitação e bom saneamento; boas condições de trabalho; presença de oportunidades de educação ao longo de toda a vida; de ambiente físico limpo; de apoio social; de estilo de vida responsável e de um espectro adequado de cuidados com a saúde.

Essa linha de conceito está mais voltada ao coletivo de indivíduos e ao ambiente, compreendida num sentido amplo os ambientes físico, social, político, econômico e cultural, por meio de políticas públicas e das condições favoráveis ao desenvolvimento da saúde e do empoderamento dos indivíduos e das comunidades. Não é incomum inclusive termos a leitura do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) como referência para a abordagem da qualidade de vida em determinadas populações, porque seria uma forma de aferir as condições de vida e indiretamente o grau de alcance das políticas de promoção da vida. Essa perspectiva dialoga com o MHD, onde a materialidade fica mais evidenciada como determinante da QV.

É aqui que fechamos esse movimento dialético para compreender o fenômeno da Qualidade de Vida (QV) do docente pela relação com o Trabalho (QVT), nos valendo ainda dessa materialidade evidenciada apropriadamente pelo MHD. Nesse sentido, Loscocco e Roschelle (1991) tratam a questão com um olhar mais específico indagando que a qualidade de vida deve ser analisada como a resultante da composição de realidades, que não devam ser separadas. Assim, sugerem categorias para o fenômeno mais materialmente dimensionadas e enfatizam o constructo Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) como central. Voltamos a esta questão reiteradamente nesse projeto e de maneira não proposital, mas como próprio fruto do movimento que o método nos conduz. Assim seguimos perseguindo.

Segundo Chiavenato (2004, p. 448), “A gestão da qualidade total nas organizações depende fundamentalmente da otimização do potencial humano”. Por este discurso hegemônico, portanto a serviço da dominação do capital sobre o trabalhador, é que o debate sobre qualidade de vida está intimamente atrelado às condições de trabalho. Pela argumentação de Castoriadis (1997), há sempre uma racionalidade no capitalismo. Ele visa, essencialmente, a aumentar a produtividade dos trabalhadores e diminuir os custos do adoecimento laboral.

O autor nos remete ao fato de que seria excelente para o capital o desaparecimento total do homem, pois as máquinas mecânicas ou as inteligentes não têm outro tempo ou espaço além do trabalho, ou seja, outras dimensões de vida fora

do trabalho. No entanto, de outro lado, o capital ainda precisa do trabalho vivo em certas atividades que dependem de habilidades manuais e mentais e que ainda não podem, no atual estágio tecnológico, serem realizadas pelas máquinas.

O que resta então ao capital, quando é impossível eliminar o “fator humano” nos sistemas de produção, é a gestão pragmática desses recursos, numa espécie de teatro da humanização do trabalho. Faz sentido, visto que a construção do discurso sobre qualidade de vida se entrelace diretamente com o da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT). É de interesse do capital entender e ampliar o prazer para a motivação do trabalhador em aumentar a sua produção.

Marques e Marques (2022, p. 51) entendem que:

> esta ideologia tem como uma de suas bases o individualismo que, nas relações de trabalho, perpassa pela responsabilização do/a trabalhador/a em torno dos problemas vivenciados na execução do seu trabalho, desconsiderando fatores como a flexibilização do mercado de trabalho marcado por um contexto de precarização.

Para o renomado psicanalista Freud (1996), os instintos, chamados de necessidades e desejos, são a chave para compreender o prazer e o sofrimento. Freud (1996) define o trabalho como um controle, por suas regras e disciplinas, em que a pulsão voltada para o prazer é constantemente ressignificada e os limites impostos são castrações instintivas. Estes últimos seriam preços a serem pagos por trabalhar, desse modo, os docentes podem vivenciar o sofrimento patogênico no lugar do prazer.

De acordo com D’Oliveira *et al.* (2017), o sentimento de prazer e o de sofrimento no trabalho são dialéticos e dinâmicos. Esses sentimentos inscrevem-se na dimensão subjetiva dos indivíduos, pois envolvem aspirações, valores, desejos e idealizações. Tais sentimentos sofrem interferência da organização do trabalho e do processo laboral, já que o mundo do trabalho é dinâmico, por sua vez, sofre a influência dos aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais que estão em um movimento espiral de mudanças.

O prazer é conceituado pelos autores como uma sensação de bem-estar e plenitude, tem relação com a experiência de vida, desejos, valores, com a construção social e psicológica de cada ser humano. Além disso, outros fatores, tais como o acesso a bens e ao consumo, o salário percebido, o reconhecimento pelo trabalho realizado, o sentido de utilidade do trabalho e a configuração da estrutura social e

econômica na qual se está inserido se relacionam a esta percepção de prazer. Em contrapartida, os mesmos autores explicam que o sofrimento é a energia pulsional que não acha descarga no exercício do trabalho e acumula-se no aparelho psíquico e ocasiona o desprazer e a tensão.

No ambiente laboral, o sofrimento surge quando se chocam as aspirações, os desejos e os valores do indivíduo com os da organização do trabalho, e ainda pelo fato de o trabalhador utilizar seus mecanismos de defesa para transformar ou se adaptar a tal situação sem sucesso. O sofrimento persistente é um determinante para o surgimento de doenças. Nesse sentido, o sofrimento pode gerar doenças psicossomáticas e mentais se a organização do trabalho não a reconhece e a neutraliza no diálogo com o trabalhador sobre suas condições de trabalho.

Percebe-se, então, a QV como um fenômeno de realidades diversas e carregada de subjetividades, sendo possível pensar em analisá-la sobre o prisma multidimensional ou em agrupamento em função de realidades distinguíveis, mas com semelhantes características. O MHD é o método que permite emergir relações da totalidade estudada com maior chance de identificação com a realidade concreta.

Entretanto, o MHD pressupõe tensão. O que seria pensar o oposto de Qualidade de Vida (QV) para um indivíduo? Se pensamos que a QV é um fenômeno de amplas facetas, mas que pode ser estudado pelos domínios anteriormente propostos, podemos pensar em um elemento que possa antagonizar cada domínio. Por exemplo, qual seria o oposto de qualidade de vida física? De maneira semelhante podemos aplicar esse entendimento ao domínio da QV psicológica. O adoecimento mental é o oposto necessariamente à qualidade de vida mental? Pelo disposto parece aplicável se falar em Adoecimento Ambiental como oposto da qualidade de vida no Trabalho?

Obviamente que poderemos encontrar as relações intrínsecas desses domínios, pois quem adoece é o sujeito que sofre influências que podem estar relacionadas ao trabalho, como causa ou pela perda de chances. Nesse sentido, o trabalho de Cardoso Júnior *et al.* (2018) encontrou relações positivas de autopercepção de níveis de estresse regulares em docentes do ensino jurídico superior privado com suas múltiplas jornadas de trabalho (maior carga horária de trabalho), confirmando correlação estatística destes com o pior estilo de vida, com o adoecimento silencioso e com o pior desempenho acadêmico.

Intrigante é pensar nessa medida ou nessa construção conceitual, sem pensar em seus sentidos e seus significados. Contudo, podemos pensar em um elemento comum de antagonismos aos domínios, também, na sua totalidade ou na QV. Uma proposta seria a de pensar um elemento responsável pela ruptura com a percepção do satisfatório e não com o ideal para cada domínio, por exemplo.

Alguns autores usam a categoria Estresse para significar esse antagonismo. Dentre eles, Norbert Elias, sociólogo inglês contemporâneo, aponta que existe um desenvolvimento amplo na civilização, que parte desde posturas positivas do bem viver às questões mais complexas, como mudança nas relações sociais e entendimento do ser humano. Para Elias (1984), as tensões pessoais resultantes levam a uma sensação de tensão e estresse, sendo o autocontrole constitutivo da natureza do ser humano, mas que, uma vez rompidos os seus limiares, em qualquer dos domínios, ocorreria a perda da qualidade de vida.

Para outro autor, Habermas (1989), no mundo do trabalho, as pessoas agem sempre de forma a manter-se e sublimam toda a sua agressão, e essa relação mecanizada de autocontrole, típica da evolução social, leva ao estresse. Acordos, datas e concorrência, a pressão do desemprego estrutural, baixos salários e o medo do próprio desemprego são expressões veladas do capitalismo que levam a um acúmulo de tensões, assim, contribuem ou causam esse estresse. Eis aqui o materialismo desse antagonismo. Repete-se que há sempre presença da historicidade que é determinada por momentos ou contextos econômicos da cultura, próprios de cada situação das sociedades. As crises capitalistas seriam, portanto, sempre um pano de fundo para o estresse, para o rebaixamento da qualidade de vida do trabalhador. Nesse sentido, uma pesquisa com recorte histórico pode avaliar o estresse em cada domínio da qualidade de vida do sujeito, por exemplo.

O que se infere diante do exposto é polêmico. Ora, se o ser humano pode absorver ou sublimar certo grau de estresse e se adaptar sem comprometer a sua QV é porque estresse não seria a categoria com significado diametralmente antagônico que se procura estabelecer. Aceitamos uma tensão teórica aqui. Se o estresse é algo inevitável no mundo capitalista, fundamentalmente no trabalhador, devemos pressupor que haja uma unidade ou categoria que delimita o teor ou o nível de estresse e que vá, então, polarizar com a categoria da QV.

Freud (1974) preleciona que o indivíduo funciona mentalmente regido pela busca do prazer e pela fuga do desprazer. Entretanto, as dificuldades do mundo

externo e as incessantes experiências de desprazer transformam o desejo na mais modesta realidade, no sofrimento. Na concepção de Dejours (1992), o sofrimento é uma luta do sujeito contra forças que o estão empurrando em direção oposta aos dos seus anseios. Segundo o autor, em grande parte, o sofrimento do indivíduo está relacionado à necessidade do trabalho ou durante a execução das suas tarefas.

Estes conflitos, muitas vezes, são resultantes das tentativas de adaptação entre a organização e o desejo individual. A organização do trabalho exerce uma ação sobre o indivíduo, afetando-o. Ele afirma que o sofrimento começa quando “a relação homem-organização do trabalho está bloqueada” (DEJOURS, 1992, p. 52).

Com isso, é possível entender que o estresse nem sempre é visto como agente antagônico na busca pela qualidade de vida. Segundo Selye (1975), se o estresse é uma resposta orgânica não específica para situações de exigência do organismo, a presença dele de forma moderada é uma normal adaptação às demandas do dia a dia, mas quando excessivo, passa a ser uma manifestação de sofrimento com reações físicas e emocionais de sintomas variados. Nessa seara poderíamos categorizar o sofrimento como uma categoria antagônica à qualidade de vida por seus domínios físico, psíquico, social e ambiental (trabalho).

Eis que não exaurimos o movimento na compreensão do fenômeno, mas aqui contribuímos com a possibilidade do emprego do método de Marx para a sua sistematização e universalidade de sua compreensão. A compreensão conceitual do fenômeno da qualidade de vida deve ser pautada pelo movimento dialético para chegar a um nível de abstração tal que só depois poder-se-ia entender o que dela pode restar, definida a sua real concretude.

Todavia, o que depreendemos é que o fenômeno da qualidade de vida docente pode ser estudado e entendido, por meio do método do Materialismo Histórico-Dialético, haja vista, que encontramos por intermédio dele uma característica universal; a sua relação direta com as condições de trabalho do docente. Seria uma dimensão central em função da qual se irradiaria todas as demais e que incluiria também a perspectiva da subjetividade, tão referida no fenômeno da qualidade de vida.

Não se pode pensar que o trabalho docente seja sempre prazeroso ou livre de qualquer sofrimento. O trabalho do docente lida com a imposição do mundo capitalista que coloca o sujeito cada vez mais espremido entre uma imagem ideal e uma realidade completamente diferente. É um trabalho cujo objeto é o Ser Humano. Um

trabalho de relações e interações humanas, e essa dimensão também implica em muita responsabilidade, que exige uma formação adequada e boas condições de trabalho.

De acordo com as ideias basilares de Marx e Engels, a visão econômica deve estar sempre em plano nuclear para compreender os fenômenos sociais em seus contextos históricos e o fenômeno da qualidade de vida dos indivíduos pode estar nela enquadrada. Elementar que pretendemos ter numa discussão ampliada, refutada ou confirmada empiricamente após a análise dos dados coletados.

2.3.2 Adoecimento docente e o MHD

Procurando no movimento do método do Materialismo Histórico-Dialético a referência que nos ajuda a compreender a realidade, partimos em busca das tensões intrínsecas e extrínsecas que podem delimitar as variáveis ou objetos do fenômeno a ser pesquisado.

> A produção capitalista, que essencialmente é produção de mais-valia, absorção de trabalho excedente, ao prolongar o dia de trabalho, não causa apenas a atrofia da força humana de trabalho, à qual rouba suas condições normais, morais e físicas de atividade e de desenvolvimento. Ela ocasiona o esgotamento prematuro e a morte da própria força de trabalho. Aumenta o tempo de produção do trabalhador num período determinado, encurtando a duração da sua vida (MARX, 2008a, p. 307).

Em tela o adoecimento do ser, do sujeito do fenômeno, do trabalhador docente do ensino superior cuja qualidade de vida deve estar sempre associada. Em linhas gerais, entender o adoecimento como a perda da saúde do indivíduo é perceber por senso comum, o passo inicial do movimento de interpretação do fenômeno. Da mesma maneira, podemos superficialmente entender o adoecimento do ser humano no domínio físico ou no domínio mental da qualidade de vida, ou mesmo de ambos. Então o que significa ter saúde ou estar doente de maneira mais precisa? Quais são esses significados para o docente em uma sociedade capitalista?

Revisitando agora o conceito da OMS (1948, s.p.), de que "Saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade", é que percebemos a abrangência e a profundidade daquilo que possa meramente ou caoticamente parecer antes de se mergulhar nas abstrações e nas

ideações conceituais. Se olharmos bem, para a OMS, a saúde reflete a conjuntura social das pessoas. Pelo ideário marxista, esta seria uma categoria que dependeria da classe socioeconômica das pessoas.

Essa posição estará, portanto, dentro de um contexto de época, de lugar, dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas e filosóficas do indivíduo. Mais do que isso, dependerá do entendimento do que é o bem-estar. Jesus (2006, p. 129), ao debater sobre as teorias do bem-estar e considerando a evolução teórica e prática assumida por este constructo ou categoria, define como “o resultado da orientação geral positiva do sujeito para os acontecimentos de vida”, o que de certo modo seria o grau de satisfação do sujeito nas suas múltiplas dimensões de vida.

Voltemos pela historicização do conceito de saúde da OMS, datado em 1948, criado para dirimir a celeuma que ora se percebe. Naquela época, este conceito de saúde “[...] refletia, de um lado, uma aspiração nascida dos movimentos sociais do pós-guerra, ou seja, da ascensão do socialismo. Saúde deveria expressar o direito a uma vida plena, sem privações” (SCLIAR, 2007, p. 37). Nessa caminhada, poderíamos entender que ter saúde seria algo inatingível quando pensamos que tal conceito ganha aspectos políticos, de difícil controle técnico e interventivo por seus juízos de valor pessoal e social dele inerentes.

Foi essa a reação das estruturas econômicas sobre o meio técnico quando pretendeu limitar o conceito de saúde na questão objetiva, segundo Scliar, retomando o conceito de saúde quanto à eficiência das funções físicas e mentais, corroborando assim o conceito de Boorse (1977, p. 37) de que “saúde é a ausência de doença”.

Ocorrem aqui tensões contextuais e temporais em relação à categoria saúde e, por conseguinte, a categoria adoecimento. O que quer significar a OMS é a possibilidade de um caminhar por uma melhoria contínua, evitando cada dia mais o adoecimento dos indivíduos.

Não se trata o bem-estar, de ausência de sofrimento, ou ausência de estresse ou ainda que seja sinônimo de qualidade de vida. Teríamos a soma de prazeres (emoções positivas) nas diversas interfaces da vida, como, por exemplo, no trabalho. Nessa base conceitual, o trabalho convencional poderia ser sempre observado como um potencial fator de predisposição ao adoecimento. Tentar desarticular o conceito da OMS sobre saúde é uma contínua reação da estrutura econômica sobre o campo social, em que o materialismo está fortemente presente.

Assim, até mesmo por intermédio dessa forma de dominação conceitual, o capital tenta limitar o papel do Estado na promoção social como fonte de saúde pública. Nesta perspectiva, Harvey (2008) aponta que o papel do Estado capitalista, neoliberal, é garantir, a qualquer preço, o funcionamento do mercado e esse preço é sempre pago pela classe trabalhadora pela flexibilização (precarização) das suas condições de trabalho, das conquistas coletivas e dos direitos trabalhistas, seja através do apelo ao gerencialismo nas instituições de ensino superior públicas ou pela desproteção, desregulamentação ou pela instabilidade dos vínculos nas instituições privadas.

Antunes e Praun (2015, p. 424) apontam que a precarização e a flexibilização são a base para o adoecimento do trabalhador. Segundo os autores, a flexibilização "[...] sintetiza o que parte dos autores da sociologia tem definido, desde os anos 1980, como *precarização do trabalho*".

> Compreendida como processo contraditório, a precarização desperta tanto resistências por parte dos trabalhadores como, tendencialmente, apresenta-se como processo contínuo, cujos mecanismos de imposição entrelaçam-se com as necessidades permanentes de valorização de capital e autorreprodução do sistema. Nesse sentido, a precarização é, por um lado, um fenômeno intrínseco à sociabilidade construída sob o signo do capital; por outro, uma forma particular assumida pelo processo de exploração do trabalho sob o capitalismo em sua etapa de crise estrutural, podendo, portanto, ser mais ou menos intensa, uma vez que não é uma forma estática. Nas épocas de crise — ainda mais quando esta tem um claro acento estrutural — o que se assiste é a sua intensificação, o que vimos denominando como a persistente tendência à *precarização estrutural do trabalho em escala global*, da qual o trabalho imigrante é sua expressão mais visível e brutal (ANTUNES; PRAUN, 2015, p. 413, grifos do autor).

Não existem, nesse sentido, limites para a precarização, mas apenas formas diferenciadas de sua manifestação, com maior ou menor intensidade. Antunes e Praun (2015) ainda discorrem acerca de outras questões que se encontram na base do aumento dos processos de adoecimento psíquico da classe trabalhadora no capitalismo contemporâneo, quais sejam: laços solidários rompidos: individualização e solidão no local de trabalho; a gestão por metas; além da terceirização: porta aberta para os acidentes e mortes no trabalho.

Pensamos que pesquisar o adoecimento do docente sempre se associa na pesquisa da qualidade de vida do mesmo sujeito. É a abrangência do campo social em relação ao pesquisar dos objetos e dos fenômenos.

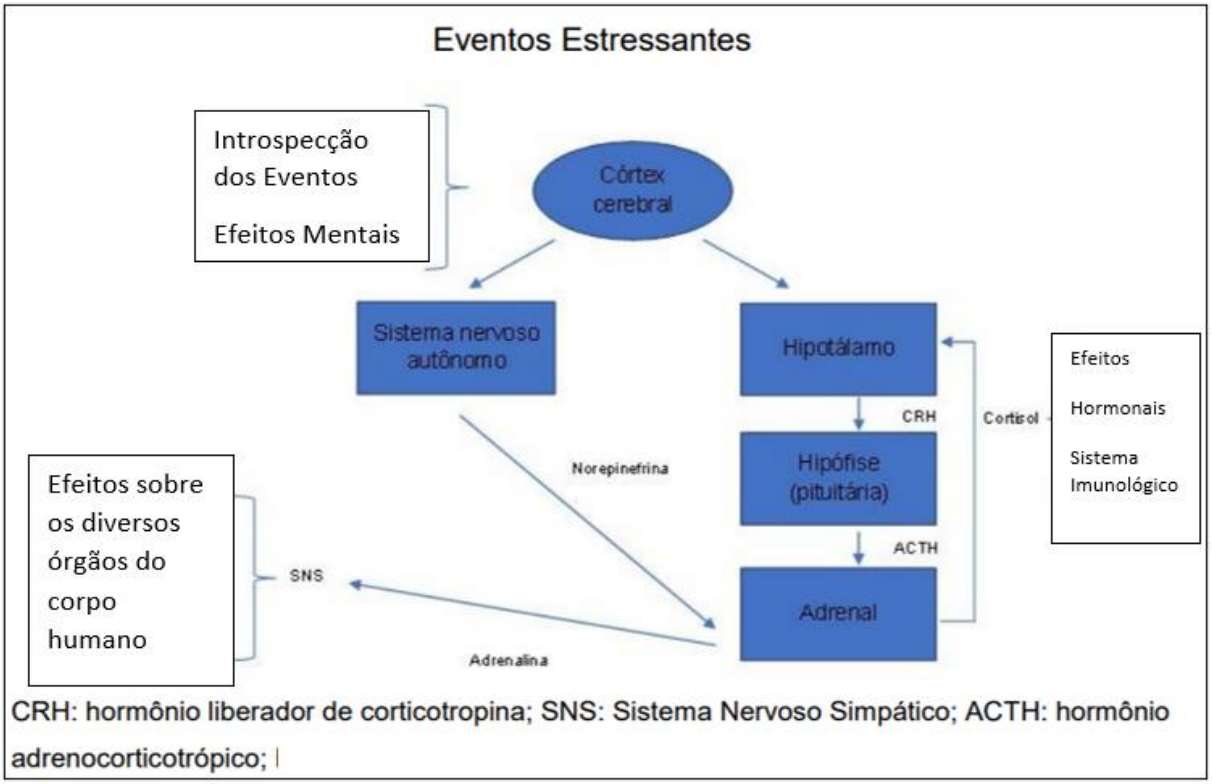
Pelo corolário exposto, a pesquisa deve seguir então por duas vertentes que se convergem. Aos pragmáticos e tecnicistas da área, seria difícil compreender que não é possível criar uma política pública sem critérios sociais, sem juízos de valor social. Ao capital se dedica este entendimento. Para ele, o trabalho convencional deve parecer sempre prazeroso e o adoecimento do trabalhador docente, apenas um desígnio pessoal.

Contudo, o que parece estar em evidência é uma exposição coletiva dos docentes a níveis variados de sofrimento, assim, de um nível de estresse deletério em função do trabalho. Essa exposição pode levar o indivíduo ao adoecimento físico e mental em razão da quebra da harmonia (homeostase) desse organismo. É o que explica o trabalho sobre estresse do renomado médico Hans Selye (1936).

Ele demonstrou, perante experiências, que o estresse em determinado nível promove reações bioquímicas em cadeia que promovem uma condição de descontrole fisiológico do corpo humano. Os estudos de Selye contribuíram assim para o estabelecimento do elo motivador de doenças decorrentes do estresse em função dos eventos de sofrimento intenso ou crônico.

A Figura 1, a seguir, demonstra resumidamente como o estresse pode induzir ao adoecimento. Do esquema, inferimos resumidamente que os estímulos de estresse chegam ao cérebro, determinando os estados mentais e influenciando circuitos autonômicos que podem levar a disfunções hormonais, imunológicas, bem como, afetar o funcionamento de diversos órgãos do corpo humano. Situações de estresse crônico estão quase sempre associadas a condições clínicas e degenerativas, tais como aumento da resistência insulínica, aterosclerose, hipertensão arterial, obesidade, osteoporose, alterações imunológicas e transtornos psiquiátricos (BORGES NETO, 2011; MATTOS, 2011).

Figura 1 — Esquema de ativação fisiopatológica de resposta ao estresse



Fonte: Adaptado de Sardá Jr., Legal e Jablonski Jr. (2004).

De acordo com Sardá Jr, Legal e Jablonski Jr (2004), as disfunções se apresentam por sintomas e sinais premonitórios do Sistema Nervoso Autônomo (SNA), ou seja, da parte inconsciente do funcionamento fisiológico do ser. Eis que temos o mecanismo em que o sofrimento pode se materializar pelos eventos estressantes que, em última análise, levarão ao adoecimento. Assim estaria firmado um modelo teórico em que o adoecimento se relacionaria diretamente com a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) do docente.

É nesse movimento epistemológico que se encontram subsídios que corroboram os enunciados do método marxista de análise dos fenômenos sociais. A exploração do trabalho docente é um determinante do sistema de produção que aumenta a cobrança para o engajamento e a superação das adversidades, enunciada como resiliência, mas que produz sobrecarga, sofrimento, estresse e adoecimento desse trabalhador. Por este mesmo motivo é que podemos entender um componente histórico do adoecimento docente. Hoje, este espaço parece estar sendo ocupado por discussões acerca da Síndrome de Burnout, também comentada adiante.

Reflexos do modo de produção em cada época de análise, é o que se pretende analisar na pesquisa em tela, uma vez que a abstração nos remete à validade do MHD em que há materialidade, há historicidade e há luta quando pensamos no adoecimento do docente do ensino superior em função do seu trabalho. Isto a pandemia pode ter evidenciado. O vírus pode ter a sua pedagogia na luta de classes.

3 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O projeto de pesquisa é, sobretudo, uma construção lógica e racional que emprega uma série de etapas encadeadas que favorecem o seu desenvolvimento seguro. Os procedimentos metodológicos são esse conjunto de processos sistemáticos, críticos e empíricos que serão aplicados no estudo do anunciado fenômeno que é o objeto da pesquisa (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

A estruturação da pesquisa se dá em dois momentos articulados, sendo o primeiro um levantamento bibliográfico, o estado da arte, já o segundo, a pesquisa de campo/empírica e a análise dos dados encontrados. Dessa forma, toda a atmosfera de problematizações, debates, reflexões, de levantamento de hipóteses e de proposições que ocorrem no presente trabalho serão balizados pelo referencial teórico, bem como da confrontação das informações colhidas na pesquisa empírica.

3.1 Procedimentos do Levantamento Bibliográfico/Estado da Arte

Em relação ao levantamento bibliográfico das produções na temática da pesquisa, tendo a usual indicação do programa de pós-graduação em curso, pela relevância acadêmica e a abrangência dos acervos, elegemos as seguintes bases ou portfólios de dados:

A) Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)[5];

B) Portal de Periódicos da CAPES[6];

C) Banco da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)[7];

D) O Portal Scientific Eletronic Library Online (SCIELO)[8];

E) Banco de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd) Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)[9];

---

[5] Disponível em: http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/
[6] Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/
[7]Disponível em: http:// https://bdtd.ibict.br/
[8] Disponível em: https://www.scielo.br/
[9] Disponível em: hhtps://www2.uesb.br/ppg/ppged/?post_type=produção

F) Biblioteca do Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO/ UFMG)[10];

G) Biblioteca da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)[11].

Como recorte temporal do levantamento, foi definido o período de janeiro de 2015 a julho de 2021. A consulta foi realizada combinando em todas as bases de dados os descritores “qualidade de vida”, “adoecimento”, “docente”, “professor”, “ensino superior”, “universitário”, “pandemia” e “COVID”. Os booleanos utilizados na busca foram “AND” e “OR”. Na base de dados CAPES foi empregado o caractere coringa (*) nos radicais “professor” e “universi” com a finalidade de expansão dos resultados.

Dessa pesquisa, muitos dos estudos inicialmente encontrados foram descartados. Os motivos que levaram a este descarte são justificados primeiramente porque não tratavam de professores do ensino superior; segundo, porque não tratavam da temática de interesse e os descritores eram apresentados apenas como um dado superficial e, em terceiro, porque não abordavam aspectos de saúde, qualidade de vida ou adoecimento do professor do ensino superior, mas de outras dimensões de vida.

3.2 O Enfoque da pesquisa empírica

Quando falamos do enfoque em pesquisas que são pautadas no Materialismo Histórico-Dialético (MHD), não podemos defini-lo por quantitativo ou qualitativo, nem mesmo nos valer do artifício associativo. A estatística utilizada articula ambos indissociadamente. Marques (1997) salienta que estes enfoques na lógica do MHD não estão em oposição, na verdade, são sempre complementares. Segundo o autor, tal entendimento faz parte de uma visão de que o quantitativo e o qualitativo se interpõem como duas faces da realidade de maneira que não é possível concebê-las uma sem a outra, ou nem uma separada da outra. Tanto os aspectos quantitativos, quanto os aspectos qualitativos, compõem a realidade.

Franco, Carmo e Medeiros (2013, p. 94) ensinam que:

[10] Disponível em: http://www.gestrado.net.br/
[11] Conferir em: http://anped.org.br/biblioteca

> A dialética como método de conhecimento pretende uma visão de totalidade. O particular e o universal são instâncias, numa linguagem lógica, subalternas que não se contradizem, mas são distintas numa formulação de proposição ou argumento. A visão do mundo na dialética pode partir do particular para se vislumbrar o universal ou parte do universal para se ter entendido com clareza o particular.

Gamboa (2010, p. 107-108) alega que as pesquisas crítico-dialéticas têm a "pretensão de desvendar, mais que o conflito das interpretações, ela busca o conflito dos interesses". Neste sentido, o enfoque dado a uma pesquisa que se vale do MHD não admite o rótulo convencional. Para o autor, essas pesquisas devem estar além, elas devem evidenciar um "interesse do transformador" nos fenômenos estudados, preservando a sua dimensão histórica para desvendar as suas possibilidades de mudanças.

Esse enfoque associativo permitirá que os resultados alcançados sirvam de apoio para a tomada de decisões e para a solução de problemas reais. Resultados que assim equacionados podem contribuir para a formulação de políticas públicas interventivas como produto útil à sociedade.

3.3 O alcance da pesquisa empírica

Numa pesquisa crítico-dialética, a realidade humana, necessariamente, é pensada como um movimento contínuo, e dentro da pesquisa o pesquisador está inserido nesse contexto que é de interesses, de anseios, de particularidades e de expectativas.

Se a realidade é dinâmica e carregada de conflitos, tentar vê-la como estática é um erro que, segundo Gamboa (2010), a pesquisa crítico-dialética não concebe, pois, a sua postura crítica alcança conflitos que estão em vários níveis de interpretação e não de profundidade baseada na mera medição de um ou mais atributos do fenômeno estudado, há de avaliar as suas contradições. O critério para a verdade no materialismo dialético deve se estabelecer no relativismo, uma vez que as verdades científicas não são definitivas, são graus do conhecimento limitados pela história (TRIVIÑOS, 1987).

É, portanto, uma pesquisa de múltiplas relações entre a parte estudada e a realidade social (totalidade), assim, tem o seu alcance definido por correlacional. Estuda as tendências centrais (média e moda), as correlações de Pearson e/ou o grau

de associações existentes entre os conceitos, as categorias e as variáveis dentro do contexto apresentado.

3.4 A População da pesquisa empírica

A população-alvo da pesquisa é formada por docentes de Programas de Pós-Graduações *Stricto Sensu* próprios da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), excluindo, portanto, aqueles docentes dos programas com atividade em rede nacional. A população-alvo foi escolhida de maneira que o estudo pudesse contribuir para a melhoria e a reflexão docente dos programas da própria instituição. Como critério de inclusão o docente devia estar em atividade nos respectivos programas antes e durante a pandemia. A adesão do docente ocorreu pela sua participação voluntária na pesquisa.

3.5 Os instrumentos de coleta de dados

Foram aplicados três questionários:

O primeiro (Anexo 1) para o levantamento sociodemográfico, do estilo de vida e das condições laborais dos docentes tendo sido adaptado do instrumento utilizado para estes fins no Estudo Monitoramento dos Indicadores de Saúde e Qualidade de Vida de Acadêmicos-MONISA, conforme Sousa *et al.* (2012), e questões sobre condições de trabalho docente.

O segundo (Anexo 2) trata-se do WHOQL-bref (OMS, 1998) questionário abreviado para avaliação da percepção da qualidade de vida elaborado pela Organização Mundial de Saúde por seu respectivo grupo de estudos

O terceiro (Anexo 3) para o levantamento de sinais e sintomas de adoecimento docente em função do estresse que foi adaptado do Protocolo de Disfunções Autônomas (PDA) em pacientes com e sem alterações da voz (DEMMINK-GEERTMAN; DEJONCKERE, 2002).

Foram solicitadas respostas comparativas em relação ao momento anterior à pandemia da COVID-19 e ao período pandêmico em questões avulsas acostadas aos dois primeiros questionários. Importa mencionar que os termos “satisfação” e “insatisfação” por serem melhor compreendidos pelas pessoas, foram utilizados no questionário para identificar os fatores que sugerem um estado emocional prazeroso

e para um não prazeroso, denotando um estado de sofrimento na vida geral e no trabalho.[12]

3.6 Os procedimentos de coleta de dados

Para a coleta de dados foi solicitada uma autorização da reitoria da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, momento no qual foram apresentados os objetivos do estudo e seus instrumentos, para a concessão do prosseguimento do feito com o apoio para a aplicação junto aos sujeitos da pesquisa. Ao abrir os *links* dos formulários foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no qual foi esclarecido que se tratava de uma pesquisa sem quaisquer efeitos avaliativos individuais e/ou institucionais e que as respostas, bem como a identidade dos sujeitos, foram mantidas em total anonimato.

Os formulários foram apresentados por meio da plataforma Web Google Formulários™ mediante convites enviados a todos os indivíduos da população-alvo pelos endereços de correio eletrônico fornecidos pela instituição. Os convites com *link* eletrônico para responder aos questionários foram enviados a partir do dia 13 de abril de 2022 e reiterados semanalmente até o termo final, em 01 de junho de 2022. Importante é mencionar que o Ministro da Saúde do Brasil, Marcelo Queiroga, assinou no dia 22 de abril de 2020 o fim da emergência em saúde pública começando a vigorar 30 dias após a publicação no diário oficial.[13] Portanto, a temporalidade da coleta coincidiu com os momentos finais da fase crítica da pandemia no país.

3.7 Os procedimentos de análise de dados

Para análise das informações obtidas nos questionários foi importado o banco de dados gerado em *software EXCEL*™ pela plataforma eletrônica para compor um banco de dados no programa estatístico *Statistical Package for Social Science* (IBM SPSS™), versão 20.0, em que foram processadas estatísticas descritivas, médias,

---

[12] Nossa compreensão sobre o prazer toma como referência as obras freudianas (FREUD,1992). Também dejouriana (DEJOURS, 1996). Tais autores são base epistemológicas na psicanálise. Ao contrário do senso comum, que toma prazer e sofrimento como pares dicotômicos, os compreendemos como pólos antitéticos, ou ainda, como uma unidade contraditória cujos pólos se relacionam de forma dialética, conforme argumentamos.

[13] Conferir em: http://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/ministerio-da-saude-declara-fim-da-emergencia-em-saude-publica-de-importancia-nacional-pela-COVID-19

modas e correlações. A escolha deste *software* ocorreu devido à especificidade e objetividade em lidar com os dados coletados e manuseio dos resultados estatísticos.

Foram estruturadas 242 variáveis que foram organizadas por campos de estudo;

A) Sociodemográficas: idade, cor, tempo de docência no ensino superior, gênero, estado conjugal, município de residência, índice de massa corporal (IMC), aparências, quantidade de pessoas na casa, renda pessoal, cargas horárias na instituição e fora dela, anos de graduação, programas em que trabalha, grandes áreas de formação.

B) Condições de saúde, hábitos e estilo de vida: níveis de estresse, satisfação, sono, hábitos de refeições e de alimentação antes e durante a pandemia, atividade física e de lazer antes e durante a pandemia aptidão física, comorbidades e fatores de risco e de estilo de vida, estado de saúde mental e física antes e durante a pandemia, infecção por COVID-19, testagem para COVID-19, vacinação, adoecimento e falecimento de familiares pela COVID-19.

C) Condições de trabalho antes e durante a pandemia: condições estruturais, ruídos e temperatura ambiente, limpeza e iluminação, equipamentos para aula, relacionamento com colegas, relacionamento com alunos, oportunidades de expressar opiniões e colaborar no desenvolvimento do curso, oportunidade de crescimento profissional motivação e ânimo para ministrar aulas, aperfeiçoamento e pesquisas na área, imagem perante a sociedade, treinamentos, recursos didáticos e remuneração

D) Qualidade de vida (WHOQOL-bref): WHOQOL domínio físico, WHOQOL domínio psicológico, WHOQOL domínio das relações sociais, WHOQOL Ambiental, WHOQOL autoavaliação, WHOQOL Geral.

E) Adoecimento antes e durante a pandemia (sinais e sintomas associados ao estresse): mãos frias e ou pés frios frequentes, suor excessivo, sente muito frio ou muito calor, diarreia, prisão de ventre intestino preso, gases, enjoos, falta de apetite, arrotos, azia ou queimação, dores no estômago, tontura, zumbidos, alterações na visão pontos luminosos, dificuldade de concentração, insônia, sente falta de energia, pouco ou nenhum apetite sexual, problemas urinários, necessidade de deglutir constantemente, dor de garganta ou rouquidão, respiração ofegante, alergia específica, espirros, problemas na pele, respiração nasal difícil, respira pela boca ou roncos, perda de audição, tensão na cabeça peso enquanto fala, necessidade

constante de bocejar, ranger os dentes, dor ou desconforto temporomandibular, dor no pescoço durante ou após a fala, desconforto no peito durante ou após a fala, cansaço ao falar, pigarros constantes, repetição de doenças respiratórias, palpitações do coração, dificuldade de se comunicar com outras pessoas, roer unhas, sensação de esgotamento físico, indisposição, nervosismo, depressão angústia medo e insegurança, tristeza, insatisfação desmotivação, isolamento solidão no trabalho, irritação falta de paciência, esquecimentos, perda do senso de humor, incômodo geral sem causa aparente, ansiedade, dores de cabeça frequentes, dores no peito, aumento da fome, sensação de desmaios iminentes, dores articulares, tensão e dor muscular.

Os dados obtidos pelos inquéritos das variáveis genéricas ora mencionadas foram classificados por aproximação em ordinais, por escalas ou por dados nominais de acordo com suas características e indicativos. Os dados em cada variável foram dispostos por categorias específicas que foram agrupadas genericamente em alguns casos para atender às testagens hipotéticas apresentadas no bojo dessa dissertação. A análise estatística considerou as frequências absolutas, relativas e a Moda[14] entre as categorias, bem como correlações entre variáveis de distribuição com respostas homogêneas (Pearson[15]) dialogando-as com categorias clássicas do MHD

3.8 Os cuidados éticos

No que concerne aos cuidados éticos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, seguimos as orientações da Resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Saúde (CONEP) (BRASIL, 2012). Foi tomada uma postura cuidadosa em relação ao esclarecimento dos sujeitos acerca do estudo.

A participação ocorreu de forma voluntária e foi confirmada após aceite eletrônico do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE/Apêndice A), mediante marcação confirmatória após apresentadas as informações acerca do estudo e de seus fins.

---

[14] A Moda é o valor mais frequente em um conjunto de dados, o que se repete o maior número de vezes numa amostra. É uma medida de tendência que representa um ponto central de uma distribuição de dados sendo a única que pode ser empregada para qualquer tipo de variável (LELES; MORO; DIAS, 2018).

[15] A Correlação de Pearson mensura a linearidade ou o comportamento de sentido semelhante entre variáveis (LELES; MORO; DIAS, 2018).

A pesquisa pertence a um projeto guarda-chuva intitulado *Indicadores de saúde, qualidade de vida e formação de docentes, discentes e profissionais da educação: estudo comparativo entre gêneros*, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com o parecer n° 4.410.612, vinculado à Universidade Estadual da Bahia (UNEB).

4 ESTADO DA ARTE: O MAPEAMENTO DOS DISCURSOS DO EXERCÍCIO DOCENTE E OS RESULTADOS SOBRE A TEMÁTICA

Para Romanowski e Ens (2006), estados da arte são aportes sobre o campo teórico de uma área focalizada e que se prestam para identificar lacunas, restrições, experiências, contribuições, problemas e soluções já apontadas nesta circunscrição. Um mapeamento teórico sobre o que se pretende pesquisar. Este capítulo trata-se de uma sistematização dialógica entre os autores alcançados pelo levantamento bibliográfico e pelo referencial teórico que discutem os fenômenos apresentados à baila do desenvolvimento desta pesquisa. Os procedimentos para este mapeamento em torno do tema da pesquisa já foram apresentados no Capítulo de Procedimentos Metodológicos.

O que foi encontrado nesse levantamento nos parece uma tentativa de homogeneização do conhecimento já produzido sobre o fenômeno ora estudado e que precisa ser ampliado pela especificidade do recorte histórico superveniente, a pandemia. Não houve pretensão de que as lições concatenadas sejam um mero exercício de poder, reforçando um mito cientificista, conduta esta, muito criticada pela professora Marilena Chauí por ser acolhida no seio do próprio corpo docente das Instituições de Ensino Superior (IES) (CHAUÍ, 1999). Se pela sistematização racional dos conceitos já produzidos cai por terra a ideia de originalidade desta pesquisa, voltemos nosso olhar para ideia de sua instrumentalidade, despindo este pesquisador desta vaidade, desta intencionalidade.

Após a leitura dos títulos e resumos retornados no levantamento bibliográfico, apenas um artigo contendo todos os descritores foi encontrado e apenas na base de dados Scielo, dentre todas as mencionadas no item 3.1 do capítulo anterior desta dissertação. Este artigo único tem o título: *COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários* em que seus autores, Santos, Silva e Belmonte (2021) relatam a realização de um levantamento bibliográfico com temática semelhante, porém, considerando fundamentalmente o adoecimento de natureza mental dos docentes do ensino superior. O levantamento desses autores foi realizado em setembro de 2020 e levou em consideração as bases Cumulative Index to Nursing & Allied Health Literature (CINAHL), Web of Science Thomson Reuters (Web of Science), bem como no Google Acadêmico (Google Scholar), na biblioteca virtual eletrônica Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e na Biblioteca Virtual em Saúde

(BVS). Os resultados encontrados pelos autores foram abrangidos por nossa pesquisa.

Referente aos descritores mencionados por afinidade ao tema proposto (exclusão de “COVID” e “pandemia”), no banco de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foram identificados 422 estudos. Após a leitura dos títulos, somente 16 produções foram selecionadas. No banco de teses e dissertações da CAPES, da mesma maneira, foram identificados 28 trabalhos, contudo, após a leitura dos resumos, apenas 5 dissertações foram selecionadas. Usando sempre os mesmos critérios, no portal Scielo foram identificados 21 trabalhos, porém, após a leitura de títulos e resumos, apenas dois artigos foram selecionados, mas eram repetidos. No Banco da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foram encontradas apenas três dissertações de mestrado, sendo que duas estavam repetidas. Nas bases da ANPED e do GESTRADO a pesquisa resultou nula para os descritores afins, embora trabalhos com outros formatos pudessem ser localizados. Não foram encontradas teses de doutorados produzidas com a temática nessas bases de dados. Os quadros 2 e 3, adiante, ilustram os resultados encontrados.

Quadro 2 — Artigos selecionados por ano de publicação e temática afim

Ano	Autoria	Título
2014	Ribas, Tânia Maestrelli; Penteado, Regina Zanella; García-Zapata, Marco Tulio	A qualidade de vida relacionada à voz de professores: uma revisão sistemática exploratória da literatura
2015	Pizzio, Alex; Klein, Karla	Qualidade de vida no trabalho e adoecimento no cotidiano de docentes do Ensino Superior
2016	Batista, Eraldo Carlos; Matos, Luís Alberto Lourenço de	O trabalho docente no ensino superior e a saúde vocal: um estudo de revisão bibliográfica
2016	de Abreu, Maria Angelica Godinho Mendes; Coelho, Maria Thereza Avila Dantas; Ribeiro, Jorge Luiz Lordelo de Sales	Percepção de professores universitários sobre as repercussões do seu trabalho na própria saúde
2017	Massa, Lilian Dias Bernardo; Silva, Talita Silvério de Souza; Sá, Isabela Sebastian Vieira Barbosa; Barreto, Bárbara Costa de Sá; Almeida, Pedro Henrique Tavares Queiroz de; Pontes, Tatiana Barcelos	Síndrome de Burnout em professores universitários
2017	Camila Arantes Ferreira Brecht D'Oliveira; Caroline Muller Almeida; Norma Valéria Dantas deOliveira Souza;	Prazer e Sofrimento no Trabalho: Perspectivas de Docentes de Enfermagem

Ano	Autoria	Título
	Ariane daSilva Pires; Luiz Carlos Veiga Madriaga	
2017	Davoglio, Tarcia Rita; Timm, Jordana Wruck; Santos, Bettina Steren dos; Conzatti, Fernanda de Brito Kulmann	Necessidades psicológicas básicas: definições operacionais na docência universitária
2017	Ferreira, Juliana Barros; Da Silva, Karollyne Rocha; Silva de Morais, Karla Cavalcante; Souza, Andréa Silva; De Almeida, Cleyara Pereira	Síndrome de Burnout em Docentes de uma Instituição de Ensino Superior
2017	Frizzo, Giovanni; Bopsin, Andressa	Saúde Docente e Precarização do Trabalho no Curso de Educação Física na Rede Privada de Ensino Superior
2017	Souza, Katia Reis; Mendonca, Andre Luis Oliveira; Rodrigues, Andrea Maria Santos; Felix, Eliana Guimaraes; Teixeira, Liliane Reis; Santos, Maria Blandina Marques; Moura, Marisa	A nova organização do trabalho na universidade pública: consequências coletivas da precarização na saúde dos docentes
2018	Camila Arantes Ferreira Brecht D'Oliveira; Caroline Muller Almeida; Norma Valéria Dantas de Oliveira Souza; Ariane Pires; Luiz Carlos Veiga Madriaga; Thereza Christina Mó; Mó Loureiro Varella	Trabalho docente de enfermagem e as repercussões no processo saúde-doença
2019	Sanchez, Hugo Machado; Sanchez, Eliane Gouveia de Morais; Barbosa, Maria Alves; Guimarães, Ednaldo Carvalho; Porto, Celmo Celeno	Impacto da saúde na qualidade de vida e trabalho de docentes universitários de diferentes áreas de conhecimento
2019	Cristina Berger Fadel; Makielle Tadei Flores; Sabrina Brigola; Camila Zanesco; Danielle Bordin; Alessandra de Souza Martins	Processo de trabalho e disposição ao estresse entre docentes de ciências biológicas e da saúde
2019	Branco, Fernanda Matos Fernandes Castelo; Farias, Francisca Luana de Sousa; Dutok, Carlos Manuel Sanchez; Neto, Tancredo Castelo Branco; Vargas, Divane de; Barroso, Tereza Maria Mendes Diniz de Andrade	Padrão do consumo de álcool entre trabalhadores de uma universidade pública brasileira
2020	Guimarães de Souza Neme, Gláucia; Limongi, Jean Ezequiel	O Trabalho Docente e a Saúde do Professor Universitário: Uma Revisão Sistemática
2021	Ferreira, Elizabete Cazzolato; Pejuk, Julia Alejandra	Sindrome de Burn-out: um olhar para o esgotamento profissional do docente universitário
Total		**16**

Fonte*:* CAPES (2021).

Quadro 3 — Dissertações selecionadas por ano na temática afim

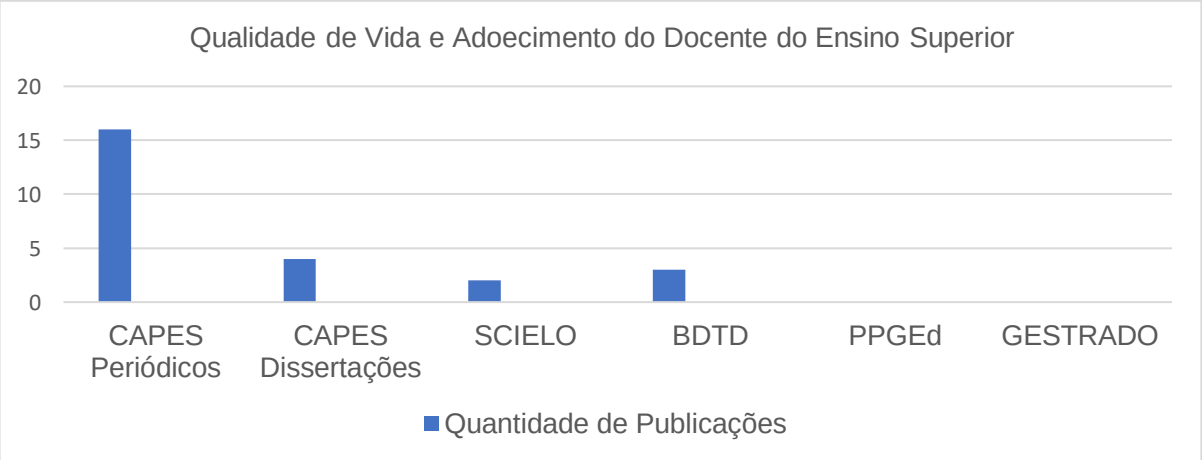
Ano	Autoria	Título	Produção/Publicação
2015	*Dayeny Karyne Cordeiro Sabino Braga*	Precarização do trabalho e seus impactos na saúde do	Universidade Federal Do Espírito Santo

Ano	Autoria	Título	Produção/Publicação
		trabalhador: professores substitutos da UFES	
2015	*Jane Rose Silva Souza*	*A relação entre as condições de trabalho e o adoecimento do trabalhador docente brasileiro*	*Fundação Oswaldo Cruz Rio De Janeiro*
2016	*Danielle Loren Costa*	Análise da relação entre saúde mental e trabalho de docentes universitários	Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte
2017	*Glaucia Guimarães De Souza Neme*	Estudo epidemiológico dos agravos a saúde prevalentes em docentes do ensino superior no Brasil	Universidade Federal De Uberlândia
2017	*Vanusa Cristina Dario*	Cultura organizacional e vivências de prazer e sofrimento no trabalho: um estudo de caso com professores de graduação em instituições federais de ensino superior	Universidade Federal Do Paraná
2018	*Eliza Penachi*	Estresse e Síndrome de Burnout EM professores do ensino superior: contexto de adoecimento e estratégias de enfrentamento	Universidade Tecnológica Federal Do Paraná
TOTAL			**6 Dissertações**

Fonte: CAPES e BDTD (2021).

Para ilustrar os quantitativos de publicações, por base de dados, encontradas com aproximação à temática afim da pesquisa (qualidade de vida e adoecimento do docente do ensino superior), apresentamos o Gráfico 1, a seguir.

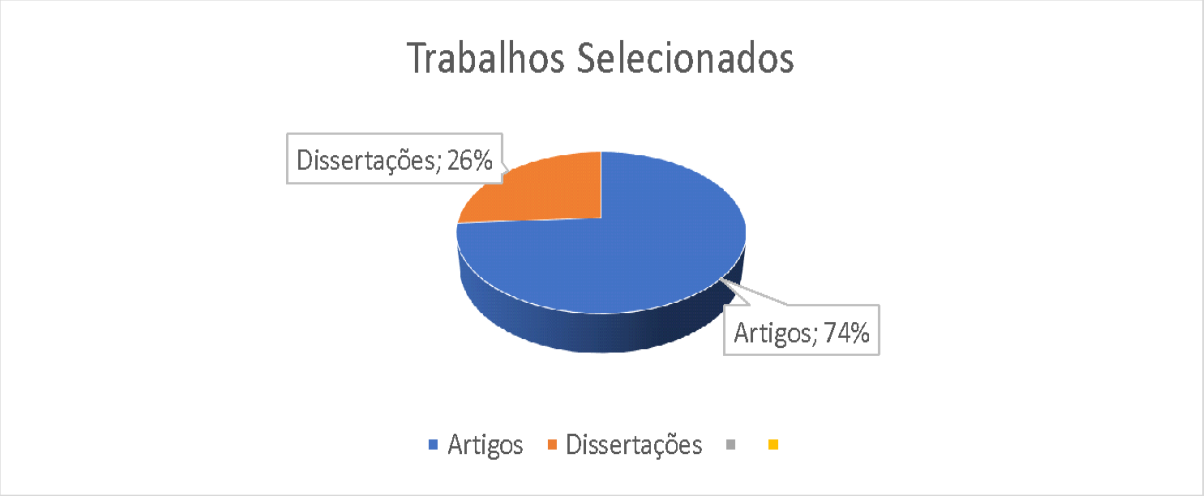
Gráfico 1 — Quantidade de publicações selecionadas por base de dados



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

O Gráfico 2, seguinte, demonstra a relação percentual por tipo de trabalho produzido.

Gráfico 2 — Relação percentual de trabalhos selecionados (artigos/dissertações)



Fonte: elaborado pelo autor (2021).

Do ponto de vista de distribuição geográfica das produções de pós-graduações, em nível de mestrado, notamos uma hegemonia das instituições do sudeste e do sul do país. Os artigos seguiram a mesma distribuição com destaque para os estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná.

A partir daqui começamos a trilhar este caminho para o estado de conhecimento da temática, pedindo vênia, contudo, para que antes possamos reconhecer a existência de um discurso de poder inerente ao fenômeno estudado e assim avançar para avaliação dos resultados com a consciência necessária e honesta de um conflito subjetivo já declarado em preliminar introdutória.

Ferreira (2019) ensina que para o filósofo pós-estruturalista Michel Foucault, a produção e manutenção de um discurso servem à operacionalização do poder. O discurso, para ele, é o resultado de uma relação de poder e é definido por um conjunto de regras de formação comuns, bem como, possui um marco que é emanado de uma autoridade institucional. Ainda de acordo com o autor, Foucault foi quem ensinou que “aquele que fala, que responde e que analisa a si mesmo é na verdade, aquele que se submete, que se constrange, que se torna vulnerável e impreciso” (FERREIRA, 2019, p. 84).

Nesse mesmo sentido, Sales (2008) entende que a análise de discurso, sob a ótica de Michel Foucault, é mesmo uma perscrutação arqueológica, ou seja, para compreender um discurso seria necessário retomar aquilo que não aparece no objeto, mas que foi fundamental para a sua construção.

De acordo com esses autores, o próprio filósofo ensina que o discurso não pode ser analisado somente pela sua linguística, mas como jogo de dominação e de esquiva, como uma luta. São nas searas de luta que os discursos pela qualidade de vida da classe trabalhadora docente da educação superior se apresentam.

Por mais óbvio que pareça a importância de lutar pela qualidade de vida, costuma-se esquecer as raízes históricas e os interesses ocultos desses discursos. Para Rodrigues (1999), a qualidade de vida no trabalho, desde a Antiguidade, é um objeto de preocupação que busca a satisfação e o bem-estar do trabalhador na execução de suas tarefas. A questão aqui desse momento é saber como esse discurso se tornou legítimo, ou seja, como essa preocupação se tornou uma demanda e foi apropriada pelos sujeitos do discurso que estudamos. Segundo França, Bosquetti e Veloso (2005, p. 2),

> [...] determinar a origem da preocupação com a saúde no trabalho pode significar estudar a origem da transformação da natureza pelo homem. Ou seja, a partir do momento em que o ser humano se utiliza de ferramentas e cria métodos para aperfeiçoar sua forma de subsistência, procurando de alguma forma reduzir seu esforço e diminuir seu sofrimento, pode-se dizer que há embutido o conceito de saúde atrelado ao trabalho.

Apesar dessa suposição teórica natural, outras teorias para a origem desse discurso são aventadas. Dentre elas, a sociotécnica, cujo discurso teria surgido quando o pensamento administrativo passou a predominar pela estruturação das relações de trabalho dentro das organizações, coincidindo, também, com as reivindicações coletivas dos trabalhadores. Outra teoria sugere que tal discurso emergiu em razão do ideal de “qualidade total na produção”, ou seja, decorrentes de programas promovidos pelas organizações para aprimorar a qualidade dos seus serviços exigindo “pessoas que *saibam* fazer e principalmente que *queiram* fazer mais e melhor, por isso precisam contar com empregados satisfeitos” (FERNANDES; GUTIERREZ, 1988, p. 31).

O que parece se deslindar é que o discurso de qualidade de vida de trabalhadores surge e se legitima em função dos interesses hegemônicos patronais,

pelo sustentáculo do poder advindo da qualidade na produção. Ou seja, não seria possível erguer um discurso de qualidade de vida sem o relacionar a questões laborais, isto é, um discurso de qualidade de vida no trabalho (QVT).

Embora haja grande produção contemporânea sobre o tema da QVT na docência superior, pouco ou quase nada, foi discorrido especificamente sobre a natureza relacional desse discurso. Contudo, seguindo a mesma linha de raciocínio anterior, partiríamos para o entendimento pela mesma gênese: a afirmação, a sedimentação e a difusão institucional. Seriam, pois, as Instituições de Ensino Superior (IES) as principais molas mestras propulsoras e interessadas na afirmação desse discurso?

Para Demo (2004), as IES têm a função de inovação científica e de intervenção na realidade. Locais que produzem conhecimentos sistemáticos ditos como superiores. Nessa perspectiva, preleciona o próprio Foucault (1987, p. 10) que “a verdade não existe fora do poder ou sem o poder (não é - não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar)”. Eis que, parece possível entender que essas instituições são espaços de discursos produzidos como verdades superiores e que os seus intelectuais docentes seriam os detentores desse poder, assim, também, dessa liberdade.

Ainda pela seara de Demo (2004), as Instituições de Ensino Superior, fazendo uso de seu próprio entendimento, mobilizam a cognição docente para a ampliação das suas teorias e possibilidades analíticas, por meio do conhecimento e da atividade crítica, perseguindo a manutenção dos seus discursos, dos seus saberes e de seus poderes. Dentre eles, o discurso pela qualidade de vida no trabalho que versa sobre os próprios docentes do ensino superior. Ele pode se configurar como mecanismos de poder disciplinar, de internalização de valores e de promoção de hábitos, comportamentos e atitudes que são ensejadas principalmente pelos fomentadores, governos ou grupos empresariais.

Essas análises, pela perspectiva foucaultiana, podem demonstrar o exercício do poder, ao elencar as melhores formas de existir. Ele estaria materializado mediante uma hegemonia disciplinar pela indicação de certos constituintes de vida dos sujeitos em relação ao trabalho, antes mesmo de ser uma suposta motivação pelo bem-estar do trabalhador.

Imbricada nessa relação, Dario (2017), em sua dissertação sobre a temática de qualidade de vida do docente no ensino superior, ensina-nos que a cultura organizacional é um instrumento de poder sobre o docente que fica ancorado num conjunto de representações imaginárias sociais, que se constroem e reconstroem nas relações cotidianas dentro da organização de ensino, e que se expressam em termos de valores, normas, significados e interpretações. Uma cultura que torna a organização uma fonte de identidade para seus membros

Para a pesquisadora, as organizações têm um ideal, uma missão. E, é dessa forma que elas se impõem sobre o indivíduo, dando-lhe a possibilidade de realização material, social e psicológica. Nesse pensamento, a pesquisadora chama a atenção para a necessidade de se debruçar sobre o fator humano das organizações e, citando Codo, Sampaio e Hitomi (1993, p. 63), provoca-nos no sentido que “a vida dos homens não se reduz ao trabalho, mas também não pode ser compreendida na sua ausência. Onde quer que estejam as causas do sofrimento dos homens, estarão em suas próprias vidas”. Além disso, corrobora que as vivências da pessoa em seu espaço de trabalho refletem em todas as áreas de sua vida, nos relacionamentos e, principalmente, na saúde física e mental. Dessa maneira, ocasionaria a perda direta da qualidade de vida do sujeito.

Aqui chegamos a um ponto de inteligência de que, partindo das vivências de trabalho que ocorrem nas organizações, podemos novamente conceber a existência distinta, ainda que inseparável, de campos, de dimensões de vida ou de domínios humanos, espaços-fontes de prazer ou de sofrimento; o domínio físico, o domínio mental, o domínio social e o próprio domínio ambiental (laboral). Partimos então para os resultados encontrados na construção de um estado de conhecimento sobre qualidade de vida e adoecimento do docente em tela e que deva ser paradigmático na pesquisa dessa dissertação.

Na sua linha de pesquisa, Dário (2017) trabalha as relações subjetivas do docente, a partir do momento em que ocorrem relações sociais guiadas por normas, regras e valores da sua organização ou instituição de ensino. No referencial usado por essa pesquisadora, o trabalho é visto como um mediador do processo de saúde e constitui-se fonte de prazer pelas possibilidades de realização, ou pelo contrário, constitui fonte de sofrimento, quando não promove este reconhecimento. Na pesquisa da autora, o adoecimento aparece quando todas as margens de liberdade na transformação, gestão e aperfeiçoamento da organização do trabalho já foram

utilizadas. Quando não há nada além das pressões negativas é que a insatisfação, o medo ou a impotência absorvem os docentes.

A pesquisadora aponta que o docente, quando levado ao adoecimento por fatores deletérios ou de sofrimento relacionados ao trabalho, determina prejuízos as organizações de ensino que se refletem no tempo sem aulas, gastos com reposição de professores, e até as aposentadorias antecipadas, ou licenças remuneradas por longos períodos. Além disso, aponta que ocorre aumento nos custos sociais para o país, pois o docente afastado por adoecimento gera outros reflexos de custeio, seja diretamente na máquina estatal, na saúde pública, por exemplo, como reflexivamente em terceiros por extensão das suas responsabilidades humanas.

Depreende-se, então, que o esforço para oferecer a educação superior de qualidade deve considerar a Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) do docente, preservando a sua saúde, como condição implícita na manutenção de todo o empenho realizado. Nesse contexto, a pesquisadora apresenta argumentos de que quando o indivíduo se engaja numa organização, o faz inicialmente com prazer, como se para si próprio, assim, tal organização oferece um sentido, um ideal de vida, uma possibilidade concreta de realizar vontades coerentemente, respondendo às necessidades que o docente traz em si. E esta satisfação é que deve ser mantida, recuperada ou estimulada.

Braga (2015), em sua dissertação de mestrado, edifica o seu estado de conhecimento partindo da ideia de que o trabalho influencia na vida cotidiana das pessoas em classes e nas relações sociais aí subjacentes, o que implica também na dimensão da saúde do homem que trabalha. Esta pesquisadora cita autores os quais advogam que a precarização do homem que trabalha implica na (des)constituição do homem enquanto ser social, em alterações no metabolismo social do trabalho e que se expressam na relação tempo de vida/tempo de trabalho nas quais o tempo de trabalho se apropria do primeiro.

Nessa linha de construção, a pesquisadora aponta, ainda, que a dimensão da saúde do trabalhador não deve se restringir aos nexos epidemiológicos da relação trabalho e adoecimento laboral apenas, antes deve apontar para onde se inserem as individualidades dos sujeitos pertencentes à classe trabalhadora. São as atividades que conduzem ao surgimento de danos à saúde que, por sua vez, são característicos de cada sociedade produtiva. É um metabolismo histórico, pois é dependente das determinações de cada tempo produtivo em que imerge o trabalhador.

Outro elemento importante considerado pela pesquisadora é que há uma característica constante de intensificação do trabalho docente, exigindo maior empenho físico e mental para a obtenção de maiores resultados, o que requer o prolongamento das jornadas de trabalhos. Assim, o trabalho que só aumenta em densidade e intensidade, traz impactos sobre a saúde dos docentes, que vão para além da dimensão física, pois se manifestam também na condição mental.

Entre as causas de sofrimento docente, a autora destaca a carência de tempo suficiente para realizar um trabalho decente; as dificuldades dos alunos; o aumento da carga horária; o trabalho burocrático que toma tempo e que se transforma em fadiga, a descrença no ensino como fator de modificações básicas das aprendizagens dos alunos e a modificação no conhecimento e nas inovações sociais como desafios que provocam grande ansiedade e sentimento de inutilidade. Inclui nesse rol as novas demandas (pesquisa, extensão, encargos administrativos e publicações científicas), que aumentam a sobrecarga, o estresse e o adoecimento.

Outros fatores apontados pela pesquisadora como causa de sofrimento dos docentes é a perda de autoridade de professor, que deve se relacionar com um aluno que se posiciona como cliente, em um contexto que transforma o ensino em mercadoria, bem como da necessidade de esse trabalhador lecionar em outras instituições de ensino como forma de complementação de salário.

Dessa pesquisa ela extraiu que a academia é um lugar insalubre para os professores, dada a frequência das doenças psicossomáticas que os acometem. A autora destaca alguns dos males mais diagnosticados, como gastrite, taquicardia, hipertensão, irritabilidade, insônia, depressão, síndrome do pânico, estresse e síndrome do esgotamento profissional (*Burnout*). Ainda de acordo com a pesquisa dela, a competição ferrenha e a contínua atualização tecnológica, dão origem a uma grande fadiga institucional.

Já para a pesquisadora Souza (2015), um dos mais significativos fatores que vem sendo definido como causa do adoecimento do professorado é denominado como assédio moral. Para ela, muitas vezes passa despercebida a nocividade que as condições e a organização do trabalho, assim como a relação que cada um com ele estabelece, trazem à saúde do trabalhador, que passa a adotar uma postura e atitudes negativas e críticas em relação ao trabalho que exerce. E segue dilatando que o assédio moral se caracteriza por uma conduta abusiva, mediante gestos e palavras, comportamentos ou atitudes que atentem contra a dignidade ou integridade psíquica

ou física de uma pessoa, o qual tem se constituído como um problema na sociedade contemporânea que muito afeta a saúde. Trata-se de alguém sofrer agressões (verbais, gestuais, simbólicas), causadoras de dano moral. Tal ação, praticada de forma recorrente acaba por resultar em exaustão emocional, em esgotamento, perda de energia e desânimo total.

O assédio moral afeta o equilíbrio emocional da pessoa e altera seu modo de se relacionar com o mundo e com os demais indivíduos. Os sentimentos negativos geram um comportamento de intolerância, de frustração, de isolamento e, às vezes, até agressividade nas relações afetivas do indivíduo, a exemplo das relações familiares.

Um esgotamento vai pouco a pouco tomando conta deste trabalhador que nesta situação se sente exaurido emocionalmente, devido ao desgaste diário ao qual é submetido e sente-se como se já não pudesse dar mais nada de si efetivamente. De acordo com a pesquisadora, o assédio moral pode causar ou agravar muitos transtornos psicopatológicos, psicossomáticos e comportamentais.

Em sua dissertação, Neme (2017) concorda que o ambiente organizacional de trabalho interfere com o estado de saúde dos docentes, devido aos riscos psicossociais presentes no ambiente acadêmico. Ela cita autores que afirmam que as queixas de dores osteomusculares e distúrbios da voz foram relacionadas a condições ergonômicas do trabalho, da mesma forma as doenças osteomusculares relacionadas ao tempo da jornada de trabalho. Em relação às condições físicas, destaca o ruído como predisponente a agravos à saúde, bem como às constantes obras e o estado de limpeza das instituições de ensino superior.

Penachi (2018) nos ajuda a compreender como o esgotamento emocional pelo estresse prolongado no trabalho tem se tornado um quadro cada vez mais frequente de adoecimento ocupacional do docente universitário. Ela nos lembra que no campo da Educação, no Brasil, têm sido recorrentes estudos sobre a saúde de professores, sobretudo relacionados ao estresse e à síndrome de *Burnout*.

A pesquisadora entende que o estresse é conceituado como uma reação do organismo com componentes psicológicos, físicos, mentais e hormonais que ocorre quando surge a necessidade de uma adaptação grande a um evento ou situação de importância. Por consequência do estresse mais avançado, a autora sugere outros problemas como: disfunções sexuais, envelhecimento precoce e problemas de pele,

como herpes, dermatites, urticárias e psoríase. O estresse pode também potencializar a incidência de ansiedade e depressão.

Já a síndrome de Burnout é explicada por Penachi (2018) como um processo que ocorre pela cronificação do estresse, está associado especificamente ao universo do trabalho e acarreta consequências negativas em nível individual, profissional, familiar e social. Ocorrem sentimentos de exaustão emocional, despersonalização e reduzida realização profissional.

Um estudo realizado por Wernick (2000), na Universidade Federal da Bahia (UFBA), revelou que os professores sofrem de cansaço mental, dores e varizes nas pernas, rinite, rouquidão e hipertensão arterial. Há relatos da presença de sintomas sensório-motores (tiques nervosos, agitação, incapacidade para relaxar) e sintomas físicos de resfriados frequentes, problemas gastrointestinais, dores de cabeça, fadiga, insônia, sensação de exaustão, tremores e falta de ar. Essa pesquisa também revelou uma associação entre as condições gerais de trabalho e a ocorrência de distúrbios psíquicos menores como tensão, cansaço, tristeza e alterações no sono. Apontou de maneira interessante que dentre esses professores universitários pesquisados, os que informaram possuir maior controle de suas atividades e elevada demanda de trabalho foram os que estavam mais propensos ao adoecimento por distúrbios psíquicos.

Sobre as manifestações afetivas, há relatos de humor depressivo, desesperança, falta de significado, ansiedade e sentimento de impotência no trabalho, acompanhados de uma baixa autoestima e de manifestações cognitivas como a dificuldade de concentração, perda de memória e dificuldade para tomar decisões (PIZZIO; KLEIN, 2015).

Do ponto de vista comportamental, há relatos de abuso de drogas, conduta de ironia, evitação, irritação, frustração, hiperatividade e dificuldade para controlar as emoções. Entre as manifestações sociais, encontram-se os problemas com colegas, superiores e subordinados. As últimas manifestações, relacionadas com a organização do trabalho, referem-se à perda de entusiasmo, do interesse e do idealismo, que podem levar ao absenteísmo e ao abandono do emprego (TAMAYO; TRÓCCOLI, 2002).

Sobre o uso de álcool, Branco *et al.* (2019) obtiveram resultados que sugeriram um consumo problemático numa parcela significativa da sua amostra de docentes universitários estudada, sendo necessária a implementação de medidas interventivas dentro do contexto de trabalho. Estas seriam pautadas na abordagem motivacional,

cujo objetivo foi identificar os níveis de risco de consumo de álcool e ajudar em mudanças comportamentais para redução ou cessação do consumo dessas substâncias.

Como se pode observar, no Brasil, já há estudos pré-pandêmicos em que os males descritos são atrelados diretamente às más condições de trabalho e à desvalorização do docente no ensino superior (ABREU; ÁVILA; RIBEIRO, 2017). Tais pesquisas foram apresentadas neste levantamento bibliográfico e edificam o estado do conhecimento sobre a qualidade de vida e o adoecimento docente no ensino superior brasileiro. O que se infere é que entre prazeres e sofrimentos, o sujeito alvo da pesquisa e a sua qualidade de vida no trabalho, caminham num crescente movimento de precarização e adoecimento, antes mesmo do advento da pandemia da COVID-19.

Não bastasse esse movimento, desde 2020, a sociedade global vem enfrentando um intenso advento que é a pandemia da COVID-19 e que impôs a necessidade do distanciamento social, com ele, grandes desafios e desdobramentos para a Educação, em especial, no Ensino Superior.

Dias e Pinto (2020) elencaram inúmeras atribulações que têm sido enfrentadas pelas instituições de ensino, tais como: falta de acesso a computadores, celulares ou internet de qualidade. Além disso, os autores ainda apontam que os professores precisaram aprender sobre plataformas digitais, inserir atividades *on-line*, avaliar os estudantes a distância, produzir e inserir, nas plataformas, material que ajude o aluno a entender os conteúdos, além das usuais aulas gravadas e *on-line*, tudo isso sem tempo hábil para testá-las ou capacitar os usuários para utilizá-las corretamente.

> Há ainda outros obstáculos graves, especialmente para alunos e professores mais empobrecidos, muitos deles localizados na periferia das grandes cidades ou na zona rural. Faltam computadores, aparelhos de telefonia móvel, software e Internet de boa qualidade, recursos imprescindíveis para um EaD que resulte em aprendizagem (DIAS; PINTO, 2020, p. 546).

A problemática anunciada por Dias e Pinto (2020), imposta ao ensino superior no contexto da pandemia da COVID-19, mobilizou ações conjuntas de enfrentamento das atribulações emanadas pela pandemia, levando em consideração as normativas legais pelo parecer CNE/CP n.º 11 (BRASIL, 2020).

As Instituições de Ensino Superior mobilizaram uma série de reuniões, em diversas instâncias, como as câmaras de graduação e de pós-graduação, Pró-

reitorias, Conselhos Administrativos, Conselho Universitários, dentre outras. Traçado o diagnóstico, os diversos cursos iniciaram o planejamento das ações a serem desenvolvidas ouvindo os docentes e técnicos das Instituições.

Para Santos (2020), a pandemia mostra de maneira cruel como o neoliberalismo alijou o Estado da sua capacidade de responder às emergências. As respostas à crise variam de Estado para Estado, mas todos revelam a sua falta de previsibilidade em relação ao que tem sido anunciado como de ocorrência próxima e muito provável.

Além da necessária adaptação do conteúdo e das rotinas para um modelo não usual, inclusive com experiências pedagógicas síncronas e assíncronas e ter que se apresentar para participar de conferências virtuais em horários diversos e não exordiais, o docente precisou ajustar a sua casa para lecionar e atender aos colegas nas diversas reuniões de trabalho.

A pandemia e o confinamento aceleraram um processo que já estava em curso, o da introdução mais intensiva da tecnologia na relação educativa. Agora, a questão que se impõe no confinamento são os meios para educar. Quase todo o debate sobre educação na pandemia se reduz às questões da educação à distância, do ensino remoto, da validação das horas e das cargas didáticas. Como outras mudanças provocadas pela exceção do momento de confinamento e distanciamento social, estas também podem se generalizar e se tornarem permanentes.

O contexto da nossa pesquisa parece ser de instabilidade em meio aos desafios da atualidade, em que o trabalhador já não detém mais meios de regular a natureza, à medida que lhe avizinha um vírus, sem precedentes históricos, sem, ainda, a garantia de imunização totalmente eficiente. Ainda, havendo o risco de contaminação e adoecimento físico e a instabilidade no emprego, os profissionais da educação, bem como em outras áreas da economia, em sua maioria, requerem conhecimentos específicos na utilização das ferramentas tecnológicas necessárias. Este novo estilo laboral pode provocar instabilidade emocional e psicológica com efeitos no organismo que atingem a saúde do professor, que se sobrecarrega além dos seus limites.

Aliada a estes fatores, há uma forte pressão por produtividade por parte dos gestores educacionais, conduzindo à intensificação do trabalho docente provocada pelo aumento no tempo de preparo das aulas, pela dedicação e pelo necessário

atendimento contínuo aos estudantes, conduzindo-o à condição de infoproletário. (PONTES; ROSTAS; ROSTAS, 2020).

Em suma, se já tínhamos um desenho “polimorfo” na organização da docência do ensino superior, a pandemia da COVID-19 pode tê-la tornado um fardo mais do que estafante e predisponente ao adoecimento. Pode ser revelada a face mais perversa do capital. Oportunizando-se da pandemia para consolidar sua real intenção, os meios empresariais podem se valer da deterioração das dimensões de vida pessoal do docente por meio de novas ferramentas, as digitais. Estas que aparentemente possam ser vistas como avanços educacionais, em verdade, podem precarizar as condições de trabalho do docente e vulnerabilizar o professor cada vez mais ao fim da sua qualidade de vida, assim, ao seu adoecimento, até mesmo, induzir-lhe a retirar a própria vida.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo visa à compreensão do fenômeno da qualidade de vida e do adoecimento docente dos programas de pós-graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) no contexto da pandemia da COVID-19.

Para a melhor compreensão do fenômeno foram analisadas as condições de trabalho e os estilos de vida dos docentes pesquisados; os níveis de estresse, os hábitos alimentares e recreativos, a aptidão física, a qualidade de sono, os fatores de risco crônicos para o adoecimento e os principais sinais e sintomas apresentados pelos docentes. Estas variáveis foram observadas estatisticamente em relação à autopercepção de satisfação geral (bem-estar) e aos critérios de qualidade de vida universalmente quantificados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (Instrumento WHOQOl-Bref).

Aderiram à pesquisa 80 professores (n=80) dentre um total de 292 que atuam nos 17 programas presenciais de pós-graduação da referida instituição de ensino superior.

5.1 Aspectos sociodemográficos encontrados sobre os sujeitos da pesquisa

Visando a uma melhor caracterização do perfil biométrico e sociodemográfico dos sujeitos pesquisados, foram criadas escalas e classificações de categorias para os dados e consideradas, *a priori,* as seguintes características sociodemográficas: idade, cor da pele, gênero, estado conjugal, renda, tempo de docência no ensino superior, jornadas de trabalho, além do tempo e das áreas científicas (grandes áreas científicas) de graduação dos docentes.

Dos 80 professores pesquisados, 9 estão na terceira década de vida (11,25%), 32 na quarta década (40,0 %), 29 na quinta década (36,25%) e 10 na sexta década ou acima de vida (12,5%).

Por gênero, a distribuição foi próxima do equitativo, sendo que 43 declararam o gênero masculino (54%) e 37 o gênero feminino (46%). Em relação à cor da pele, 3 participantes preferiram não responder (n= 77). Entre as respostas, 47 docentes se declararam como brancos (61,0%), 25 como pardos (32,5%) e 5 como pretos (6,5%). Somados, são 30 docentes (39%) que se declararam pardos/pretos, ainda assim, há um predomínio de indivíduos brancos dentre os pesquisados. Quanto ao estado

conjugal, 7 são solteiros (8,8%), 8 se classificaram como divorciados(as) ou viúvo(as) (10%), enquanto que a grande maioria, 65 dos pesquisados (81,3%), estão casados(as) ou vivendo com parceiros(as).

Almeida, Costa e Cardoso (2022) averiguando os níveis de ansiedade, depressão e de qualidade de vida em docentes de cursos da área da saúde de uma universidade privada de Guanambi, verificaram que 73,03% dos pesquisados são do sexo feminino e 26,07% do sexo masculino. Segundo os autores, a média de idade dos docentes pesquisados é de 34,44 anos, sendo a idade mínima de 24 e a máxima de 46 anos.

Piccoli, Cardoso e Cardoso Júnior (2022), com o objetivo de compreender os impactos dos meios de comunicação instantâneos, WhatsApp e Telegram, na qualidade de vida do profissional de educação, do município de Luís Eduardo Magalhães-BA, pesquisaram, durante a pandemia, 75 docentes da rede pública e privada, da educação básica até ensino superior, sendo 49 do sexo feminino e 26 do masculino; 33 eram solteiros, 32 casados, 3 viúvos e 7 separados ou divorciados; 21 docentes recebem de 2 a 3 salários, 30 de 4 a 6 salários, 14 de 7 a 10 salários e 10 docentes recebem mais de 10 salários.

Ruza e Silva (2016), com o objetivo de analisar as relações entre o trabalho e a subjetividade dos professores de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), opostamente, verificaram um predomínio feminino de 69,4%, que possuíam pelo menos um filho (72,2%). Os autores verificaram também um predomínio de casados (50%), sendo que 25% dos pesquisados estavam no grupo etário de 30 anos, 16,7% no de 40 anos, 36,1% de 50 anos e 22,2% de 60 anos.

Dos 80 docentes pesquisados, 5 deles já trabalham de 5 a 10 anos no ensino superior (6,3%), 40 deles têm de 11 a 20 anos de trabalho com ensino superior (50%), 28 dos docentes têm de 21 a 30 anos de trabalho (35%) e apenas 7 dentre os pesquisados têm experiência maior do que 31 anos de trabalho no ensino superior (8,8%). Dados que estão em consonância com a distribuição etária dos pesquisados.

Nonato, Sales e Cavalcante (2021), ao investigarem como a cultura digital e os recursos pedagógicos digitais foram articulados no Ensino Remoto de Emergência com 502 docentes da Educação Básica e Ensino Superior público e privado do Estado da Bahia, convergem, verificando que 150 docentes tinham mais de 20 anos na docência, em torno de 120 docentes tinham entre 5 e 10 anos, cerca de 90 docentes

entre 16 e 20 anos de docência, 80 tinham entre 11 e 15 anos e, em torno de 60 docentes tinham menos de 5 anos de docência.

Em relação às jornadas de trabalho, a grande maioria dos pesquisados, 71 pessoas ou 88,8% dos docentes pesquisados, dedicam-se exclusivamente à instituição de ensino em recorte. Dos apenas 9 pesquisados que não se dedicam exclusivamente à instituição (11,2%), 6 docentes têm carga horária de até 20 horas (7,5%) e 3 pesquisados carga horária de até 40 horas (3,7%) na instituição em tela.

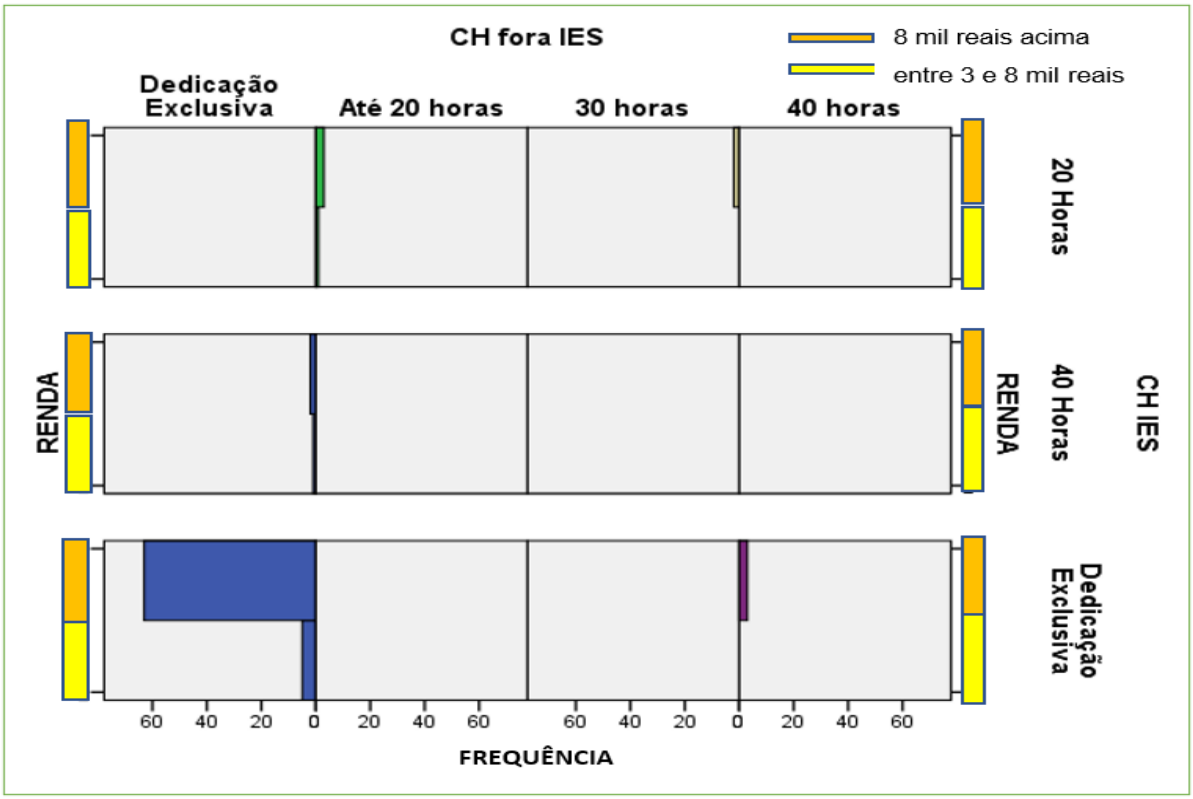
Na pesquisa de Piccoli, Cardoso e Cardoso Júnior (2022), dos 75 docentes pesquisados, 13 trabalham de 11 a 20 horas semanais, 10 de 21 a 30 horas, 17 trabalham de 31 a 40 horas, 21 trabalham mais de 40 horas, 7 têm dedicação exclusiva e 7 não têm jornada fixa ou têm até 10 horas semanais. Os autores afirmam ser essencial a percepção sobre remuneração do docente para seu desempenho profissional, uma vez que pode refletir na sua autoestima e valorização social.

Fagundes *et al.* (2018) realizaram uma pesquisa com docentes do curso de Educação Física de uma universidade pública do sudoeste da Bahia, antes da pandemia, com o objetivo de avaliar a qualidade de vida destes e verificaram que 14,30% têm carga horária de 20h, 71,40% têm carga horária de 40h e 14,30% são dedicação exclusiva. Segundo os autores, em relação ao tempo de docência, 28,60% possuíam de 5,8 a 10 anos, 35,70% com 11 a 20 anos de experiência e 35.70% de 21 a 30 anos.

Em relação à remuneração dos docentes pesquisados, 73 deles, ou seja, a maioria expressiva (91,3%), declarou renda acima de R $8.000,00. Apenas 7 pesquisados é que declararam a renda entre 3 e 8 mil reais (8,8%).

No histograma a seguir, um comparativo foi traçado que evidencia esse perfil predominante de remuneração e de jornada de trabalho mencionado — Carga Horária fora da Instituição de Ensino Superior (CH fora IES) e Carga Horária na Instituição de Ensino Superior (CH IES).

Figura 2 — Histograma do comparativo remuneração e jornadas de trabalho



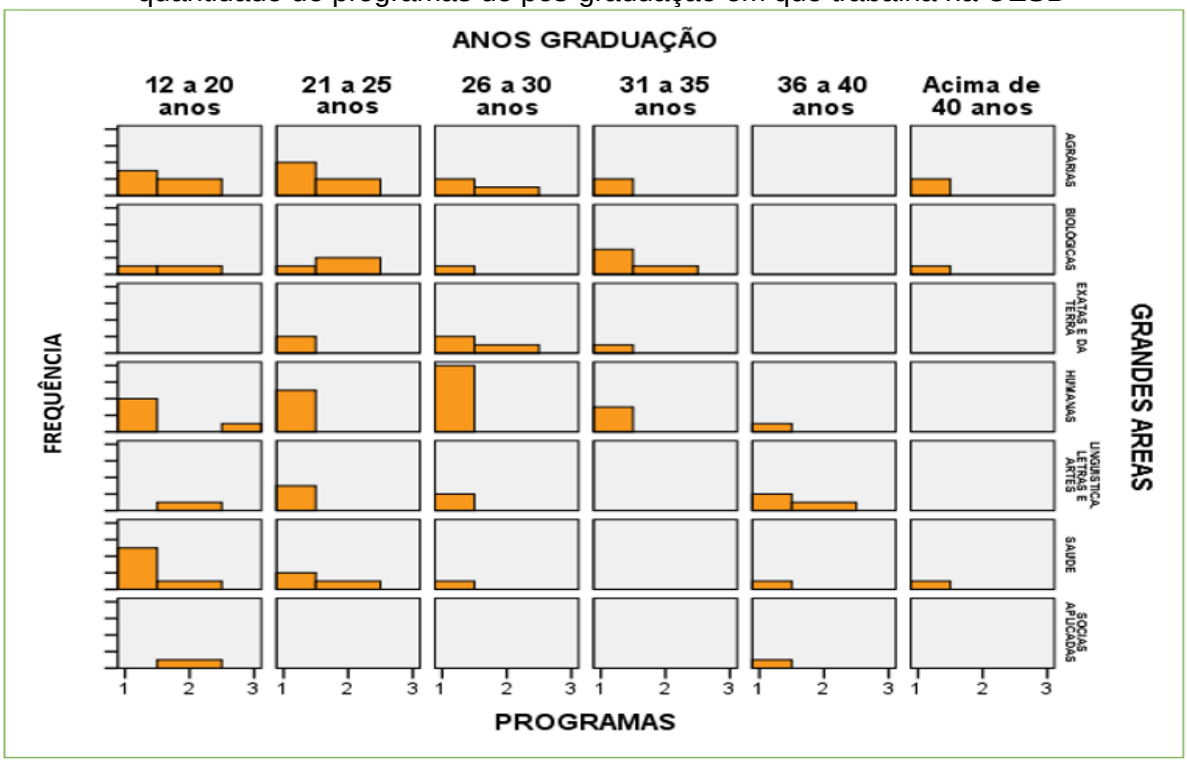
Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Na pesquisa de Almeida, Costa e Cardoso (2022), os docentes que participaram da pesquisa e recebem de 2 a 3 salários são 23,3%, de 4 a 5 salários são de 46,7% e 30% recebem mais de 6 salários-mínimos.

Em se tratando de formação e trabalho, foi possível traçar um paralelo entre o tempo de graduação, a área de conhecimento da graduação e a quantidade de programas de pós-graduação em que o docente exerce o seu mister na instituição de ensino pesquisada.

Entre os docentes que aderiram à pesquisa, 22 são das Ciências Humanas (27,5%), 18 docentes têm formação em Ciências Agrárias (22,5%), 11 são das Ciências Biológicas (13,8%), 6 são das Ciências Exatas e da Terra (7,5%), 9 são das Ciências Linguísticas, Letras e Artes (11,3%), 12 são das ciências da Saúde (15%) e apenas 2 dos que aceitaram responder os questionários da pesquisa é que são das Ciências Sociais e Aplicadas (2,5%).

Figura 3 — Histograma de relação de áreas de conhecimento, tempo de graduação e quantidade de programas de pós-graduação em que trabalha na UESB



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Em relação ao tempo de graduação dos pesquisados, 20 deles têm de 12 a 20 anos graduados (25,0%), 22 têm de 21 a 25 anos de graduação (27,5%), 18 têm de 26 a 30 anos (25%), 10 têm de 31 a 35 anos (12,5%), 6 têm de 36 a 40 anos de graduado (7,5%) e 4 apenas têm acima de 40 anos de tempo de graduação (5,0%). Distribuídos entre os 17 programas, a maioria ou 64 docentes trabalham em 1 só programa de pós-graduação (80%), 15 deles trabalham em 2 programas (18,8%) e apenas 1 docente (1,3%) afirmou que trabalha em 3 dos programas de pós-graduação da UESB.

Quanto ao local de residência dos docentes pesquisados, 70 deles, ou a grande maioria (87,5%), residem permanentemente nos municípios que têm *campus* da instituição; Vitória da Conquista (39), Itapetinga (12) e Jequié (19). Dentre os restantes, 8 moram permanentemente em outros municípios do interior do Estado da Bahia e apenas 2 moram na capital do Estado (Salvador).

Dentre todos os pesquisados, apenas 1 docente (1,3%) é que mudou de endereço permanente durante a Pandemia. Em relação à coabitação, 12 docentes moram sozinhos (15%), 26 com outra pessoa (32,5%), 19 (23,8%) com mais duas

pessoas, 19 (23,8%) com mais três pessoas e 4 (5%) moram com 4 ou mais pessoas na mesma residência.

5.2 Indicadores de estilos de vida e saúde no contexto da pandemia da COVID-19 nos sujeitos pesquisados

Em relação aos indicadores de estilo de vida pesquisados, foram consideradas as seguintes variáveis: nível de estresse, qualidade do sono, nível de satisfação geral, questões sobre a alimentação antes e durante a pandemia, atividade e aptidão física e lazer antes e durante a pandemia, relações corporais dos docentes, tabagismo antes e durante a pandemia, etilismo e adição antes e durante a pandemia, hipertensão, dislipidemia, diabetes e a autopercepção da saúde física e da mental antes e durante a pandemia.

As variáveis foram categorizadas em escalas de intensidades, em ordinais de frequências e pela presença ou ausência de fatores implicados, buscando estabelecer comparativos entre respostas solicitadas também em relação ao período anterior ao da pandemia da COVID-19 (antes e durante a pandemia).

Em relação ao estresse, 15 docentes (18,8%) declararam que nunca ou raramente se sentem acometidos. Já a maioria ou 43 dos docentes (53,7%) declararam que às vezes o sentem, mas que convivem razoavelmente bem com o estresse. Cerca de 16 docentes (20,0%) declararam que quase sempre estão estressados e 6 dos docentes pesquisados (7,5%) afirmam estar sempre estressados e com dificuldade para o enfrentar. Se considerarmos o primeiro grupo de docentes como por ausência ou estresse insignificante ou estresse negativo teremos que apenas 18,8% dos docentes não se enquadram como afetados pelo estresse, ao passo que, se os três últimos grupos forem considerados pela presença de estresse ou estresse positivo, teremos que 81,2% dos docentes se percebem acometidos por estresse.

O parâmetro estatístico da Moda (valor que mais frequentemente é citado), utilizado para análise de tendências centrais, aponta que entre as variáveis sociodemográficas obtidas em relação aos pesquisados, algumas categorias estão associadas à presença de estresse positivo entre os docentes pesquisados neste contexto. Foram elas: o estado civil solteiro; a residência fora das sedes da IES; morador único da habitação; acumulando 40 horas de jornada de trabalho fora da IES

pesquisada e a categoria de docentes que trabalha em 2 programas de pós-graduação.

Quadro 4 — Variáveis e categorias que estatisticamente apresentaram tendência (moda) compatível com valores de estresse positivo

Variáveis categorias	**Conjugal**	**Residência**	**Pessoas na casa**	**Jornada de Trabalho Fora da IES**	**Quantidade de Programas de Pós-Graduação que trabalha na IES**
	Solteiro	**Fora das Sedes**	**1**	**40 horas**	**Trabalha em 2 Programas**
Estresse positivo	**Presente** (MODA VALOR 2: Quase Sempre Estressados)				

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

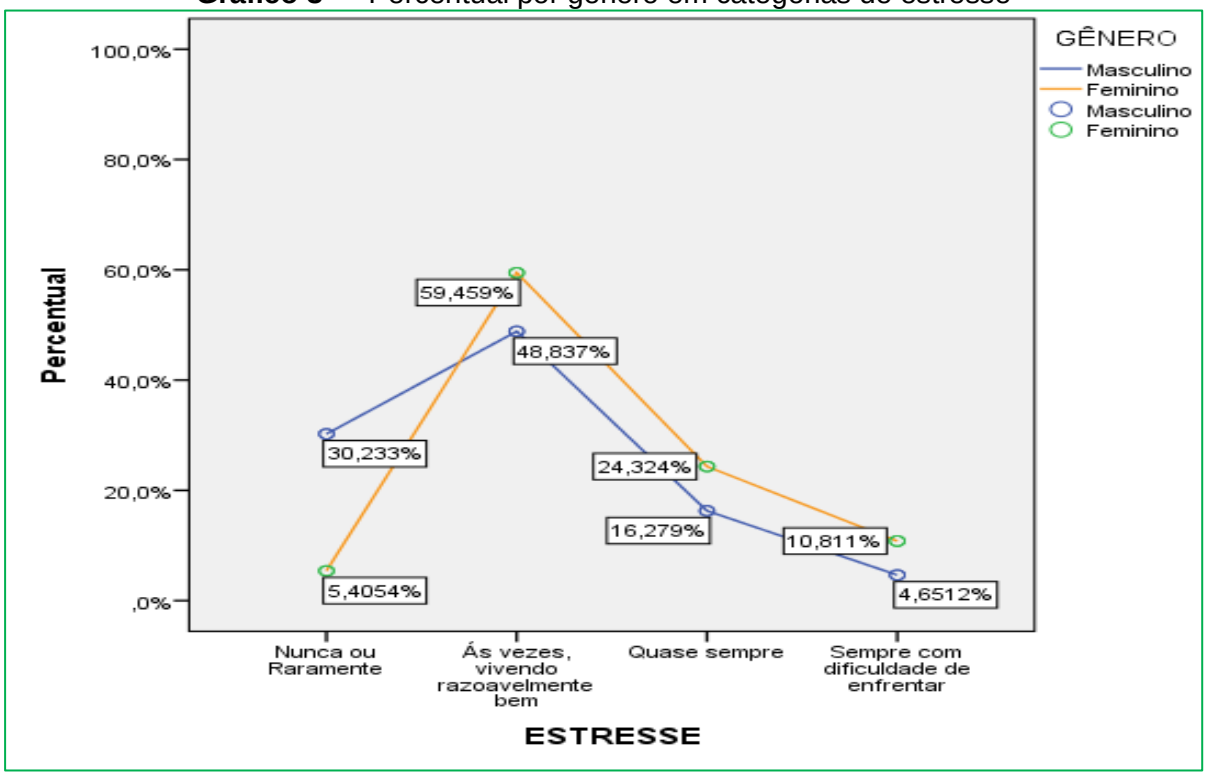
Assim, encontramos relação entre a variável estresse com variáveis sociais e laborais no contexto da pandemia. Os dados acima confirmam que o isolamento e o distanciamento social, bem como a sobrecarga de trabalho, foram fatores estressantes aos docentes pesquisados durante a pandemia da COVID-19.

Cardoso, Cardoso Júnior e Nunes (2016) investigaram a percepção da saúde, o ambiente e as condições de trabalho de 20 dos 24 docentes universitários do curso de Direito de uma instituição privada do sudoeste da Bahia. Os autores verificaram que, em relação aos indicadores de saúde e estilo de vida, para as variáveis Estresse e “Dorme Bem”, classificadas em negativo, positivo e regular, dos docentes de carga horária de até 20 horas, 2 foram positivos para estresse, 2 negativos e 5 regulares; 2 foram negativos para a variável “Dorme Bem”, 6 positivos e 1 regular. Dos docentes de 40 horas, para estresse, os autores encontraram, 1 positivo, 2 negativos e 5 regular; para “Dorme Bem”, 1 negativo, 3 positivos e 4 regular. Sobre os docentes DE, 1 foi negativo para estresse e 2 regular; para “Dorme Bem”, 1 foi negativo e 2 positivo.

Em relação às demais variáveis sociodemográficas e suas categorias anteriormente citadas, não foram encontrados dados estatísticos que fossem relevantes para tendência de estresse positivo.

Contudo, os dados demonstram que os docentes do gênero feminino apresentaram maior nível de estresse em todas as suas categorias comparativamente com os docentes do gênero masculino durante a pandemia. O Gráfico 3, a seguir, demonstra com clareza esse dado relevante.

Gráfico 3 — Percentual por gênero em categorias de estresse



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Ao analisar os apontamentos sobre o sono dos docentes, de maneira geral, encontramos que 38 docentes (47,5%) raramente dormem bem, 22 docentes (27,5%) às vezes dormem bem e os demais, 20 docentes (25%), sempre ou quase sempre, dormem bem. Quando inquiridos sobre a influência da pandemia em sintomas de insônia, 15 docentes (18,8%) alegaram que estes sintomas se mantiveram durante a pandemia, 26 docentes (32,5%) alegaram que estes sintomas aumentaram durante a pandemia, 11 docentes (13,85%) declararam que estes sintomas se desenvolveram durante a pandemia e 28 docentes (35%) declararam que nunca tiveram sintomas de insônia. Os dados da pesquisa nos permitem concluir que a pandemia influenciou significativamente na qualidade do sono dos docentes pesquisados.

Cardoso, Cardoso Júnior e Nunes (2016) verificaram nos docentes do curso de direito de uma universidade do sudoeste da Bahia, antes da pandemia, que é semelhante o perfil do nível de estresse emocional entre as categorias com tendência a um nível regular, porém, naqueles com jornada de vinte horas, encontrava-se o maior contingente de grau positivo de estresse. Os autores afirmam que em relação ao sono, houve tendência a pior qualidade entre os docentes que trabalham com 40 horas na instituição.

Piccoli, Cardoso e Cardoso Júnior (2022) quando analisaram os impactos dos meios de comunicação na qualidade de vida de docentes durante a pandemia, verificaram que, dos 75 docentes pesquisados, após disponibilizarem seu meio de comunicação, 20 informaram insônia, 48 informaram ansiedade, 3 informaram depressão, 29 informaram estresse, 3 informaram fobia social, 16 informaram fobia dos meios de comunicação, 1 informou que teve outras complicações e 20 informaram que não possuíram problemas.

Em relação ao estado de satisfação com a vida durante a pandemia, 1 docente não quis responder. Assim sendo, 8 docentes alegaram insatisfação (10,1%), 23 declararam satisfação duvidosa (29,1%) e os demais 48 docentes (60,8%) declaram uma satisfação geral positiva com a vida que leva durante a pandemia. Dessa maneira, o estado de satisfação foi inversamente proporcional ao padrão de estresse, de modo que a insatisfação geral com a vida durante a pandemia está associada ao maior estresse vivenciado pelo docente.

Ao analisar as questões relacionadas à frequência de refeições fora de casa, a Tabela 1, adiante, comparativamente, demonstra o efeito que a pandemia causou sobre esse aspecto, visto que se nota uma redução drástica deste hábito entre os docentes pesquisados. Observa-se que 26,3% dos docentes não comiam fora de casa antes da pandemia e durante a pandemia passaram a ser um percentual de 65% da população pesquisada, ou seja, um importante movimento no sentido de evitar a contaminação pela COVID-19 nos momentos de alimentação.

Tabela 1 — Frequência de refeições fora de casa antes e depois da pandemia

Frequência	Antes Frequência	Percentual Válido	Depois Frequência	Percentual Válido
Não come	21	26,3	52	65,0
Uma vez/semana	28	35,0	12	15,0
Duas vezes/semana	12	15,0	10	12,5
Três vezes/semana	6	7,5	1	1,3
Quatro vezes/semana	4	5,0	2	2,5
Cinco vezes/semana	4	5,0	1	1,3
Sete vezes/semana	5	6,3	2	2,5

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Cardoso Júnior *et al.* (2018) avaliaram as jornadas de trabalho dos docentes universitários do ensino jurídico, antes da pandemia, correlacionando os indicativos de seu desempenho no ambiente acadêmico e de seu estilo de vida e verificaram que dos docentes de 20 horas, 6 não realizam refeições fora de casa em dias de trabalho, 2 realizam até 2 dias e 1 docente realiza de 3 a 5 dias. Em relação aos docentes de 40 horas, 3 não realizam refeições fora de casa, 2 realizam até 2 dias e 3 realizam de 3 a 5 dias; os docentes com Dedicação Exclusiva, 1 não realiza e 2 realizam de 3 a 5 dias.

Em relação ao Índice de Massa Corporal (IMC) dos docentes, 33 (41,3%) têm o índice normal, 28 docentes (35%) estão com sobrepeso e 19 docentes (23,8%) são considerados obesos. Em relação à prática de atividade física e lazer, os docentes elencaram motivos que a dificultavam antes da pandemia se instaurar e durante a pandemia. No período pré-pandêmico, os quatro principais motivos elencados por ordem crescente de frequência foram: excesso de trabalho (51,9%), falta de vontade (10,1%), obrigações familiares (7,6%) e cansaço (6,3%). Entre os docentes obesos, observou-se uma tendência para justificar a falta de atividade física em função da distância até o local da prática. Durante a pandemia, os motivos apontados foram o excesso de trabalho (53,8%), falta de vontade (16,3%), falta de condições de segurança (15%) e obrigações familiares (11,3%).

Neste último contexto, os docentes obesos tenderam a justificar a falta de prática de atividades físicas decorrente da desmotivação e do excesso de obrigações familiares. Antes da pandemia, 19% dos docentes pesquisados não percebiam qualquer dificuldade para a prática da atividade física, percentual que reduziu para 11,3% durante a pandemia.

Cardoso, Cardoso Júnior e Nunes (2016) verificaram que a frequência da prática de atividade física entre os docentes do curso de direito é maior nos que têm menor carga horária na instituição e apontam um alto índice de sedentarismo na amostra estudada, destacando o cansaço como principal fator citado como limitante para a prática de atividade física.

Quando perguntados sobre qual o principal motivo de se sentirem atraídos a praticar atividades físicas, 27 docentes apontaram a necessidade de bem-estar (33,8%), 10 docentes apontaram a necessidade de condicionamento físico (12,5%), 2 docentes deram importância estética à prática de atividade física (2,5%), 19 docentes

(23,8%) deram importância à atividade física por motivos de prescrição em saúde (orientação médica, psicológica ou nutricional).

Importante mencionar que, após transcorrido um longo período de pandemia, foi que os docentes responderam à pesquisa, quando inclusive já havia alto índice de vacinação, menor mortalidade e hospitalização, também, já se perfaziam preparatórios e debates no sentido do retorno às atividades presenciais. Nesse momento, sobre a sua aptidão física, 23 docentes perceberam piora da sua aptidão física (31,5%), 31 docentes declararam aptidão física semelhante (42,5%) mesmo com o curso da pandemia, enquanto 19 docentes (26%) declararam melhora na aptidão física em relação à pandemia. Nesse quesito, 7 pessoas (8,8%) não quiseram responder.

Em relação aos hábitos humanos como o tabagismo, o etilismo e à adição (drogas ilícitas), foram coletadas respostas comparativas entre o período prévio e o pandêmico (já em recrudescência).

Sobre o hábito de fumar, 70 docentes (87,5%) nunca fumaram, 3 docentes pararam de fumar (3,8%) durante a pandemia e, os dentre os 7 docentes fumantes (8,8%), 3 docentes aumentaram (3,8%) a quantidade de cigarros por dia, 1 docente a reduziu (1,3%) e 3 docentes mantiveram (3,8%) o mesmo consumo de cigarros por dia durante a pandemia. Em relação às tendências estatísticas comparativas, observou-se que há maior nível de satisfação geral entre os que nunca fumaram e os que têm o hábito de fumar mais de dez cigarros por dia, ao passo que encontramos uma tendência à insatisfação com a vida entre os que pararam de fumar (Moda =0)

Cardoso Júnior *et al.* (2018) verificaram entre os docentes do ensino jurídico que os docentes de 20 horas, todos, nunca fumaram; dos de 40 horas, 6 nunca fumaram, 1 parou de fumar e 1 fuma até 10 cigarros; dos docentes de Dedicação Exclusiva, 2 nunca fumaram e 1 parou de fumar.

Sobre o etilismo, 24 docentes (30%) declararam que não têm o hábito de beber, 8 docentes (10%) diminuíram o hábito e 23 docentes (28,7%) permaneceram com o mesmo hábito de beber. Contudo, 25 docentes (31,3%) aumentaram o etilismo durante a pandemia.

Em relação às drogas ilícitas, 4 docentes (5%) não quiseram responder (n=76). Assim, 73 docentes (91,3%) responderam que nunca usaram drogas ilícitas e 2 docentes (2,5%) reduziram ou interromperam o uso durante a pandemia. Apenas 1 docente (1,3%) aumentou o consumo durante a pandemia.

Foi encontrada uma tendência ao estresse positivo nos docentes usuários de drogas ilícitas e da mesma maneira no grupo de docentes etilistas. Outra tendência estatisticamente determinada foi a de maior contaminação e adoecimento dos docentes pela COVID-19 e o seu hábito de fumar, em maior grau de significância nos docentes de maior consumo de cigarros.

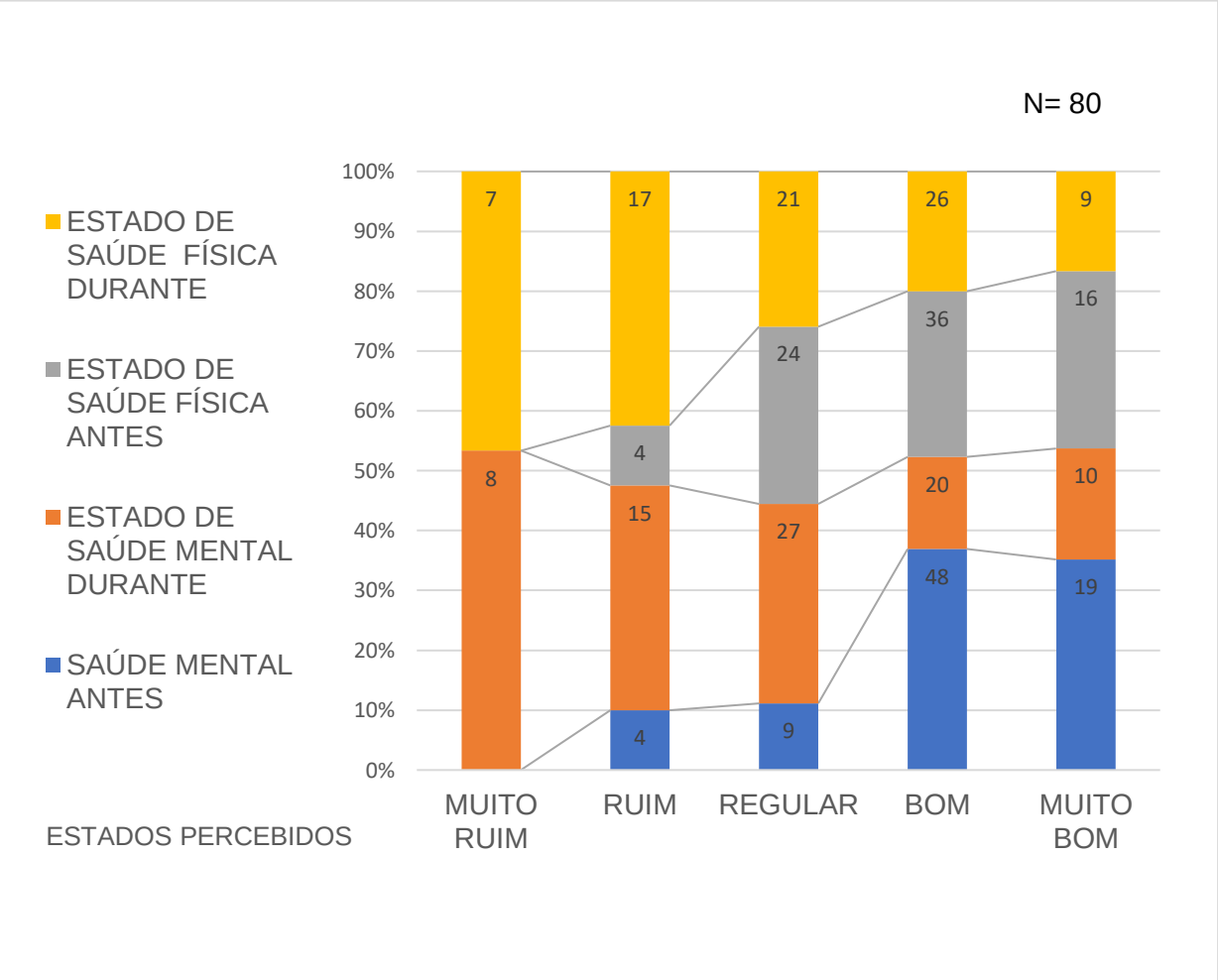
Em relação à hipertensão arterial sistêmica enquanto fator de risco ao adoecimento e comorbidade, 1 docente (1,3%) não quis responder a respeito (n= 79). Assim, 56 docentes (70,9%) responderam que não são hipertensos, já 23 docentes (29,1%) responderam positivamente à presença dessa comorbidade. Pela análise confrontada, há uma tendência central de maior insatisfação com a vida entre os docentes que cursam com hipertensão arterial sistêmica (Moda= 1). Pelo mesmo método estatístico foi encontrada uma tendência de hipertensão entre os docentes obesos (Moda= 3) e de diabetes entre os docentes com sobrepeso (Moda= 2).

Cardoso Júnior *et al.* (2018) verificaram entre os docentes do ensino jurídico que 8 docentes da carga horária até 20 horas não possuem pressão alta e apenas um foi diagnosticado uma vez; dos docentes de 40 horas, 2 não têm pressão alta e um tem; já os docentes de Dedicação Exclusiva nenhum deles teve algum diagnóstico para pressão alta.

Quanto aos níveis de colesterolemia, 44 docentes (55%) negaram níveis anormais, ao passo que 36 docentes (45%) confirmaram apresentar altos índices de colesterol plasmáticos. Em relação à diabetes mellitus, 1 docente não soube informar a respeito (n=79). Dos que responderam o quesito, 74 docentes (93,7% válidos) negaram a comorbidade e o restante, 5 docentes (6,3%), confirmaram que são diabéticos. Neste último item, encontrou-se uma tendência central de inaptidão física para os docentes diabéticos (Moda=0)

Em relação a sua saúde física antes da pandemia, 4 docentes (5%) a perceberam como ruim, 24 docentes (30%) como regular, 36 docentes (45%) como boa e 16 docentes (20%) como muito boa. Comparando-a no período pesquisado (durante a pandemia), 7 docentes (8,8%) a perceberam como muito ruim, 17 docentes (21,3%) como ruim, 21 docentes (26,3%) como regular, 26 docentes (32,5%) como boa e 9 docentes (11,3%) como muito boa.

Gráfico 4 — Percepção de saúde física e mental dos docentes antes e durante a pandemia



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

De maneira geral, em relação a sua saúde mental antes da pandemia, 4 docentes (5%) a perceberam como ruim, 9 docentes (11,3%) como regular, 48 docentes (60%) como boa e 19 docentes (23,8%) como muito boa. Comparando-a ao período pesquisado (durante a pandemia), 8 docentes (10%) a perceberam como muito ruim, 15 docentes (18,8%) como ruim, 27 docentes (33,8%) como regular, 20 docentes (25%) como boa e 10 docentes (12,5%) como muito boa.

Pela análise estatística, ainda usando uma tendência central (moda), foi encontrado que a saúde física e mental antes da pandemia categorizadas como ruins se associaram com a categoria de estresse positivo máximo (quase sempre estressado(a) ou sempre com dificuldade de enfrentar (Moda=2).

Quando o cenário foi de pandemia, encontramos que a categoria de estado de saúde física e mental em nível “muito ruim” também associada com a expressão de estresse positivo a nível máximo, e isso representa que o contexto da pandemia da

COVID-19 foi fator de piora nos estados de saúde físico e mental dos docentes em relação ao estresse vivenciado.

Bosi (2019) afirma que muitas pesquisas que investigam questões da realidade do trabalho docente apresentam resultados parecidos em relação à exaustão física e mental vivida pelos professores da pós-graduação no Brasil. Salienta que essa exaustão chega até os estudantes, em especial, aos que se dedicam às pesquisas com bolsas, e que essa pressão irradiada favorece sentimentos de sofrimento, solidão, dor e incompetência.

Ruza e Silva (2016) apontam que 77,8% dos professores de pós-graduação pesquisados já adoeceram por algo relacionado ao trabalho. Destes que adoeceram, 11,1% disseram ter ocorrido muitas vezes, 27,8% algumas vezes, 11,1% poucas vezes e 27,8% raramente.

5.3 Condições e aspectos comparativos do trabalho docente em relação à pandemia da COVID-19.

Em relação às condições do trabalho docente antes e durante a pandemia da COVID-19 foram analisados vários aspectos extrínsecos desse grupo. As variáveis foram: as condições estruturais gerais, os ruídos e a temperatura, a limpeza e a iluminação dos ambientes, a adequação a equipamentos para a aula, o relacionamento com colegas e com alunos, as oportunidades de expressar opiniões e as oportunidades de crescimento no programa e na IES, a imagem perante a sociedade, o treinamento com recursos didáticos e a remuneração. As variáveis foram categorizadas em percepção positiva e percepções negativas, sendo comparativas como dito para o contexto de pandemia.

O Gráfico 5, apresentado a seguir, demonstra esta percepção. É possível notar que houve uma piora de sua percepção no contexto da pandemia, exceto na categoria de treinamentos com recursos didáticos, que permaneceu inalterada em percepção (70% positiva e 30% negativa). Ou seja, os docentes consideraram que não houve piora em relação aos treinamentos com os recursos didáticos para as aulas.

Contudo, a percepção não foi a mesma quando se tratava da adequação aos equipamentos para a aula de modo que foi registrado pelos docentes uma piora na percepção durante a pandemia (8,8% de percepção negativa antes e 23,8% de percepção negativa durante a pandemia).

Souza *et al.* (2021) chamam a atenção no sentido de que as novas demandas e as diferentes metodologias de ensino sobrecarregam, de certa forma, o professor, e que este esteve exposto a grandes exigências e desafios o que requereu novas descobertas e novas formas de aprendizagem sem muita capacitação. Destacam que a ausência de um planejamento e estratégias de preparação podem contribuir para a precarização do trabalho docente.

De acordo com Ferreira (2022), uma vez que há que se considerar as transformações do mundo do trabalho, conduzidas pela reestruturação do capitalismo e a consequente hegemonia das políticas neoliberais, com o transcorrer do tempo, exige-se do professor ainda mais novas habilidades, as quais devem estar voltadas para os interesses de mercado, o que tem afetado demasiadamente a rotina e o funcionamento das instituições do ensino superior e, por extensão, o trabalho docente.

Sobre esse contexto, Cardoso Júnior *et al.* (2022) afirmam que alguns profissionais da educação, sem a garantia de emprego, curvam-se frente às ferramentas tecnológicas necessárias à execução destes novos padrões laborais, sofrendo com a instabilidade psicossomática do organismo sendo afetados em todas as suas dimensões da qualidade de vida, sobrecarregando-se acima de todos os seus limites.

De maneira significativa, constatou-se que os professores pesquisados referiram uma inexistente percepção negativa no que se refere ao relacionamento com os alunos antes da pandemia, mas que passou a ser perceptiva por 43,8% dos docentes durante a pandemia.

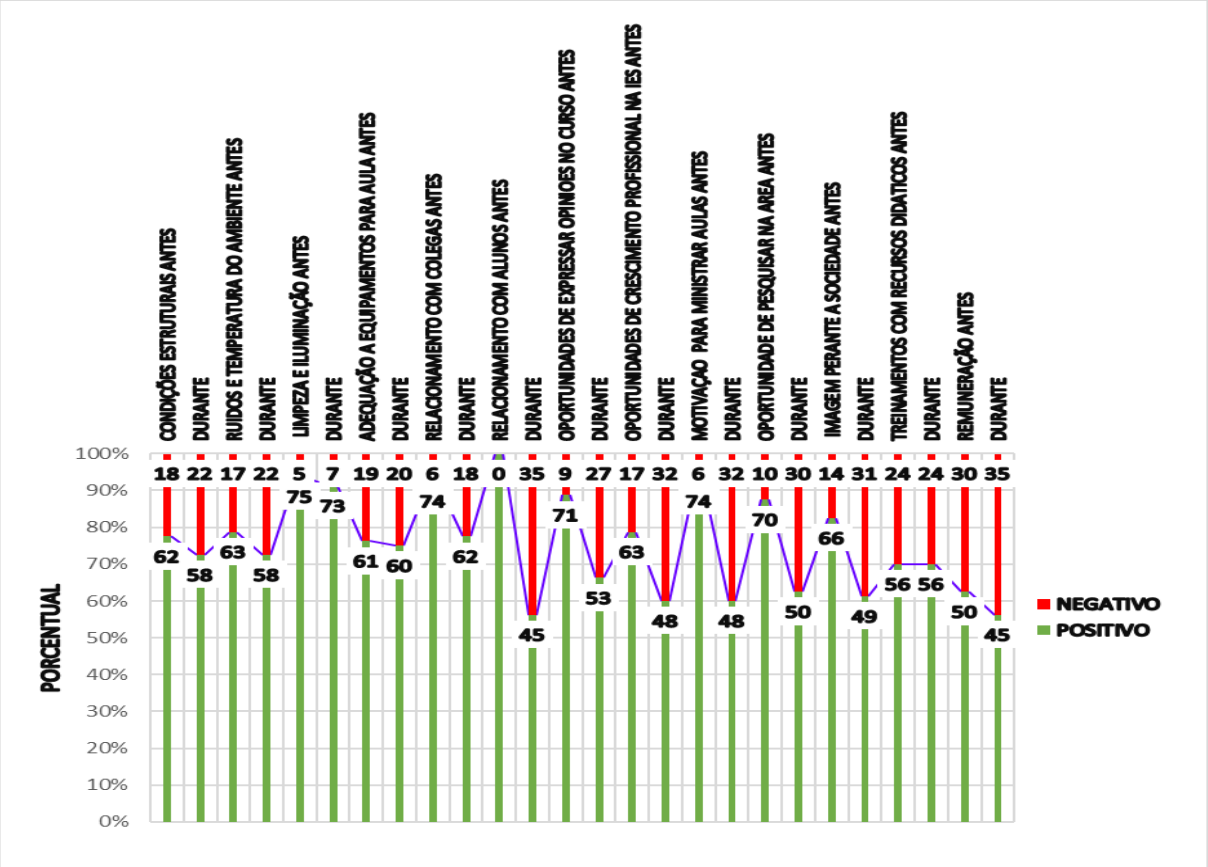
Outros decrementos neste contexto comparativo foi a da percepção negativa na remuneração (37,5% antes e 43,8% durante a pandemia), da motivação para ministrar aulas (7,5% antes e 40% durante a pandemia), das oportunidades de crescimento profissional (21,3% antes e 40% durante a pandemia) e da percepção de sua imagem perante a sociedade (17,5% ante e 38,8% durante a pandemia).

Nenhuma categoria estudada sob a condição de trabalho docente revelou melhoria durante a pandemia da COVID-19.

Pela mesma análise de tendências em relação às condições de trabalho negativas, o estresse docente positivo demonstrou ocorrências de maior frequência nas variáveis que representam a percepção apenas antes da pandemia. Foram elas: as condições de limpeza e iluminação antes da pandemia, o relacionamento com os

colegas antes da pandemia e sobre as oportunidades de expressar suas opiniões antes da pandemia.

Gráfico 5 — Percepções positivas e negativas sobre as condições de trabalho docente antes e durante a pandemia da COVID-19



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Em relação à categoria insatisfação com as condições de trabalho, observou-se comportamento bem semelhante ao da categoria estresse positivo, ou seja, somente em contexto anterior à pandemia se observou uma tendência de maior frequência e nas variáveis: no relacionamento com os colegas, nas oportunidades de expressar suas opiniões e na motivação e ânimo para ministrar as aulas, diferenciando-se apenas nesta última ao que foi mencionado no parágrafo anterior.

Segundo Paz *et al.* (2020), as condições de trabalho a que os docentes estão submetidos podem ser consideradas como fator agravante no desenvolvimento de doenças físicas e psíquicas, como a Síndrome de Burnout. Ribeiro e Cardoso (2021) destacam que a saúde ou adoecimento docente tem relação direta com as condições de trabalho.

Da mesma maneira estatística, foi encontrado nas variáveis de oportunidades de crescimento profissional, da motivação, de aperfeiçoamento para aula e da remuneração, uma tendência de percepção positiva durante a pandemia entre o grupo de docentes com experiência acima de 20 até 30 anos no ensino superior, ou seja, este grupo apresentou essas percepções positivas sobre as condições de trabalho durante a pandemia.

Nesse sentido, quando perguntado aos docentes se já haviam trabalhado com alguma forma de tele ensino, a maioria (57 docentes ou 71,3% dos que aderiram) respondeu negativamente. Entretanto, 16 docentes (20%) já haviam trabalhado com Ensino a Distância (EAD), 5 docentes com Ensino Remoto (6,3%) e 2 docentes (2,5%) com Ensino Híbrido. Insta apontar que o grupo que se destacou por perceber oportunidades positivas profissionais durante a pandemia, em média, já tinham experiências com o tele ensino.

Souza *et al.* (2021), pesquisando sobre saúde mental e percepções do trabalho on-line de docentes de todos os níveis de ensino, encontrou que, apesar da maioria (65%) não concordar com o formato de ensino on-line, 29% da amostra relatou ter gostado em virtude da aprendizagem possibilitada por essa nova condição no contexto nacional. A maioria dos professores (51%) relataram dificuldades no início do processo, mas no momento da pesquisa já se descreveram como adaptados ao novo cenário. Porém, apesar de estar a mais de sete meses nessa condição, 20% dos docentes ainda relataram desconforto na sua atuação profissional remota no momento da pesquisa.

Barros, Dutra e Cardoso (2021) afirmam que um dos fatores que interferiu na saúde física e mental dos docentes foi a inserção das novas tecnologias, pois eles tiveram que continuar prestando seus serviços, muitos sem a qualificação necessária, com maior responsabilização. Segundo as autoras, desenrolou-se um quadro de adoecimento físico e mental dos docentes que tiveram que se adequar a um modelo gerencialista, focado em resultados, em que o trabalhador é apenas mais um produto do sistema capitalista.

5.4 A Percepção da qualidade de vida dos docentes durante a pandemia

Para a compreensão geral da percepção sobre a qualidade de vida dos docentes pesquisados, inquiriu-se sobre a percepção geral da qualidade de vida no

momento da coleta (durante a pandemia, mas na fase de planejamento para reinício das atividades presenciais) e qual a percepção da influência da pandemia na qualidade de vida desses docentes. Além disso, foi aplicado o instrumento de aferição de Qualidade de Vida Whoqol-Bref (OMS,1998), em que foi possível aferir os valores por domínios e geral. Estas variáveis foram confrontadas com outras variáveis sociodemográficas para efeito estatístico no estudo de tendências centrais e de correlações entre elas.

Na pesquisa, 12 docentes (15%) consideraram sua qualidade de vida muito boa, 50 docentes (62,5%) como boa, 11 docentes (13,8%) consideram que sua qualidade de vida não estava nem boa e nem ruim, 6 docentes (7,5%) como ruim e apenas 1 docente (1,3%) declarou que sua qualidade de vida é muito ruim.

Rocha, Pina e Cardoso (2022) realizaram uma pesquisa com o objetivo de avaliar a qualidade de vida dos professores de Geografia da educação básica no âmbito do Núcleo Territorial de Educação 20 - Vitória da Conquista – BA (NTE-20) durante a pandemia e verificaram que 56% dos docentes perceberam sua qualidade de vida como “boa”, 28% “nem boa nem ruim”, 4% “muito boa”, 8% “muito ruim” e 4% “ruim”. Segundo as autoras, essa classe necessita de atenção em relação à sua qualidade de vida, pois o ideal é que os docentes estejam em condições satisfatórias para exercerem suas atividades da melhor maneira.

Em relação à influência da pandemia na qualidade de vida desses docentes pesquisados, 38 deles (47,5%) declaram que houve melhora na qualidade de vida, 7 docentes (8,8%) declararam que não houve influência, sendo a mesma qualidade de vida antes e durante a pandemia, ao passo que 35 docentes (43,8%) declararam que houve piora na qualidade de vida em relação à pandemia.

Azevedo, Cardoso e Fagundes (2022) investigaram a qualidade de vida do docente do município de Pindaí durante a pandemia e verificaram que 74,1% dos docentes pesquisados relataram ter tido complicações como insônia (36,4%), ansiedade (81,8%), síndrome do pânico (4,5%), estresse (63,6%), fobia social (13,6%), fobia dos meios tecnológicos (22,7%), entre outras.

Quando perguntados sobre sua qualidade de vida em relação ao trabalho durante a pandemia, 47 docentes (58%) referem piora da qualidade, 9 docentes (11,3%) não perceberam influência alguma e 24 docentes (30%) declararam uma melhora na vida em relação aos aspectos laborais durante a pandemia.

Considerando o domínio das relações de trabalho com a qualidade de vida dos indivíduos em relação a sua percepção geral durante a pandemia, foi observada uma correlação estatística positiva (Correlação de Pearson = 0,596). Isto significa que as relações de trabalho de fato são determinantes sobre a qualidade de vida dos docentes, comprovando, assim, nesta população-alvo, a validade da hipótese aventada nesta dissertação.

No Quadro 5, adiante, em relação à frequência de casos, é possível visualizar também essa relação.

Quadro 5 — Relação por frequência de casos entre as variáveis de percepção da Qualidade de Vida Geral (QV) e Qualidade de Vida no Trabalho (QVT**)**

Total de 80 Docentes Pesquisados (N=80)		**Qualidade de Vida (QV) (percepção geral) em relação à pandemia?**		
		Pior Qualidade	**Mesma Qualidade**	**Melhor Qualidade**
		Distribuição dos Docentes	**Distribuição dos Docentes**	**Distribuição dos Docentes**
Como você considera a sua vida em relação ao seu trabalho DURANTE a pandemia?	Pior Qualidade	33	1	13
	Mesma Qualidade	0	6	3
	Melhor Qualidade	2	0	22

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Ao avaliar o domínio da saúde geral em relação à percepção da qualidade de vida dos docentes pesquisados, os docentes foram inquiridos sobre a satisfação com a saúde. Deles, 6 docentes (7,5%) declararam estar muito insatisfeitos, 17 docentes (21,3%) declararam estar insatisfeitos, 12 docentes (15%) declararam que não estavam inteiramente satisfeitos, 41 docentes (51,2%) declararam que estavam satisfeitos e 4 docentes (5%) declararam-se muito satisfeitos com sua vida em relação ao seu estado de saúde.

Da mesma maneira que anteriormente feito para o domínio do trabalho, as informações foram analisadas estatisticamente confrontadas. No Quadro 6, adiante, é possível visualizar que o domínio da saúde seguiu o mesmo padrão de percepção sobre a qualidade de vida dos docentes durante a pandemia em relação com o trabalho.

Quadro 6 — Percepção geral da qualidade de vida em relação a satisfação com a saúde dos docentes durante a pandemia COVID-19

80 docentes (N=80)	**QV (percepção geral) em relação à pandemia?**					
	Pior Qualidade		**Mesma Qualidade**		**Melhor Qualidade**	
	Moda	**Casos**	**Moda**	**Casos**	**Moda**	**Casos**
Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	Insatisfeito	35	Satisfeito	7	Satisfeito	38

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Quando confrontadas as tendências de insatisfação da percepção de saúde com as variáveis de condições de trabalho durante a pandemia, não foi encontrada uma associação significativa, mas houve uma tendência central de insatisfação no período pré-pandêmico para as categorias remuneração, relacionamento com os colegas, motivação e ânimo para ministrar aulas e oportunidades de expressar opiniões. Isto pode representar que as questões de trabalho mencionadas já influenciavam negativamente as percepções de saúde do docente no período pré-pandêmico.

Borba *et al.* (2022) afirmam que o docente que atua no ensino superior está submerso a um conjunto de fatores que podem interferir na sua saúde e qualidade de vida e pode ser responsável por possíveis adoecimentos, tanto de ordem física quanto mental.

A tendência central de satisfação plena com a vida (Moda=2) foi apontada pelos docentes que têm graduação nas áreas das ciências humanas, biológicas, agrárias e da saúde, ao passo que os docentes que têm graduação nas áreas de ciências exatas e da terra e de linguística, letras e artes tenderam (Moda=1) a declarar-se por satisfeitos apenas razoavelmente. Os docentes graduados na área de ciências sociais e aplicadas tenderam a declarar-se como insatisfeitos com a vida (Moda=0).

Ainda nessa linha de compreensão sobre os domínios da qualidade de vida, foram confrontados os dados de percepção de saúde e de relações de trabalho com a declarada qualidade de vida geral durante a pandemia. Pela análise de tendências, o Quadro 7, a seguir, demonstra que a percepção da qualidade de vida em relação ao trabalho variou independentemente da percepção de saúde dos docentes no contexto.

Almeida *et al.* (2022) ressaltam que a atividade laboral tem sido responsável pelo acometimento de patologias que podem afetar tanto a saúde física quanto a mental, podendo comprometer de forma negativa alguns fatores no estilo de vida, como presença do sedentarismo, alterações no sono, surgimento de transtorno de

ansiedade, depressão, problemas físicos e orgânicos, entre outros. Este dado depõe a favor da interpretação da qualidade de vida em função de domínios distintos, proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Quadro 7 — Percepção de satisfação em saúde e em condições de trabalho em relação à QV geral

N=80	**Como você considera a sua vida em relação ao seu trabalho DURANTE a pandemia?**					
	Pior Qualidade		**Mesma Qualidade**		**Melhor Qualidade**	
	MODA	CASOS	MODA	CASOS	MODA	CASOS
Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	Satisfeito	47	Satisfeito	9	Satisfeito	24

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Nessa seara, procurando entender a influência do domínio social sobre a qualidade de vida, partindo do pressuposto que o contexto da pandemia de COVID-19 foi de isolamento social, passamos a apresentar os resultados comparativos obtidos na pesquisa.

Quadro 8 — Relação Qualidade de vida (QV) e indicadores de lazer e socialização

Relação QV e Isolamento Social		**Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?**	**Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?**
		Moda	**Moda**
QV (percepção geral) em relação a pandemia?	Pior Qualidade	Médio	Satisfação Positiva
	Mesma Qualidade	Médio	Satisfação Média
	Melhor Qualidade	Muito	Satisfação Positiva

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

No Quadro 8, ora apresentado, fica evidente que o grupo que refere melhor percepção da qualidade de vida durante a pandemia também se relaciona com maior nível de satisfação com lazer e socialização com outros indivíduos.

Isso pode significar que o isolamento social dos docentes representou perda na sua qualidade de vida. Esses dados corroboram novamente a teorização sobre a determinação de domínios da qualidade de vida preconizada pela OMS.

No contexto do Materialismo Histórico-Dialético (MHD) cabe fundamentalmente entender se a população pesquisada demonstrou relações de sua qualidade de vida

com sua renda. Quando perguntados se têm dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades, 14 docentes (17,5%) declaram que tinham muito pouco, 36 docentes (45%) disseram que tinham uma relação incerta, 22 docentes (27,5%) disseram que tinham muito dinheiro para satisfazer suas necessidades e apenas 8 docentes (10%) é que entenderam que estavam perfeitamente remunerados para atender suas necessidades de vida.

Confrontados foram estes últimos dados em relação à percepção geral declarada sobre a qualidade de vida durante a pandemia, e o resultado demonstrou que os grupos os quais relataram que a qualidade de vida ficou inalterada durante a pandemia correspondem, em tendência central, aos mesmos que consideram sua remuneração insuficiente para atender às suas necessidades de vida.

No grupo que referiu melhora e piora na qualidade de vida durante a pandemia, a remuneração não foi fator determinante. Contudo, este dado pode ser questionável, uma vez que a imensa maioria dos pesquisados têm renda pessoal superior a R$ 8.000,00 (oito mil reais).

Somente quando confrontados os grupos de renda maior e o de renda menor em relação à percepção da qualidade de vida, os dados são mais enfáticos. Eles demonstram que no grupo de menor renda pessoal, a qualidade de vida ficou diretamente associada à sua remuneração para atender às suas demandas.

O Quadro 9, apresentado adiante, ilustra o acima citado. Nele, o grupo com menor renda pessoal tem a pior qualidade de vida, evidenciando a possibilidade de interpretação do fenômeno estudado pelo método proposto. Eis que o Materialismo Histórico-Dialético se demonstra pertinente uma vez que o fator econômico passa a ser o determinante nuclear sobre o qual a qualidade de vida do docente se derivaria.

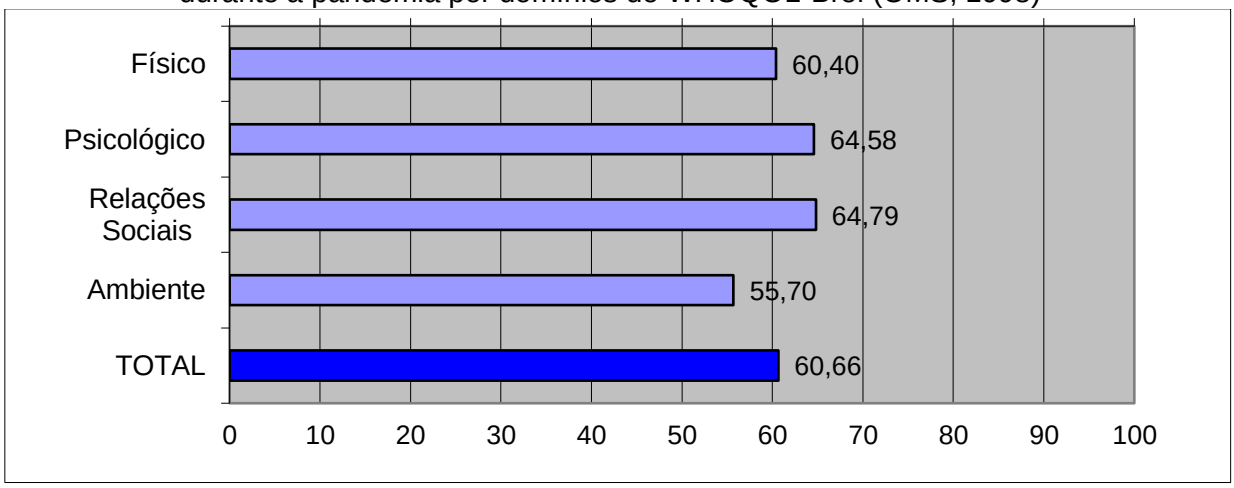
Quadro 9 — Relação renda/Qualidade de Vida (QV)/satisfação monetária para as necessidades

Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades? Moda				
Renda	Entre 3 e 8 mil reais	QV (percepção geral) em relação à pandemia?	**Pior Qualidade**	**Muito Pouco**
			Mesma Qualidade	-.
			Melhor Qualidade	**Regular**
	Maior ou Igual a R$8.000,00	QV (percepção geral) em relação à pandemia?	Pior Qualidade	Regular
			Mesma Qualidade	**Muito Pouco**
			Melhor Qualidade	Regular

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Quando aplicado o instrumento de pesquisa sobre qualidade de vida indicado pela OMS, o WHOQOL-bref (1998) individualmente, foi possível calcular os escores gerais e convertê-los usando a escala de qualidade de vida que varia de 0 a 100, na qual quanto mais próximo do máximo valor, melhor será a qualidade de vida da população pesquisada. O Gráfico 6, adiante, apresenta os valores gerais aferidos dentro dos domínios teorizados (físico, psicológico, relações sociais e ambientais).

Gráfico 6 — Valores aferidos (escala 0 a 100) de representação da qualidade de vida durante a pandemia por domínios do WHOQOL-Bref (OMS, 1998)



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

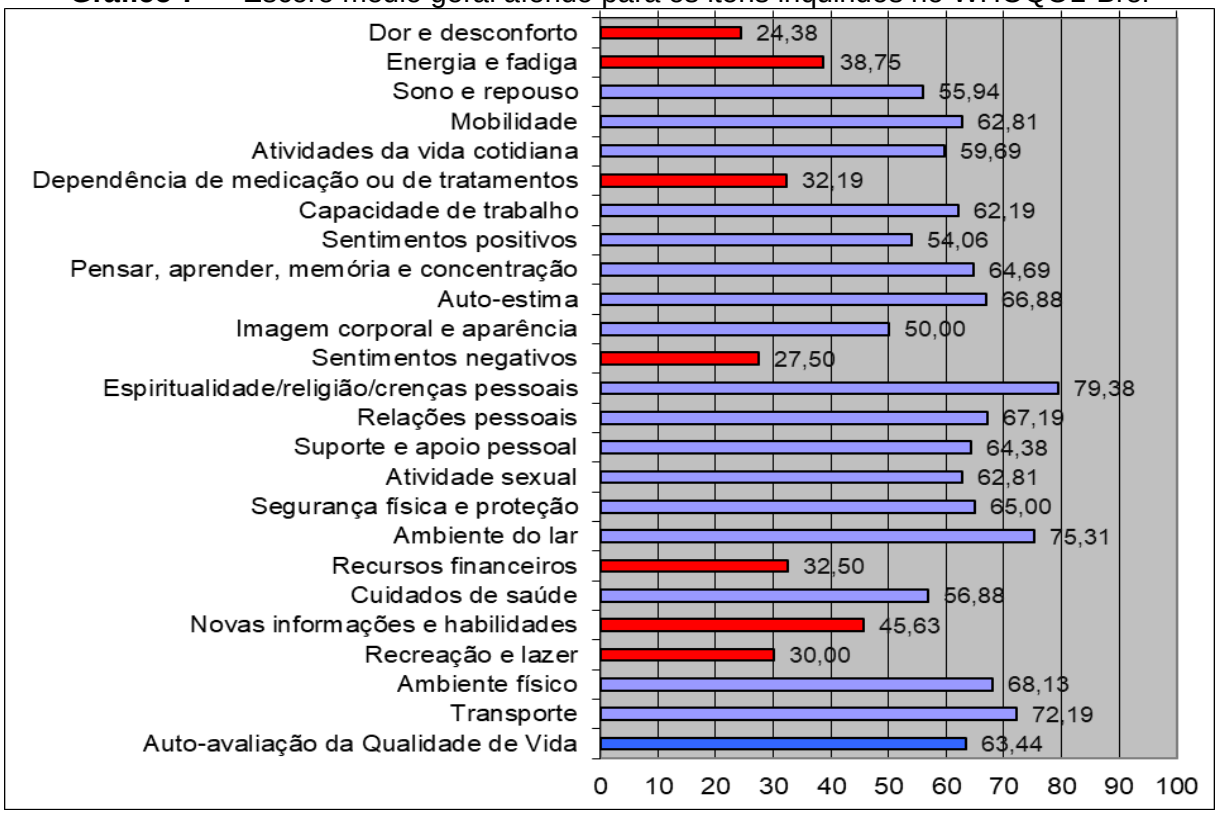
O Gráfico 6, ora apresentado, evidencia que dentre os domínios estabelecidos no instrumento de pesquisa, o que se refere ao Domínio do Ambiente é o que obteve o menor escore (55,70), ao passo que o de relações sociais é o que registra o maior escore (64,79).

Quando destrinchados os domínios da qualidade de vida aferidos por seus quesitos de referência em relação ao período pandêmico, encontramos por ordem crescente de escores: a dor e desconforto (24,38), os sentimentos negativos (27,50), a recreação e o lazer (30,0), a dependência de medicação ou de tratamentos (32,19), os recursos financeiros (32,50), a energia/fadiga (38,75) e sobre as novas informações e habilidades (45,63).

O Gráfico 7, a seguir, evidencia o relatado e acrescenta os demais itens inquiridos que compõem os domínios da qualidade de vida pelo clássico instrumento mencionado com seus respectivos escores médios (destaque em vermelho para os

escores menores que 50, ou seja, aferido como menor do que a metade do valor utopicamente ideal).

Gráfico 7 — Escore médio geral aferido para os itens inquiridos no WHOQOL-Bref



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Fagundes *et al.* (2018) analisaram a qualidade de vida de docentes universitários por intermédio do questionário SF-36 e verificaram escores favoráveis em todos os domínios, tendo o domínio “Limitação por Aspectos Físicos” com média 89,28%, sendo o melhor, e o domínio “Dor” com menor escore de 64%.

No contexto da remuneração foi possível aferir a tendência central de escores em relação aos domínios da qualidade de vida e o seu escore geral. No Quadro 10, a seguir, constata-se que é nos grupos de menor renda mensal que encontramos os menores escores em relação à qualidade de vida geral ou por seus domínios, exceto para o domínio social, cuja Moda foi semelhante (Moda=16).

Novamente, a pesquisa evidencia uma relação material que influencia a qualidade de vida dos docentes pesquisados no contexto da pandemia da COVID-19. Revela, ainda, uma pior tendência central dentre os escores calculados para o domínio psicológico da qualidade de vida dos docentes.

Quadro 10 — Escores de tendências centrais de qualidade de vida e renda

Renda	Domínio físico	Domínio psicológico	Domínio relações sociais	Domínio ambiental	QV geral
	Moda	**Moda**	**Moda**	**Moda**	**Moda**
Maior ou Igual a R$8.000,00	16,00	14,00	16,00	13,00	12,15
Entre 3 e 8 mil reais	9,71	6,67	16,00	11,50	7,08

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Essa constatação importa porque a remuneração é um dos fatores extrínsecos das condições de trabalho que mais podem influenciar na qualidade de vida docente, onde que o materialismo nuclear se evidencia novamente no fenômeno estudado.

Nesse sentido, corrobora Dal Rosso (2008), quando aduz que o ambiente de trabalho docente, por sua organização, exigência, baixa remuneração e falta de estrutura implica risco para a qualidade de vida e, especificamente, à saúde docente.

5.5 O Adoecimento do docente no contexto da pandemia da COVID-19

No objetivo desta pesquisa está também a análise do adoecimento do docente no contexto da pandemia. Nesse sentido, os docentes pesquisados, além de inquiridos sobre a COVID-19, foram também questionados sobre sinais e sintomas, físicos e mentais, que denotassem condições patológicas, dentro de um rol amplo de possibilidades e relacionadas a vários sistemas orgânicos e mentais do ser humano. Inclusive, com as queixas mais frequentemente relacionadas ao trabalho docente.

No questionário havia a possibilidade de os docentes responderem se estes sinais e sintomas nunca haviam sido percebidos ou se eles se mantiveram, agravaram, ou se foram desenvolvidos durante a pandemia.

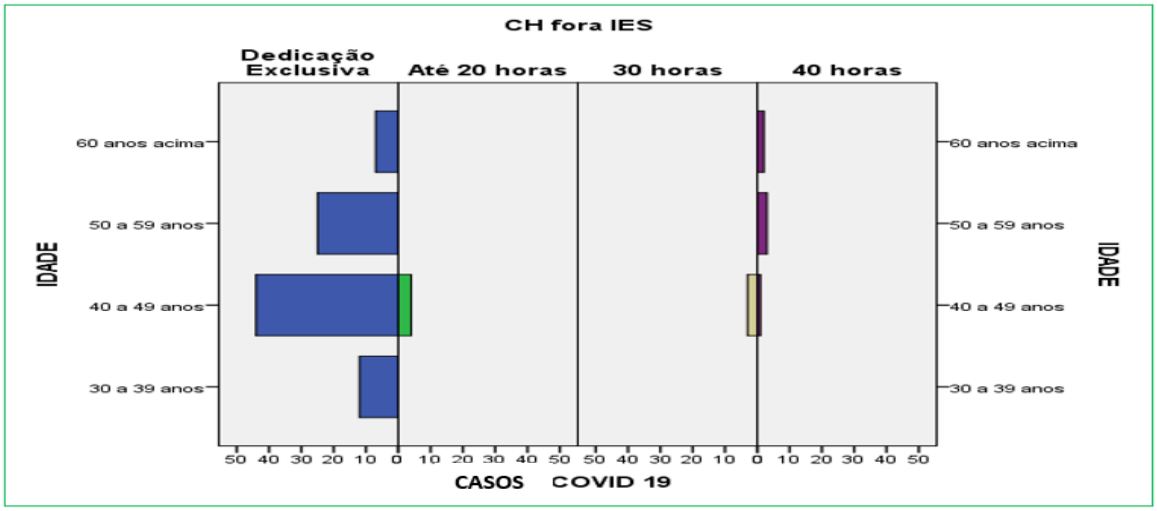
Em relação aos indicadores diretos da pandemia da COVID-19, é importante enfatizar que todos os 80 docentes já estavam com a vacinação completa (5 docentes ou 6,3% com pelo menos duas doses) de acordo com os calendários de vacinação em suas respectivas faixas etárias (75 docentes ou 93,8% com três doses).

Entre os docentes pesquisados, 47 declararam que não desenvolveram (58,8%) a COVID-19 e 33 docentes (41,3%) declararam que desenvolveram a doença. Desses, 29 docentes a desenvolveram apenas uma vez (36,3%) e 4 docentes (5%) declararam que a desenvolveram por duas vezes. Entre os docentes que sofreram

com a COVID-19, foi confirmada a tendência de desenvolvimento de queixas repetidas para as doenças respiratórias durante a pandemia.

Ainda em relação ao efeito direto da pandemia da COVID-19 sobre os docentes com o perfil de dedicação de trabalho exclusiva na UESB, foi percebido um maior número de contaminados entre os que estão nas duas categorias etárias intermediárias, ou seja, entre 40 e 59 anos de idade, seguido pelos mais jovens, de 30 a 39 anos, e com menor número de contaminados no grupo etário acima de 60 anos.

Figura 4 — Tendência de contaminação pela COVID-19 por faixas etárias e jornadas de trabalho em relação à IES pesquisada

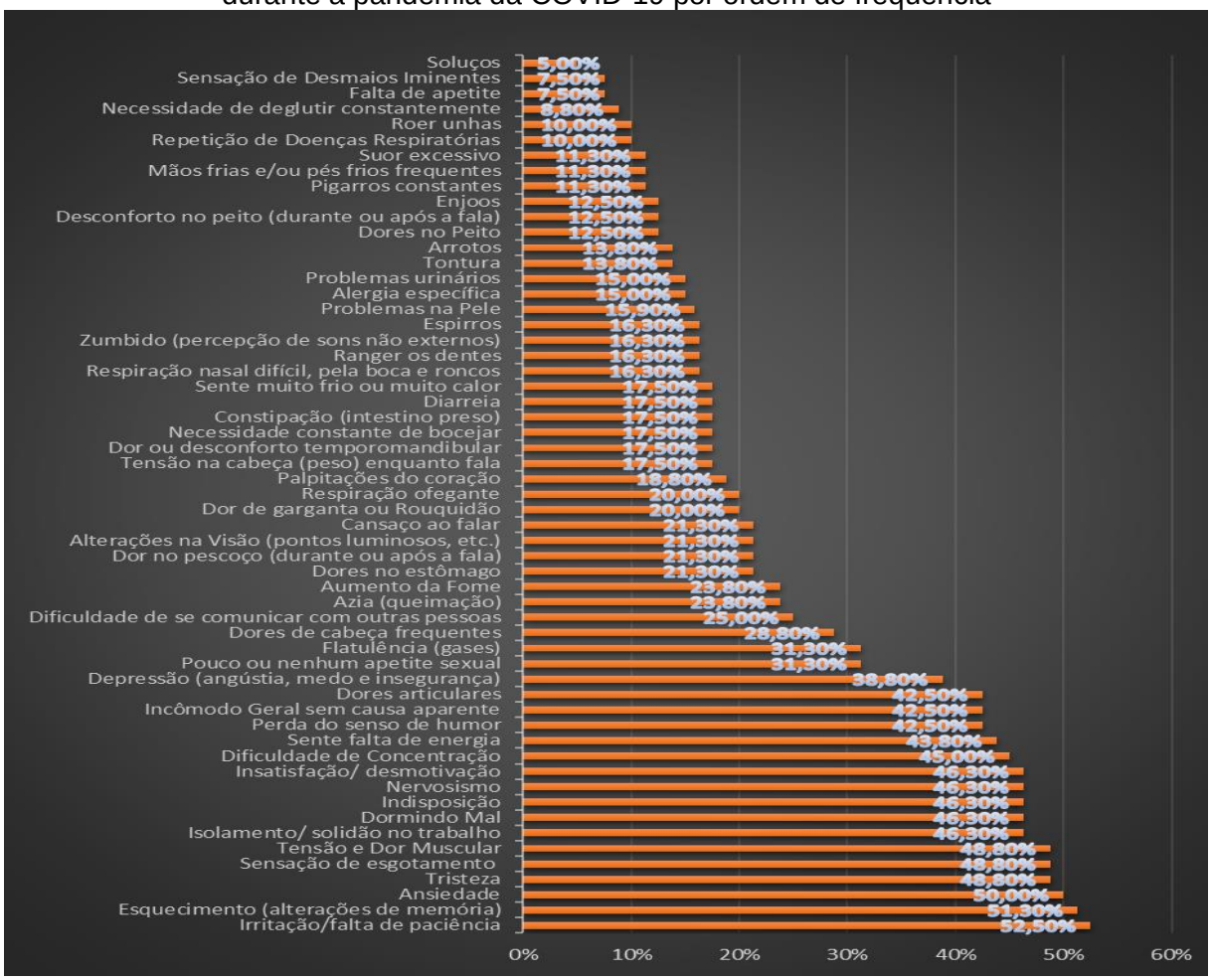


Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Entre os docentes com carga horária de trabalho além da que perfaz na Instituição de Ensino Superior (IES) pesquisada, a maior contaminação dos docentes também ocorreu na faixa etária entre 40 e 59 anos de idade, conforme demonstra O Gráfico 8, adiante.

Sobre os sinais e sintomas de adoecimento não diretamente associados à COVID-19, o mencionado gráfico resume a frequência percentual de docentes que o referiram agravados ou desenvolvidos durante o contexto da pandemia por ordem crescente de frequência. Além disso, é possível, claramente, constatar a prevalência dos sinais e sintomas de ordem mental com maior frequência e na base da distribuição. Da mesma forma, demonstra a incidência de outros sinais e sintomas desse adoecimento, identificando quais sistemas foram os mais acometidos devido ao contexto da pandemia da COVID-19.

Gráfico 8 — Percentual de docentes com sinais ou sintomas desenvolvidos ou agravados durante a pandemia da COVID-19 por ordem de frequência



Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Em destaque, encontramos a irritabilidade, os distúrbios da memória (hipomnésia ou memória reduzida), os distúrbios da afetividade (tristeza, baixo humor e depressão) e as patologias da vontade e do desejo (hipobulia ou baixa vontade ou esgotamento da vontade).

Seguiram-se os distúrbios do sono, os distúrbios álgicos (dores) e tensionais musculares, os orgânicos da digestão, as disfunções otorrinolaringológicas (vocalização, audição, equilíbrio), as alterações visuais, as disfunções do sistema nervoso autônomo e cardiovascular, as alergias, as alterações na pele e os sinais de imunidade reduzida.

A maioria dos sinais e sintomas desenvolvidos ou agravados durante a pandemia incidiram significativamente sobre os docentes do gênero feminino, especialmente no adoecimento mental, destacadamente pela maior sensação de

esgotamento (Burnout[16]). Contudo, nos docentes do gênero masculino, prevaleceram alguns sinais e sintomas de natureza digestiva (arrotos, azia e dores no estômago), otorrinolaringológicos (zumbidos, tontura, espirros e alergias), alterações visuais e palpitações cardíacas.

Ruza e Silva (2016) identificaram diversos sintomas nocivos ao bem-estar dos professores de pós-graduação pesquisados por eles, como estresse (72,2%), fadiga (66,7%), ansiedade (50%), alteração repentina do estado de humor (41,7%), insônia ou dificuldade de dormir (38,9%), estado depressivo passageiro (38,9%), dificuldade de concentração e memória (30,6%), problemas na voz (30,6%), dores musculares (30,6%) e problemas cardíacos (11,1%).

Flores *et al.* (2020) identificaram as doenças e queixas (relacionadas à saúde) presentes nos docentes do município de Guanambi em todos os níveis de educação (Infantil, Fundamental I, II e Ensino de Jovens e Adultos e verificaram que 56% destacaram a ansiedade, 56% o estresse, 53% problemas na voz, 50% dores nas costas, 47% dores de cabeça e 44% dores musculares.

Vasconcelos e Lima (2021) analisaram a relação entre trabalho e saúde-adoecimento de docentes de universidades públicas do Rio Grande do Norte no início do ano de 2019, portanto, antes da pandemia, e seus pesquisados apontaram alguns problemas de saúde como: hipertensão, tendência a artrose/artrose leve, diabetes/pré-diabetes, ansiedade, depressão, alergias, hipertireoidismo, labirintite, enxaqueca, obesidade, problemas de circulação/coagulação sanguínea, doença renal problema na coluna.

Silva *et al.* (2020) investigaram as condições de trabalho e saúde dos professores da rede municipal de educação de Tremendal, na Bahia, e verificaram que as doenças do aparelho digestório sobressaíram nas falas dos pesquisados, seguidas do estresse e transtornos de ansiedade, inferindo a possível relação direta mediante uma visão psicossomática.

---

[16] A síndrome de burnout manifesta-se por consequência do estresse laboral crônico, acometendo as pessoas caracteristicamente envolvidas nos trabalhos da área da saúde, educação, justiça e serviço social. Estes profissionais desenvolvem sentimentos negativos, como tristeza, apatia, desmotivação e a exaustão emocional (MASLACH; LEITER, 2016). O sujeito passa a ter atitudes negativas em relação ao trabalho e ao ambiente que está inserido devido a este esgotamento emocional ou ao sentimento de tensão emocional e exaustão física, entre outros sinais e sintomas negativos. Estes, à medida que se intensificam, podem levar ao adoecimento psíquico (BRIDGEMAN; BRIDGEMAN; BARONE, 2018).

Castro Neta, Cardoso e Nunes (2021, p. 2077) ratificam que, diante das condições, especialmente de caráter negativo, com que o docente exerce seu trabalho, este passa “a manifestar sentimentos negativos intensos, como angústia, alienação, ansiedade e desmotivação, além de exaustão emocional, frieza perante as dificuldades dos outros, insensibilidade e postura desumanizada, comprometendo sobremaneira o seu desenvolvimento profissional”.

Caires *et al.* (2022) verificaram a qualidade de vida, a ocorrência do estresse, ansiedade e depressão de docentes universitários de uma universidade pública do sudoeste da Bahia e averiguaram que 38,8% dos pesquisados possuem sintomas de estresse, destes, 20,3% são do sexo feminino e 9,2% do sexo masculino; apenas as mulheres apresentaram sintomas da fase de exaustão. Em relação à ansiedade, os autores verificaram que 62,9% dos docentes pesquisados apresentaram nível mínimo, 14,8% apresentaram grau leve, 5,5% grau moderado e 1,8% grau grave. Quanto à depressão, os autores apresentaram que 16,6% tiveram grau leve, 2,3% moderado, chamado a atenção que 41% dos pesquisados revelaram sintomatologia que indica adoecimento mental com significância da associação (p=0,000) entre as variáveis ansiedade e depressão.

Na pesquisa de Souza *et al* (2021), os professores que afirmaram não concordar com o formato de ensino on-line apresentaram índices maiores de estresse, ansiedade e depressão, quando comparados aos que afirmaram concordar com o formato de ensino no qual estavam atuando. Para Costa e Campos (2021), a pandemia da COVID-19 foi fator que desencadeou muito estresse e ansiedade frente a esse novo desafio de adaptação dos docentes.

Em relação ao estado conjugal, os sinais e os sintomas apresentaram uma tendência central (Moda) para prevaleceram nos docentes que têm companheiro(a) (Moda=2), exceto naqueles que desenvolveram o roer de unhas e a sensação de desmaios iminentes durante a pandemia. Nestes últimos, a tendência estatisticamente determinada foi a de ocorrência prevalente nos docentes solteiros ou divorciados (Moda=1).

A análise de tendência central revelou que os sinais e sintomas que foram desenvolvidos pelos docentes que reportaram maiores níveis de estresse (Moda = 2) apontam também para a prevalência das disfunções do sistema nervoso autonômico (mãos frias e/ou pés frios, sensações de muito frio ou de calor e de desmaio

eminentes), do sistema digestivo (enjoos), do aparelho locomotor (dores no pescoço durante ou após a fala) e do campo de domínio otorrinolaringológico (audição).

Na mesma medida estatística, observamos um maior espectro de sinais e sintomas naqueles docentes que os reportaram como agravados durante a pandemia, especialmente, porque evidenciou-se neste último grupo uma maior tendência para os distúrbios de ordem mental. Ou seja, o estudo aponta que aqueles docentes que já vinham apresentando maior estresse antes da pandemia, estão mais associados ao adoecimento mental durante a pandemia.

Vasconcelos e Lima (2021) apontam que os docentes pesquisados das universidades públicas do Rio Grande do Norte destacam que o envolvimento em funções de gestão e a inserção em programas de pós-graduação servem como indutor para maior sobrecarga de trabalho, desgaste e adoecimento.

Segundo Barros *et al.* (2022), o docente está cada vez mais submetido à lógica atual de mercado neoliberal, produtivista e, precarizando o trabalho. O docente se sente obrigado a cumprir extensas jornadas de trabalho e reflete essa realidade em condições geradoras de adoecimento psíquico que interfere na qualidade de vida deste. Os autores afirmam que o adoecimento psíquico do docente advém das más condições de trabalho, altas cobranças, negligência do cuidado de si, competitividade, individualismo entre os pares, desrespeito, desvalorização profissional e exaustão com o trabalho.

Em relação à aptidão física, notou-se que há uma melhor condição no grupo o qual refere que os sinais e sintomas patológicos se desenvolveram durante a pandemia, ao passo que nos que referiram os sinais e sintomas durante a pandemia como agravados foi demonstrada uma tendência pior (Moda = 1) para a aptidão física. Os docentes que relataram disfunção mental durante a pandemia, a aptidão física tendeu a ser menor no grupo que os referiu, também, como agravados. Ou seja, essa análise nos permite predizer que quanto mais fisicamente aptos estão os docentes pesquisados, menos estão associados ao desenvolvimento de sinais e sintomas de ordem mental.

Quadro 11 — Tendência obesidade em relação a queixas cardiovasculares entre os docentes

Sintomas e Sinais Cardiovasculares	Tendência central (MODA) IMC
Desconforto no peito (durante ou após a fala)	Obesidade
Cansaço ao falar	Obesidade

Palpitações do coração	Sobrepeso
Dores no peito	Obesidade
Sensação de Desmaios Iminentes	Obesidade

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Também, no mesmo sentido ao do anterior, associadas ao sedentarismo, as respostas afirmativas sobre o agravamento e o desenvolvimento dos sinais e sintomas das doenças cardiovasculares durante a pandemia apresentaram tendência central de associação com a categoria dos docentes obesos (moda=3).

Quando relacionadas às categorias de docentes que desenvolveram e agravaram os sintomas e os sinais patológicos estudados com as condições de trabalho durante a pandemia, houve tendência em perceber piores condições de trabalho entre todos os grupos (quem nunca os sentiu, quem os manteve, quem os agravou e quem os desenvolveu). Foi possível evidenciar uma correlação forte e positiva (Correlação de Pearson = 0,801) entre os docentes com queixas de insatisfação e desmotivação com o trabalho e os sintomas de sensação de esgotamento físico, patognomônica para a Síndrome de Burnout (já mencionada).

As exceções se deram para aqueles que desenvolveram o roer de unhas, a sensação de desmaios iminentes e para os que nunca haviam experimentado nervosismo, tristeza, insatisfação, desmotivação, sintomas de isolamento laboral ou incômodos gerais sem causa aparente. Estas exceções perceberam as condições de trabalho como melhores durante a pandemia.

Barros *et al.* (2022) afirmam que o adoecimento psíquico do docente se manifesta em forma de depressão, ansiedade, estresse, Burnout. Isto gera cada vez mais sentimentos de desesperança, tristeza, solidão, incompetência e desânimo. Os autores acrescentam que, durante a pandemia, intensificaram-se as novas formas de trabalho em face das novas demandas, colocando o professor diante de desafios que promovem, muitas vezes, a perda da qualidade de vida no trabalho, além do adoecimento psíquico sobrepujado pelo contexto de precarização do seu trabalho.

Moreira, Silva Júnior e Cardoso (2022) afirmam que, quando não há infraestrutura e materiais necessários para a realização das aulas com qualidade, tal como quantidade de alunos, baixos salários e extensas jornadas de trabalho, tornam-se precárias as condições de trabalho e saúde. Afirmam ainda que essa precarização nas condições de trabalho, além de interferir na qualidade do trabalho e da educação,

pode acarretar o adoecimento como esgotamento físico e mental, estresse, prejuízos às cordas vocais, dentre outros.

Quadro 12 — Qualidade de vida, satisfação com a saúde e necessidade de tratamento

	QV (percepção geral) em relação à pandemia?		
Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?	**Pior Qualidade**	**Mesma Qualidade**	**Melhor Qualidade**
	Tendência	Tendência	Tendência
	Insatisfeito	Satisfeito	Satisfeito
O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?	**Preciso Pouco**	Não Preciso	Não Preciso

Fonte: elaborado pelo autor (2022).

Em relação à qualidade de vida durante a pandemia, observou-se uma tendência central de piora (Moda=1) quando foi declarada a insatisfação com a condição de saúde, também, quando o adoecimento exige alguma demanda por tratamento médico.

Por fim, no aspecto econômico, houve uma tendência central para a presença de adoecimento entre os que declararam hipossuficiência financeira para as suas necessidades cotidianas, mas as queixas auditivas, os roncos e as dores no estômago demonstraram associação com aqueles que declararam suficiência financeira para as suas necessidades (Moda = 2).

Muito embora tenhamos a quase totalidade dos docentes pesquisados que possuem uma remuneração pessoal acima da média dos docentes de outros níveis de ensino, os apontamentos destrinchados pela pesquisa em tela reforçam a importância de se aprofundar na análise do fenômeno do adoecimento do docente da pós-graduação pela ótica do Materialismo Histórico-Dialético.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da COVID-19, de maneira inusitada, determinou e ainda tem determinado inúmeras mudanças nas esferas individuais e coletivas das populações em torno do mundo com significativos efeitos psicossociais, econômicos e políticos. Em função desse contexto novo, há uma necessidade de se refletir sobre essas mudanças, problematizando-as para que sejam interpretadas mediante métodos científicos válidos, formando um conhecimento histórico útil para as sociedades.

Como se trata de uma doença provocada por um vírus que rapidamente se disseminou por todo o mundo, em um momento em que, inicialmente, a ciência médica não dispunha de informações consistentes a respeito e nem de recursos combativos, quer terapêuticos ou profiláticos, o distanciamento social foi a medida urgente que se impôs. Por este motivo, as atividades presenciais em todos os níveis de ensino foram abruptamente interrompidas já no primeiro semestre letivo de 2020, desde que declarada a situação de emergência em saúde pública no Brasil.

Especificamente, no caso do ensino superior, as práticas de ensino foram readequadas por meio de aulas *on-line*, por intermédio de plataformas ou aplicativos de comunicação da rede mundial de computadores (internet). Nessa nova realidade, o trabalho do docente do ensino superior se tornou desafiador. Eles tiveram que se adaptar rapidamente a essas novas situações laborais, sem que muitas vezes detivessem as mínimas condições necessárias para as conduzir e planejar aulas tranquilamente. Além disso, as novas exigências profissionais precisaram ser acompanhadas de reconfigurações pessoais para a continuidade da atividade pelo exercício dessa nova interação.

Na pós-graduação, os docentes, além das salas de aulas virtuais, ainda lidaram com o desafio da extensão e das pesquisas, das funções administrativas no âmbito das instituições de ensino. Mais exigências, mais sobrecarga de trabalho e, consequentemente, mais estresse emocional, um efeito deletério na qualidade de vida desse profissional.

Se já vinham anteriormente sendo trazidos para um limite razoável de adaptação, o seu adoecimento já era discutido como uma expressão sinalizadora da precarização e da exploração cada vez maior da sua força de trabalho. A pandemia acrescentou mais um cenário nessas incertezas, o de medos e o de necessidades crescentes que subitamente foram despejados sobre esta classe de trabalhadores.

A presente pesquisa foi posta para analisar os efeitos desse fenômeno de saúde pública e dos seus consuetudinários laborais que incidem sobre a qualidade de vida e também sobre o adoecimento desse docente do ensino superior, das pós-graduações em nível de mestrado e de doutorado. Se este nível de ensino é abraçado por docentes com maior tempo e grau de formação, e mesmo que também seja acompanhado de melhores remunerações em relação aos outros níveis de ensino, ele também está perfilado com uma maior cobrança e responsabilidade profissional.

Os resultados aqui aferidos demonstraram que a pandemia da COVID-19 modificou os estilos de vida, agravou mais as tensões laborais preexistentes, piorou a qualidade de vida desses docentes e os expôs à maior probabilidade de adoecimento, especialmente, de adoecimento mental.

Com um perfil de idade média entre 40 e 50 anos, cor/raça predominante branca, em maioria do gênero masculino e convivendo conjugalmente em uma família com média de 3 pessoas, que reside permanentemente nas cidades onde trabalham, sob regime de dedicação exclusiva e com renda pessoal igual ou superior a R$ 8.000,00 (oito mil reais), os docentes que se apresentaram para a pesquisa manifestaram uma curva distributiva de contaminação pela COVID-19 considerada homogênea. Cerca de metade dessa população que aderiu à pesquisa acredita ou teve certeza de sua contaminação pelo vírus mesmo que trabalhando *on-line*.

Nesse contexto, o isolamento social ainda foi fator de estresse, assim percebido pela maioria dos pesquisados que, quanto mais isolados socialmente, maiores foram as adversidades enfrentadas para trabalhar durante a pandemia e a mais estresse ficou submetido, com destaque para as docentes mulheres. Estas últimas foram destacadamente as mais afetadas pelas mudanças provocadas durante o fenômeno analisado. As multitarefas e as expectativas acumuladas ou atribuídas socio-culturalmente ao universo do gênero feminino, exploradas em demasia durante a pandemia, especialmente no ambiente doméstico onde passaram a trabalhar remotamente, podem ter sido elementos que contribuíram para a acumulação de estresse nessas docentes.

A pandemia piorou as condições de trabalho e o estilo de vida dos docentes, piorou a qualidade do sono e aumentou a resistência à prática de atividades físicas, agravando o sedentarismo. Nesse período, os docentes pesquisados mudaram os hábitos alimentares e aumentaram o consumo de tabaco e álcool. A maioria deles

está entre o sobrepeso e a obesidade, uma porção significativa apresenta comorbidades, especialmente, hipertensão arterial e dislipidemia.

Por sua vez, estas comorbidades trazem insatisfação com a saúde e a disposição geral, especialmente, entre os que precisam buscar por tratamentos médicos. Conclui-se que a pandemia piorou as condições de saúde física e especialmente as condições de saúde mental, com a emergência significativa de sinais e sintomas de esgotamento (Burnout). O contexto corrobora ainda em maior insatisfação geral em função de outros domínios, como o das oportunidades de lazer e de socialização, muito afetadas pelo isolamento social.

Um todo de qualidade de vida composto por nuances que se inter-relacionam intrínseca e extrinsecamente para resultar o momento histórico dessa classe docente. Um movimento economicamente nuclear na medida em que se tem a exploração e a precarização do trabalho docente, assim mesmo como anuncia o método de interpretação do Materialismo Histórico-Dialético (MHD), evidenciado sempre que se observa que a qualidade de vida está relacionada à renda mensal e às jornadas de trabalho desse docente. Assim sendo, numa sociedade capitalista pensar a qualidade de vida desses docentes passa necessariamente pela melhor remuneração do seu trabalho, dedicando a sua importância social uma importância temporal para as suas realizações laborais prazerosas e criativas.

Validada também pode ser a filosofia marxista que inspirou o método de análise proposta para o fenômeno pesquisado, pois foi constatado que a precarização do trabalho docente e o isolamento social contribuíram para o aumento do estresse e da insatisfação, para a piora na qualidade de vida e para a predisposição ao adoecimento dos docentes da pós-graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

A ampliação da atuação de empresas digitais intermediárias no processo de ensino aprendizagem foi notada à medida que os docentes necessitam dessas ferramentas (meios de produção) para trabalhar e que foram adquiridas e manipuladas pelos empregadores privados ou pelos governos. O capital seguiu ampliando os seus tentáculos lucrativos a um custo perverso e alienante, mesmo nos momentos de maior apreensão da classe trabalhadora, ainda que diante do seu crescente adoecimento ou de maior risco de morte.

A presente dissertação oportuniza importantes reflexões. A pesquisa em tela possibilita o autoconhecimento sobre a qualidade de vida e o adoecimento dos

docentes do ensino superior que atuam nos programas de pós-graduação a nível de mestrado e doutorado da Universidade Estadual da Bahia (UESB), o que demanda a adoção de medidas de enfrentamento da realidade concreta e ainda, podendo ser balizadora para novas pesquisas sobre a temática.

A experiência permite importantes reflexões sobre adaptação no trabalho durante a pandemia. Ela sugere que o conhecimento sobre a qualidade de vida e o adoecimento no trabalho ajuda a identificar, prevenir e reagir às adversidades do contexto.

A proposição desse debate fomentou uma discussão em torno da figura do professor universitário, em uma reflexão pautada para um profissional essencial à sociedade. As necessidades dessa categoria diante da pandemia foi uma oportunidade para expandir esses conhecimentos também para outros profissionais diretamente afetados por esse contexto. Apesar de a discussão girar em torno de uma categoria em específico, a de docentes universitários, a reflexão pode ser ampliada para outras categorias de profissionais que também têm sido impactadas por esse momento.

Espera-se que esse movimento e este discurso da importância da qualidade de vida no trabalho possa ser cada vez mais estimulado no ensino superior, ampliando as possibilidades de engajamento científico em torno de um olhar crítico para a profissionalização da docência do ensino superior. Certamente novos estudos produzidos durante a pandemia acerca desse tema permitirão mais avanços.

Apesar de já haver importantes produções nessa temática em geral, ainda é grande a necessidade de se aprofundarem os estudos e as pesquisas para, pela compreensão deste movimento neoliberal, promotor de exacerbação do estresse docente por meio de sua assunção intermediadora nos processos de ensino-aprendizagem, reduzindo as lacunas de associação deixadas quanto à compreensão da qualidade de vida e do adoecimento docente neste contexto de exploração de classe.

A pandemia foi didática e exemplificativa neste sentido. Ela trouxe à tona o que já vem sendo denunciado na área de educação, especialmente na pública, em que os movimentos hegemônicos buscam agressivamente construir novos mercados em todos os níveis de ensino. O vírus tem a sua pedagogia. Ele acelerou esse processo neoliberal.

Como proposição contra hegemônica, a presente pesquisa aponta para a necessidade urgente de elaboração de políticas públicas estruturantes que efetivamente melhorem as condições extrínsecas e intrínsecas do trabalho do docente da pós-graduação, dada a sua relevância social como promotora de educação reflexiva, de formação de conhecimentos e de conteúdos imprescindíveis para a evolução das sociedades.

A profissionalização pedagógica do docente do ensino superior parece ser uma medida necessária e urgente nesse sentido. Valorizar a docência, promovendo aos seus sujeitos uma qualidade de vida digna e o prazer no desempenho das suas atribuições é o melhor investimento para o desenvolvimento sustentável da nossa nação. O tema qualidade de vida e sua relação com o adoecimento merece um *status* de disciplina a ser inserida na base curricular de todos os cursos universitários.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Angélica Godinho; ÁVILA, Maria Thereza Dantas Coelho; RIBEIRO; Jorge Luiz Lordelo de Sales. Percepção de professores universitários sobre as repercussões do seu trabalho na própria saúde. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 13, 2017.

AFONSO, Almerindo Janela. Nem tudo que conta em educação é mensurável ou comparável. Crítica a accoutability baseada em testes estandartizados e rankings escolares. **Revista Lusófona de Educação**. Lisboa, v. 13, n. 13, 13-29, abr.-jun. 2009. Disponível em: http://www.revista.ulusofona.pt. Acesso em: 13 jun.2021

ALMEIDA, Claudio Bispo de; SILVA, Maria de Lourdes; SILVA JÚNIOR, Germínio José da; CARDOSO, Berta Leni Costa. Condições de trabalho e saúde de docentes: uma revisão integrativa. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Qualidade de vida e saúde de profissionais da educação.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P. 159-192.

ALMEIDA, Cláudio Bispo; CASOTTI, Cézar Augusto; SENA, Edite Lago. Reflexões sobre a complexidade de um estilo de vida**. Av. Enferm.**, v. 36, n. 2, 2018.

ALMEIDA, Raíra Alâna Silva; COSTA, Keyla Iane Donato Brito; CARDOSO, Berta Leni Costa. Qualidade de vida, ansiedade e depressão em docentes em tempos de pandemia. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Nunes; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Indicadores de saúde e qualidade de vida:** contextos escolares e universitários. São Carlos, Pedro & João Editores, 2022. P.93-118.

ALVES, A. M. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, São Paulo, v. 9, 2010.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serv. Soc. Soc.,** São Paulo, v. n. 123, p. p. 407-427, jul./set 2015.

AULETE, iDicionário, s.d. Disponível em: http: //www.aulete.com.br/. Acesso em: 14 janeiro 2021.

AZEVEDO, Zildete Soares Aranha; CARDOSO, Berta Leni Costa; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto. Impactos da pandemia na qualidade de vida dos professores do município de Pindai. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Nunes; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Indicadores de saúde e qualidade de vida:** contextos escolares e universitários. São Carlos, Pedro & João Editores, 2022. P.73-91.

BARROS, Claudia Cristiane Andrade; DUTRA, Franciny D'Esquivel; CARDOSO, Berta Leni Costa. As novas formas de trabalho em tempos de pandemia de COVID-19 e sua interferência na qualidade de vida dos profissionais da educação. **Seminário Gepráxis**. Vitória da Conquista – Bahia – Brasil. V.8, n.8, p.1-13, maio, 2021.

BARROS, Cláudia Cristiane Andrade; SEIXAS, Marisa Fernandes; NUNES, Claudio Pinto; CARDOSO, Berta Leni Costa. A precarização do trabalho docente e seus

efeitos no adoecimento psíquico e na qualidade de vida. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Qualidade de vida e saúde de profissionais da educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P. 109-128.

BISPO, Fabiana Carvalho Silva; SANTOS JUNIOR, Ailton Bispo. O Docente do Ensino Superior: Educador ou Prestador de Serviços? **O XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – SEGeT**. Rio de Janeiro: [s.n.]. 2014.

BOORSE, Christopher. **Health as a theoretical concept**. Philosophy of Science Association, 1977.

BORBA, Camila Melo; CARDOSO, Berta Leni Costa Cardoso; NUNES, Claudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto. Qualidade de vida e saúde do docente do ensino superior: uma revisão bibliográfica. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Qualidade de vida e saúde de profissionais da educação.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P. 129-143.

BORGES NETO, J. B. Os neurotransmissores. *In:* FIKS, J. P.; MELLO, M. F. **Transtorno do estresse pós-traumático:** violência, medo e trauma no Brasil. São Paulo: Atheneu, 2011. p. 49-64.

BOSI, Antônio de Pádua. Saúde, trabalho docente e pós-graduação no Brasil 1980-2017. **Revista da Anpoll**. V.1, n.50, p.243-251. Florianópolis. Set./Dez. 2019.

BRAGA, Dayeny Karyne Cordeiro Sabino. **Precarização do Trabalho e seus Impactos na Saúde do Trabalhador:** os professores substitutos das UFES. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Política Social do Programa de Pós-graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2015.

BRANCO, Fernanda Matos Fernandes Castelo et al. Padrão de consumo de álcool entre trabalhadores de uma universidade pública brasileira. **Revista de Enfermagem Referência**, v. 4, n. 22, p. 85-95, 2019.

BRASIL, Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação. **Parecer 11/2020 Orientações Educacionais para a realização de aulas e atividades Pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da Pandemia**. Brasília: [s.n.]. julho 2020.

BRASIL. Comissão Nacional de Ética em Saúde (CONEP). **Resolução no. 466 de 12 de dezembro de 2012**. Publicado no D.O.U no.12 quinta feira, 13 de junho de 2013- Seção 1- Página 5.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

BRIDGEMAN, P. J.; BRIDGEMAN, M. B.; BARONE, J. Burnout syndrome among healthcare professionals. **The Bulletin of the American Society of Hospital Pharmacists**, v.75, n.3, p.147-152, 2018.

BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da saúde e qualidade de vida. 1. ed. Rio de Janeiro: **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 5, 2000.

CAIRES, Naitheli da Silva; OLIVEIRA, Elen Cristina Chaves; CARDOSO, Berta Leni Costa; COSTA, Keyla Iane Donato Brito; PRADO NETTO, Arthur Oswaldo Pereira. Qualidade de vida e níveis de estresse, ansiedade e depressão de docentes universitários. Cap. 13. In: SILVA, Américo Junior Nunes da (orgs.). **A educação enquanto fenômeno social:** Gestão e práticas pedagógicas 2. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. P.154-165.

CARDOSO JÚNIOR, Welton; NUNES, Cláudio Pinto; SILVA JÚNIOR, Germínio José da; CARDOSO, Berta Leni Costa. O Materialismo Histórico-Dialético e a qualidade de vida docente. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Qualidade de vida e saúde de profissionais da educação.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P. 61-80. a

CARDOSO JÚNIOR., Welton; CARDOSO, Berta Leni Costa; SANTOS, Alcir Rocha; NUNES, Claúdio Pinto. Jornadas de trabalho, estilo de vida e desempenho docente no ensino jurídico atual. **Acta Scientiarum. Education**, v. 40(3), e.40411, 2018. Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs/acta. Acesso em: 24 out. 2020

CARDOSO, Berta Leni Costa; CARDOSO JÚNIOR, Welton; NUNES, Claudio Pinto. Percepção sobre saúde, ambiente e condições de trabalho de docentes universitários. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Pinto (orgs.). **Trabalho Docente, Políticas e Gestão Educacional**. Curitiba: CRV, 2016. P. 15-27.

CASTORIADIS, Cornelius. La «rationalité»du capitalisme. **Revue Internationale de Psychosociologie**, v. 4, p. 31-51, 1997.

CASTRO NETA, Abília Ana de; CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Pinto. Desenvolvimento profissional e precarização do trabalho docente: perspectivas e (des)continuidades. **Revista Ibero-Americano de Estudos em Educação**. Araraquara. V.16, n.3, p.2067-2082, jul./set. 2021.

CHAUÍ, Marilena**. A Universidade Operacional**. Folha de São Paulo, Caderno Mais. 09 de maio, São Paulo, 1999.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

CODO, Wanderley José; SAMPAIO, Jackson Coelho; HITOMI, Alberto Haruhoshi. **Indivíduo, trabalho e sofrimento:** uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

COSTA, Adrielle Souza; CAMPOS,Raimundo Sidnei dos Santos.**O trabalho e a saúde do professor:** indícios associados ao adoecimento na profissão em

tempos de pandemia. VII CONEDU - Conedu em Casa. Campina Grande: Realize Editora, 2021

DAL ROSSO, S. **Mais trabalho!:** a intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

DARIO, Vanusa Cristina. **Cultura Organizacional e Vivências de Prazer e Sofrimento no Trabalho:** um estudo de caso com professores de graduação em instituições federais de ensino superior. Curitiba, 2017. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, área de Concentração Estratégia e Organizações, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná, 2017.

DAVOGLIO, Tárcia Rita; LETTNIN, Carla Conceição; BALDISSERA, Cristina Generali. Avaliação da qualidade de vida em docentes brasileiros: uma revisão sistemática**. Proposições**, Campinas, v. 26, p. 145-166, Setembro 2015.

DAY, Hy.; JANKEY, Sheron. Lessons from the literature: toward a holist moel of quality of life. *In:* RENWICK, Rebecca; BROWN, Ivan; NAGLER, Mark (Orgs). **Quality of life in health promotion and rehabilitation:** conceptual approaches, issues and applications. Thousand Oaks: Sage, 1996.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho:** estudo de psicopatologia do trabalho. Trad. Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5ª. ed. São Paulo: Cartaz – Oboré, 1992.

DEMMINK-GEERTMAN, Lize.; DEJONCKERE, Phillipe Henri. Nonorganic habitual dysphonia and autonomic dysfunction. **J Voice**. v. 16, p. 549-59, Abr 2002.

DEMO, Pedro. O ensino superior no século XXI: o direito de aprender. Conferência proferida no dia 24 de Abril de 2004 na PUCRS. **Revista Reflexões**. Bento Gonçalves, 2004

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A Educação e a COVID-19. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação [online].** v. 28, n. 108, pp. 545-554, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002801080001. Acesso em: 2 dez. 2022.

D'OLIVEIRA, C. A. F. B.; ALMEIDA, C. M.; SOUZA, N. V. D. de O.; PIRES, A. da S.; MADRIAGA, L. C. V. Prazer e sofrimento no trabalho: perspectivas de docentes de enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**, [S. l.], v. 31, n. 3, 2017. DOI: 10.18471/rbe.v31i3.20297. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/20297. Acesso em: 2 dez. 2022.

DONIZETI, Luciano. Sartre e o marxismo: Humanismo radical e materialismo dialético. **Dois pontos:** Curitiba, São Carlos, volume 13, número 1, 2016. p. 129-149.

ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de janeiro: ZAHAR, 1984.

ENGELS, Friederich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** Tradução B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 1988.

ENGELS, Friederich. **Dialética da Natureza**. São Paulo: Boitempo, 1883.

FAGUNDES, Nárdille Vieira; CARDOSO, Berta Leni Costa; PEREIRA, Rodrigo Araújo; ALMEIDA, Claudio Bispo de; NUNES, Claudio Pinto. Qualidade de vida de docentes no ensino superior em uma universidade pública. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; ALMEIDA, Claudio Bispo de; FONSECA, Elaine de Oliveira Souza. **Estilo de vida e saúde no contexto baiano**. Goiânia: Kelps, 2018. P.127-136.

FERNANDES, Danielle Cireno. Precarização do trabalho (verbete). *In:* Dalila Andrade Oliveira, Adriana Cancella Duarte e Lívia Fraga Vieira (orgs.). **Dicionário Trabalho, profissão e condição docente**, Belo Horizonte: GESTRADO/UFMG, 2010. Disponível em: https://gestrado.net.br/verbetes/precarizacao-do-trabalho/. Acesso em: 14 de nov. de 2022.

FERNANDES, Edna Contes;GUTIERREZ, Luis Homero. Qualidade de vida no trabalho (QVT): uma experiência brasileira. **Revista de Administração da USP**, 23 (4), 29-38., out/dez, 1998.

FERNANDES, Florestan (org). **K. Marx, F. Engels.** História. 2ª. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1984.

FERNÁNDEZ ENGUITA, Mariano. **La condición del docente.** La escuela a examen: un análisis sociológico para educadores y otras personas interesadas. Salamanca: Ediciones Pirámide, 1998.

FERREIRA, Édpo Felipe da Silva. Trabalho, educação e saúde docente: tensionamentos históricos e consequências na educação superior brasileira. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Qualidade de vida e saúde de profissionais da educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P. 17-33.

FERREIRA, Fábio Alves. A Teoria do Discurso e análise do discurso: De Ernesto Laclau a Michel Foucault. Perspectivas. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFT** – volume 4, n. 2 - Tocantins, 2019.

FLORES, Fábio Fernandes; SANTOS, Edneia Novaes dos; TEIXEIRA, Raína Boa Sorte; SANTOS, Wilson Pereira dos. Saúde dos professores da rede municipal de Guanambi-BA. *In:* NUNES, Claudio Pinto; CARDOSO, Berta Leni Costa; SOUSA, Erivan Coqueiro (orgs.). **Condições de trabalho e saúde do professor.** Vitória da Conquista: dições UESB, 2020. P. 176-191.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. Marx e o Marxismo. **Revista do NIEP-Marx**. Niterói, v. 5(8), p.45-67, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FRANÇA, Ana Cristina; BOSQUETTI, Marcos Abilio; VELOSO, Hentique Maia. A concepção gerencial dos programas de qualidade devida no trabalho (QVT) no setor

elétrico brasileiro. *In:* **Anais dos VIII Seminários em Administração** (vol. 1,p. 1-15). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005

FRANCO, Kaio José Silva Maluf; CARMO, Aline Cristine Ferreira Braga; MEDEIROS, Josiane Lopes. Pesquisa Qualitativa em Educação: Breves Considerações a Cerca da Metodologia do Materialismo Histórico Dialético. **Revista Sapiência:** sociedade, saberes e práticas educacionais – UEG/UnU Iporá, v.2, n. 2, p.91-103 – jul/dez, 2013

FREUD, S. **Formulações sobre os princípios do fundamento mental**. Rio de Janeiro: Imago, v. XIV, 1974.

FREUD, Sigmund. **Para além do princípio de prazer**. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago Ed.,1996.

GAMBOA, Silvio A. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. *In.:* FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional.** 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILL, Thomas; FEINSTEIN, Alvan.A critical appraisal of the quality of quality-of-life measurements. **JAMA**, v. 272, p. 619-626, Agosto 1994. Disponível em: https://jamanetwork.com/journals/jama/article-abstract/378367. Acesso em: 02 jul. 2021.

GUIMARÃES, Valter Soares. A socialização profissional e profissionalização docente: um estudo baseado no professor recém ingresso na profissão. *In:* **Formar para o mercado ou para a autonomia?** O papel da universidade. Campinas: Papirus, 2006.

GURRÍA, Pedro Sanchezángel. **Una agenda multilateral para la recuperación**. El País- 12 Dez. 2020 Espanha. Disponível em: https://elpais.com/autor/angel-gurria/ Acesso: 19 de nov. de 2022.

HABERMAS, JURGEN. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo:** histórias e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

JESUS, Saul Neves. Psicologia da Saúde e Bem- Estar**. Psicologia da Saúde**, Algarve, v. 14, p. 126-135, jul-dez 2006.

LANDEIRO,Graziela Macedo Bastos ; PEDROZOLL, Celine Cristina Raimundo; GOMES, Maria José Gomes; OLIVEIRA, Elizabete Regina de Araújo. Revisão Sistemática dos estudos sobre qualidade de vida indexados na base de dados Scielo. **Revis Temas Livres Ciênc**. Saúde coletiva, out 2011.

LELES, Cláudio Rodriges; MORO, Rafael Gustavo Dal; DIAS, Danilo Rocha. Princípios de Bioestatística. Cap.12. In: ESTRELA, Carlos (org.).**Metodologia**

científica: ciência, ensino, pesquisa. 3ªed. São Paulo: Artes Médicas,2018. p.159-196

LOSCOCCO, Karyn; ROCHELLE, Anne. **Influences on the Quality of Work and Nonwork life:** Two Decades in Review. Journal of Vocation Behavior, 1991. p. 182-225.

LUCKESI, Cipriano; BARRETO Elói; Cosma, José. **Fazer Universidade:** Uma proposta metodológica. 17ª. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe:** estudos sobre a dialética marxista. 3ª ed. São Paulo. Ed. WMF Martins Fontes, 2003.

MASLACH, C; LEITER, M. P. Understanding the burnout experience: recent research an its implications for psychiatry. **World Psychiatry**, Milan, v.15, n.2, p.103-111, 2016.

MARIN, Alda Junqueira. **Precarização do Trabalho Docente** [verbete]. GESTRADO Grupo de estudos sobre política educacional e trabalho docente da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. Disponível em: https://gestrado.net.br/verbetes/precarizacao-do-trabalho-docente/ Acesso: 19 de nov. de 2022.

MARQUES, Jadson Fábio de Araújo; MARQUES, Tatyanne Gomes. As reformas educacionais neoliberais e as pesquisas sobre qualidade de vida d(n) o trabalho de profissionais de educação. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa Cardoso;NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto,(orgs.). **Qualidade de Vida e Saúde de Profissionais da Educação.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p.35-60

MARQUES, Waldemar. O quantitativo e o Qualitativo na Pesquisa Educacional. **Revista Avaliação**. V. 2, nº 3(5), 1997

MARX, K. **O capital:** crítica da economia política: livro I/ Karl Marx; tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008a.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política.** Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed. - São Paulo : Expressão Popular, 2008b.

MARX, Karll. **O 18 Brumário de Lúis Bonaparte.** São Paulo. Ed. Boitempo, 1852.

MASETTO, Marcos T. **Competência pedagógica do professor universitário.** Summus: São Paulo, 2003.

MATTOS, P. A psiconeuroendocrinologia. *In:* FIKS, J. P.; MELLO, M. F. **Transtorno do estresse pós-traumático:** violência, medo e trauma no Brasil. São Paulo: Atheneu, 2011, p. 77-89.

MILÉO, Irlanda do Socorro de Oliveira; FREITAS, Léia Gonçalves; LOPES, Raquel da Silva; PARENTE, Francilene de Aguiar. Ensino Remoto Emergencial e o Isolamento Social: a precarização da escola pública e do trabalho docente. *In:* UCHOA, Antônio Marcos da conceição; SENA, Ivânia Paula Freitas de Souza;

GONÇALVES, Maria Elizabeth (orgs.) **Dialógos críticos.** Volume 3. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. p. 88-123.

MINAYO, Maria Cecília Souza. Ciências e Cientificidade. *In:* **Pesquisa Social:** Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-15.

MOREIRA, Deise Maíra Silveira; SILVA JÚNIOR, Germínio José da; CARDOSO, Berta Leni Costa. Valorização docente na educação básica: resultados de pesquisas realizadas. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Claudio Nunes; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Indicadores de saúde e qualidade de vida:** contextos escolares e universitários. São Carlos, Pedro & João Editores, 2022. P.177-202.

NAHAS, Marcus V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida:** conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. 7ª. ed. Florianópolis, Ed. do Autor, 2017.

NEME, Gláucia Guimarães de Souza. **Estudo epidemiológico dos agravos à saúde prevalentes em docentes do ensino superior no Brasil.** Tese de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador Universidade Federal de Uberlândia.Uberlândia, 2017.

NEVES, Vanusa Nascimento Sabino; FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charliton José dos Santos. **Trabalho docente no Brasil durante a pandemia da COVID-19**. Educação Unisinos 25(2021) ISSN 2177-6210 Unisinos - doi: 10.4013/edu.2021.251.26

NONATO, Emanuel do Rosário Santos; SALES, Mary Valda Souza; CAVALCANTE, Társio Ribeiro. Cultura Digital e Recursos Pedagógicos Digitais: um panorama da Docência na COVID-19. **Revista Práxis Educacional.** V.17, n.45, p. 8-32, abr./jun., 2021.

NUNES, Cláudio Pinto; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Trabalho, carreira, desenvolvimento docente e mudança na prática educativa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.43, n.1, p.65-80, jan./mar. 2017.

OMS. The Development of the World Health Organization WHOQOL-B: quality of life assessment. Psychological Medicine 28:551-558, **Geneve,** v. 28, p. 551-558, 1998

PAULA, João A. D. A Produção do Conhecimento em Marx. **Revista Temporalis Caderno Abess**, São Paulo, v. 5, n. Cortez, p. 17-42, 1992.

PAZ, Fernanda Ribeiro; SOUZA, Samuel Mendes de; PIRES, Ennia Débora Passos Braga; ROCHA, Mateus Teixeira do Amaral. Condições de trabalho e saúde do professor: fatores relevantes para o desenvolvimento da síndrome de Burnout. *In:* NUNES, Claudio Pinto; CARDOSO, Berta Leni Costa; SOUSA, Erivan Coqueiro (orgs.). **Condições de trabalho e saúde do professor.** Vitória da Conquista: dições UESB, 2020. P. 93-109.

PEDROSO, B. *et al.* Cálculo dos escores e estatística descritiva do WHOQOL-bref através do Microsoft Excel. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 31-36, jan./jun. 2010.

PENACHI, Eliza. **Estresse e síndrome de burnout em professores do ensino superior: contexto de adoecimento e estratégias de enfrentamento.** Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional. Pato Branco, PR, 2018.

PERONI, Vera Maria Vidal; CAETANO, Maria Raquel. O público e o privado na educação Projetos em disputa? **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 337-352, jul./dez. 2015. Disponível em: <http//www.esforce.org.br>

PICCOLI, Fábio; CARDOSO, Berta Leni Costa; CARDOSO JÚNIOR, Welton. Os meios de comunicação na qualidade de vida docente. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Qualidade de vida e saúde de profissionais da educação.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P. 205-229.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIZZIO, Alex.; KLEIN, Karla. Qualidade de vida no trabalho e adoecimento no cotidiano de docentes do ensino superior. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, n. 131, p. 493-513, abr.-jun. 2015.

PONTES, Fernanda Rodrigues; ROSTAS, Maria Helena Sauaia Guimarães; ROSTAS, Guilherme Ribeiro. Precarização do trabalho do docente adoecimento: COVID-19 e as transformações no mundo do trabalho, um recorte. **Revista Thema**, v. 18, p. 278-30, 2020.

PRIESS, F. G.. Qualidade de vida e estilo de vida: uma reflexão no âmbito dos professores universitários. **Pleiade**, 8(8), 7-32, 2010.

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 2, 2014.

RENWICK, Rebecca; BROWN, Ivan. The center for health promotion's conceptual approach to quality of life. *In:* RENWICK, Rebecca; BROWN, Ivan; NAGLER, Mark. **Quality of life in health promotion and rehabilitation: conceptual approachesissues and applications**. Sages: Thousand Oaks, 1996. p. 75-86.

RIBEIRO, Vanilda Batista; CARDOSO, Berta Leni Costa. A Valorização do Trabalho Docente e os impactos na Saúde em tempos de Pandemia: uma revisão sistemática. **Ver. ComCiência**. Out.2021, vol.6, no.8, p.11-17.

ROBALINO, M. A saúde e o trabalho na educação da América Latina. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 6, n. 11, p. 315-326, jul./dez. 2012

ROCHA, Ana Geisa Barbosa; PINA, Tânia Neto; CARDOSO, Berta Leni Costa. Qualidade de vida do professor de geografia da educação básica do NTE-20 da Bahia. *In:* CARDOSO, Berta Leni Costa; NUNES, Cláudio Pinto; FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto (orgs.). **Qualidade de vida e saúde de profissionais da educação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. P. 81-107.

RODRIGUES, Marcus Vinicius. **Qualidade de Vida no Trabalho:** evolução e análise no nível gerencial. Vozes. Rio de Janeiro,1999.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte" em Educação.** Curitiba: Diálogo Educacional, v. 6, 2006.

RUZA, Fábio Machado; SILVA, Eduardo Pinto. A transformações produtivas na pós-graduação: o prazer no trabalho docente está suspenso? **Revista Subjetividade.** Fortaleza, 16(1); p.91-103, abril, 2016.

SALES, Ronaldo. Laclau e Foucault: desconstrução e genealogia. *In:* MENDONÇA, Daniel; RODRIGUES, Léo Peixoto (orgs). **Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso:** em torno de Ernesto Laclau. Porto Alegre, 2008, p. 145 – 163

SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos; LUCIO, Maria. **Metodologia da Pesquisa.** 5ª. ed. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A pedagogia do vírus.** Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix; SILVA, Maria Elaine da Silva; BELMONTE, Bernardo do Rego. COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários. **Rev. Bras. Saúde Mater**. Infant. Olinda, fev 2021.

SANTOS, Sheila Daniela Medeira. A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 46, n. UFPR, p. 229-244, out/dez 2012.

SANTOS, Tatiane Araújo; SANTOS, Anderson Silva; MASCARENHAS, Nildo Batista; MELO, Cristina Maria Meira. **O materialismo dialético e a análise de dados.** Texto Contexto de Enfermagem, Salvador, 2018.

SARAIVA, Karla et al. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-24, 2020. DOI https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.16289.094. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16289. Acesso em: 2 abr. 2021.

SARDÁ JUNIOR, Jamir; LEGAL, Eduardo; JABLONSKI JUNIOR, Sérgio. **Estresse:** conceitos, métodos, medidas e possibilidades de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SCLIAR, Moacyr. História do Conceito de Saúde. **PHYSIS:** Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, p. 29-41, mar 2007.

SELYE, Hans. A Syndrome produced by Diverse Nocuous Agents. **Nature**, n. 138, 1936.

SELYE, Hans. Confusion and controversy in the stress field. **J Human Stress,** v. 2, p. 37-44, 1975.

SILVA JÚNIOR, João Reis; FERREIRA, Luciana Rodrigues.; KATO, Fabíola Bouth Grello. Trabalho do professor pesquisador diante da expansão da pós-graduação no Brasil pós-LDB. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, v. 18, n. 53, 2013.

SILVA, Amanda Moreira. Trabalho Docente no Brasil. Uma tendência de precarização no século XXI. **Trabalho Necessário**, v. 17, set-dez 2019.

SILVA, Daniela Oliveira Vidal; LESSA, Rosângela Souza; VIDAL, Tiana Oliveira; SOUZA, Ingrid Sampaio. Condições de trabalho e saúde de docentes do interior da Bahia. *In:* NUNES, Claudio Pinto; CARDOSO, Berta Leni Costa; SOUSA, Erivan Coqueiro (orgs.). **Condições de trabalho e saúde do professor.** Vitória da Conquista: dições UESB, 2020. P. 55-75.

SOUZA, Adriana da Silva; BARROS, Claudia Cristiane Andrade; DUTRA, Franciny D'Esquivel; GUSMÃO, Risia Silva Chaves; CARDOSO, Berta Leni Costa. Precarização do trabalho docente: reflexões em tempos de pandemia e pós pandemia. **Ensino em Perspectivas.** Fortaleza. V.2, n.2. p. 1-23, 2021.

SOUSA, Thiago Ferreira; NAHAS, Marcus Vinicius; FONSECA, Silvio Aparecido; MORORÓ, José Helma Pio. **Validade e reprodutibilidade do questionário Indicadores de Saúde e Qualidade de Vida de Acadêmicos.** (Isaq-A). Arq Cien Esp, 2012.

SOUZA, Jackeline Maria; DELL'AGRI, Betânia Alves Veiga; COSTA, Rodney Querino Ferreira; CAETANO, Luciana Maria. Docência na Pandemia**:** Saúde Mental e Percepções sobre o Trabalho On-line. **Teoria e Prática da Educação**, v. 24, n.2, p. 142-159, Maio/Agosto 2021

SOUZA, Jane Rose Silva. **A relação entre as condições de trabalho e o adoecimento do trabalhador docente brasileiro**. Dissertação Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde – Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2015.

TAMAYO, Mauricio Robayo; TRÓCCOLI, Bartholomeu Tôrres. Exaustão emocional: relações com a percepção de suporte organizacional e com as estratégias de coping no trabalho. **Estudos de psicologia**, Brasília, p. 37-46, 2002.

TANI, Go. Esporte, educação e qualidade de vida. *In:* MOREIRA, Wagner Wey; SIMÕES, Regina. **Esporte como fator de qualidade de vida.** Piracicaba: UNIMEP, 2002. p. 103-116.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Iana; LIMA, Rita de Lourdes. Trabalho e saúde-adoecimento de docentes em universidades públicas. **R. Katál.** Florianópolis. V.24, n.2, p.364-374, maio/ago. 2021.

VIANA FILHO, Marcizo Veimar Cordeiro; MATOS,Tereza Gláucia Rocha; GALINDO, Melissa Cordeiro Torres;SILVA, Roberta; VALE, Silvia Fernandes. O trabalho do professor na pós-graduação no Brasil após a Lei Nº 9394/1996. **Avaliação,** Campinas, v. 24, Mar-Mai 2019.

WERNICK, Renato. **Condições de saúde e trabalho dos docentes da Universidade Federal da Bahia.** 2000. Tese de Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva. Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

WHOQOL. Study protocol for the World Health Organization project to develop a Quality of Life assessment instrument (WHOQOL). **Quality of life research.**, v. 2, p. 153-159, 1993.

WHOQOL. The development of the World Health Organization quality of life assessment instrument (the WHOQOL-Group). *In:* ORLEY, John; KUYKEN, Willian. **Quality of life assessment: international perspectives.** Springer: Heidelberg, 1994. p. 41-60.

WHOQOL-100/WHOQOL-bref. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 1-7, jan./mar. 2020.

ANEXOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

ANEXO 1 – MONISA adaptada - Questionário Sociodemográfico, Estilo de Vida e Condições de Trabalho

MONISA adaptado - Questionário Sociodemográfico, Estilo de Vida e Condições de Trabalho.

Caro professor,
. Você não precisa escrever o seu nome; suas respostas são anônimas e serão mantidas em sigilo;
. Não existem respostas certas ou erradas, não se trata de um teste;
. Para cada pergunta, leia com atenção todas as alternativas de resposta antes de responder;
. Evite deixar perguntas sem resposta;
Muito Obrigado pela sua participação!!

DADOS INICIAIS

2. Data de nascimento: *

_____
Exemplo: 7 de janeiro de 2019

3. Cor da sua pele: *

_____

4. Programa de Pós-Graduação da UESB a qual pertence : *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Programa de Pós-Graduação em Agronomia (Mestrado e Doutorado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (Mestrado e Doutorado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais (Mestrado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Ensino (Mestrado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (Mestrado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Linguística (Mestrado e Doutorado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores (Mestrado e Doutorado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Educação Física (Mestrado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde (Mestrado e Doutorado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Genética, Biodiversidade e Conservação (Mestrado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Química (Mestrado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (Mestrado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Zootecnia (Mestrado e Doutorado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (Mestrado)
- [ ] Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Ciência de Alimentos (Mestrado e Doutorado)

5. Qual(is) o seu(s) curso(s) de graduação? *

_____

6. Qual foi o ANO de conclusão de cada graduação? *

_____

7. Quanto anos completos que você trabalha na Docência do Ensino Superior (ex: 07 anos) *

_____

8. Qual(is) o(s) curso(s) de graduação que você leciona? *

_____

9. Em qual(is) SEMESTRE (S) da Graduação está lecionando? *

Marque todas que se aplicam.

- [ ] Primeiro
- [ ] Segundo
- [ ] Terceiro
- [ ] Quarto
- [ ] Quinto
- [ ] Sexto
- [ ] Sétimo
- [ ] Oitavo
- [ ] Nono
- [ ] Décimo
- [ ] Décimo Primeiro
- [ ] Décimo Segundo

10. As aulas na Pós-Graduação que você leciona ocorrem FREQUENTEMENTE em qual PERÍODO? (Marque SOMENTE uma opção) *

Marcar apenas uma oval.

- ( ) Matutino
- ( ) Vespertino
- ( ) Diurno (matutino e vespertino)
- ( ) Noturno

11. As aulas na Graduação que você leciona ocorrem FREQUENTEMENTE em qual PERÍODO? (Marque SOMENTE uma opção) *

Marcar apenas uma oval.

- Matutino
- Vespertino
- Diurno (matutino e vespertino)
- Noturno

12. Qual o seu Gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
- Feminino
- Não Binário

13. Qual a sua IDADE completa? Em anos. *

_____

14. No MOMENTO atual você está: *

Marcar apenas uma oval.

- Solteiro(a)
- Viúvo(a)
- Divorciado(a) ou separado(a)
- Casado(a) ou vivendo com parceiro(a)

15. Qual a sua carga horária na Instituição de Ensino Superior (IES) do seu programa? *

Marcar apenas uma oval.

- Vinte horas semanais
- Quarenta horas semanais
- Dedicação Exclusiva
- Entre Vinte e Quarenta horas

16. Se você não é DE (Dedicação Exclusiva) na Instituição de Ensino Superior, qual é a CARGA HORÁRIA SEMANAL do outro trabalho? Em HORAS POR SEMANA. SE For Dedicação Exclusiva escreva 0 (zero) *

17. Se você não é DE (Dedicação Exclusiva) na Instituição de Ensino Superior, qual(is) outro(s) local(is) de trabalho(s) (Ex: Escola, Faculdade/Universidade, Privada/Publica, Gestão, Emprego, Autônomo, Cargo, Empresário, etc)? SE For Dedicação Exclusiva escreva 0 (zero) *

18. Qual a sua RENDA mensal em reais? *

Marcar apenas uma oval.

- Não tenho.
- até R$ 3.000,00.
- >R$3.000,00 a 5.000,00.
- >R$5.000,00 a 8.000,00.
- ≥R$ 8.000,00.

19. Qual a sua cidade e estado de RESIDÊNCIA PERMANENTE (lugar de moradia principal)? *

20. Qual MUNICÍPIO você reside ATUALMENTE? *

21. Quantas pessoas (incluindo você) MORAM de forma PERMANENTE em sua residência atual? *

INDICADORES DO ESTILO DE VIDA E SAÚDE

22. Como você classifica o NÍVEL DE ESTRESSE na sua vida? *

Marcar apenas uma oval.

- Nunca estressado(a).
- Raramente estressado(a).
- Às vezes estressado(a), vivendo razoavelmente bem.
- Quase sempre estressado(a).
- Sempre estressado(a), com dificuldade para enfrentar a vida diária.

23. Com que frequência você considera que DORME BEM? *

Marcar apenas uma oval.

- Nunca
- Raramente
- Às vezes
- Quase sempre
- Sempre

24. Você está SATISFEITO (A) com a vida que leva? *

Marcar apenas uma oval.

- Não
- Mais ou menos
- Sim
- Não sei

SOBRE HÁBITOS ALIMENTARES E CONTROLE DO PESO CORPORAL

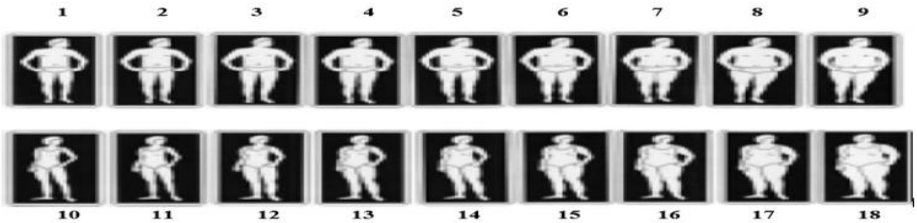
25. Qual o seu PESO CORPORAL? Ex.: 65,5 kg (Digite 0 se estiver GRÁVIDA ou esteja no período PÓS PARTO de até 6 meses).

_____

26. Qual a sua ESTATURA (altura)? Ex.: 1,75 m *

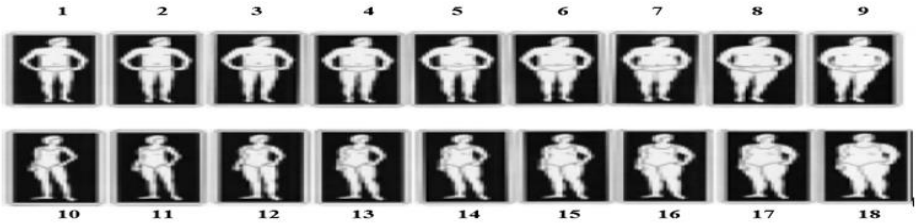
_____

27. Qual é a FIGURA que melhor representa a sua aparência física atualmente? *



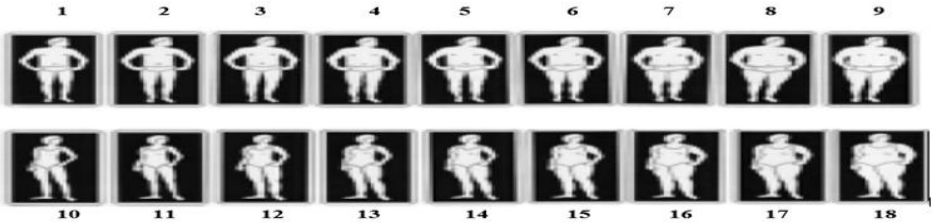
- 01
- 02
- 03
- 04
- 05
- 06
- 07
- 08
- 09
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18

28. Qual é a FIGURA que melhor representa a aparência física que você gostaria de ter? *



- 01
- 02
- 03
- 04
- 05
- 06
- 07
- 08
- 09
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18

29. Qual é a FIGURA que representa a aparência física que você mais considera atraente? *



- 01
- 02
- 03
- 04
- 05
- 06
- 07
- 08
- 09
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18

30. Em quantos dias de uma SEMANA NORMAL você: (Marque a quantidade de DIAS que você consumia ANTES da pandemia). *

Marcar apenas uma oval por linha.

	0	1	2	3	4	5	6	7
COME FRUTAS?								
COME VERDURAS ou SALADAS VERDES?								
COME CARNE VERMELHA gordurosa (de boi, porco ou cabrito)?								
COME FRANGO COM PELE sem remover a gordura visível?								
COME SALGADINHOS (coxinhas, pastéis, acarajé e outras frituras)?								
Toma REFRIGERANTE (ou H2O, ou suco artificial como Tampico)?								
Faz REFEIÇÕES FORA DE CASA?								

31. Em quantos dias de uma SEMANA NORMAL você: (Marque a quantidade de DIAS que você consome DURANTE a pandemia). *

Marcar apenas uma oval por linha.

	0	1	2	3	4	5	6	7
COME FRUTAS?								
COME VERDURAS ou SALADAS VERDES?								
COME CARNE VERMELHA gordurosa (de boi, porco ou cabrito)?								
COME FRANGO COM PELE sem remover a gordura visível?								
COME SALGADINHOS (coxinhas, pastéis, acarajé e outras frituras)?								
Toma REFRIGERANTE (ou H2O, ou suco artificial como Tampico)?								
Faz REFEIÇÕES FORA DE CASA?								

32. Com que frequência, nos dias de aula presencial, você faz refeições, como o ALMOÇO ou JANTAR em lanchonetes ou restaurantes? (Em dia(s) por semana). *

33. Com que frequência, nos dias de atividade remota, você faz refeições, como o ALMOÇO ou JANTAR em lanchonetes ou restaurantes? (Em dia(s) por semana). *

34. Qual a ATIVIDADE FÍSICA DE LAZER que você praticava antes da Pandemia ? (Marque a atividade principal). *

Marcar apenas uma oval.

- Futebol
- Voleibol
- Basquetebol
- Handebol
- Ginástica em geral (com uso de pesos, trampolins)
- Corrida em ambientes abertos (parques, praças, etc.)
- Caminhada em parques, praias, trilhas, etc. (não considerar deslocamento para o trabalho, estudo, compras, etc.)
- Ginástica aeróbica
- Musculação
- Lutas ou Artes Marciais
- Tênis de quadra
- Corrida em esteira
- Caminhada em esteira
- Hidroginástica
- Natação
- Bicicleta (não considerar deslocamento para o trabalho, estudo, compras, etc.).
- Outra.
- Não praticava atividades físicas no lazer antes da Pandemia.

35. Qual a ATIVIDADE FÍSICA DE LAZER que você praticou durante a Pandemia ? (Marque a mesma atividade principal se você a perseverou durante a pandemia). *

Marcar apenas uma oval.

- Não pratiquei atividades físicas no lazer durante a Pandemia
- Futebol
- Voleibol
- Basquetebol
- Handebol
- Ginástica em geral (com uso de pesos, trampolins)
- Corrida em ambientes abertos (parques, praças, etc.)
- Caminhada em parques, praias, trilhas, etc. (não considerar deslocamento para o trabalho, estudo, compras, etc.)
- Ginástica aeróbica
- Musculação
- Lutas ou Artes Marciais
- Tênis de quadra
- Corrida em esteira
- Caminhada em esteira
- Hidroginástica
- Natação
- Bicicleta (não considerar deslocamento para o trabalho, estudo, compras, etc.).
- Outra

36. Por quanto TEMPO em média você realizou a prática REGULAR dessa ATIVIDADE FÍSICA DE LAZER acima, ANTES da pandemia? (Considere SOMENTE o maior período de participação. Ex.: 5 anos e 2 meses, caso não tenha praticado, coloque o número 0). *

_____

37. Considerando uma SEMANA NORMAL, qual a MAIOR DIFICULDADE que você percebia ANTES da pandemia para a prática de atividades físicas no seu lazer? *

Marcar apenas uma oval.

- Cansaço
- Excesso de trabalho
- Obrigações de estudo
- Distância até o local de prática
- Falta de condições físicas
- Falta de dinheiro para pagar mensalidades ou profissional
- Falta de condições de segurança
- Clima desfavorável
- Falta de vontade
- Obrigações familiares
- Falta de habilidade motora
- Falta de instalações
- Outra.
- Não tenho percebido dificuldades

38. Considerando uma SEMANA NORMAL, qual a MAIOR DIFICULDADE que você percebe DURANTE a pandemia para a prática de atividades físicas no seu lazer? *

Marcar apenas uma oval.

- Cansaço
- Excesso de trabalho
- Obrigações de estudo
- Distância até o local de prática
- Falta de condições físicas
- Falta de dinheiro para pagar mensalidades ou profissional
- Falta de condições de segurança
- Clima desfavorável
- Falta de vontade
- Obrigações familiares
- Falta de habilidade motora
- Falta de instalações
- Outra
- Não tenho percebido dificuldades

39. Se você pratica ATIVIDADE(S) FÍSICA(S) NO SEU LAZER, qual o PRINCIPAL MOTIVO para essa prática? *

Marcar apenas uma oval.

- Bem-estar
- Estética
- Saúde (orientação médica, psicológica ou nutricional)
- Recreação
- Condicionamento físico
- Outro
- Não tenho praticado

Em um DIA de segunda a sexta-feira, qual o tempo (Horas:Minutos), em MÉDIA, que você utilizava, ANTES da pandemia, realizando as seguintes atividades? (CASO não as realize deixe o valor ZERO , 00:00).

40. Assistindo TV: *

Exemplo: 08h30

41. Usando o computador para estudos e pesquisas acadêmicas: *

Exemplo: 08h30

42. Usando o e-mail ou no lazer, acessando o Facebook, Instagram, WhatsApp: *

Exemplo: 08h30

43. Jogando vídeo games (em qualquer aparelho eletrônico): *

Exemplo: 08h30

Em um DIA de segunda a sexta-feira, qual o tempo (HH:MM), em Média, que você utiliza DURANTE a pandemia realizando as seguintes atividades? (Caso não realize alguma dessas atividades coloque ZERO).

44. Assistindo TV: *

Exemplo: 08h30

45. Usando o computador para estudos e pesquisas acadêmicas: *

Exemplo: 08h30

46. Usando o e-mail ou no lazer, acessando o Facebook, Instagram, WhatsApp: *

Exemplo: 08h30

47. Jogando vídeo games (em qualquer aparelho eletrônico): *

Exemplo: 08h30

Em um DIA de segunda a sexta-feira, qual o tempo que você gasta em relação a Pandemia na posição SENTADA ou em PÉ, PARADO realizando as seguintes atividades: (Caso não realize alguma dessas atividades coloque 00:00).

48. Nas praças, no telefone, conversando, dirigindo ou como passageiro: *

Exemplo: 08h30

49. Estudando ou trabalhando (não incluindo o uso do computador): *

Exemplo: 08h30

De segunda a sexta-feira, qual o horário, você dormia e dorme em relação a Pandemia ?

50. ANTES DA PANDEMIA: *

Exemplo: 08h30

51. DURANTE A PANDEMIA: *

Exemplo: 08h30

52. Comparando com as pessoas da sua idade e sexo, como você considera a sua APTIDÃO FÍSICA (condição física) após a pandemia? *

Marcar apenas uma oval.

- Melhor
- Semelhante
- Pior
- Não sei responder

SOBRE OS COMPORTAMENTOS PREVENTIVOS

53. Algum médico, enfermeiro ou agente comunitário de saúde já lhe disse que você estava com PRESSÃO ALTA? *

Marcar apenas uma oval.

- Nunca medi minha pressão sanguínea.
- Não.
- Sim.
- Não lembro.

54. Algum médico, enfermeiro ou nutricionista já lhe disse que você tem COLESTEROL ALTO (algum tipo de gordura presente no sangue)? *

Marcar apenas uma oval.

- Nunca fiz exame para medir colesterol.
- Não.
- Sim.
- Não lembro.

55. Algum médico já lhe disse que você tem DIABETES (açúcar no sangue acima do normal)? *

Marcar apenas uma oval.

- Nunca fiz exame para medir açúcar no sangue.
- Não.
- Sim.
- Não lembro.

56. Com relação ao HÁBITO DE FUMAR, qual a sua situação atual? *

Marcar apenas uma oval.

- Não fumo
- Parei de fumar há 2 anos ou mais
- Parei de fumar há menos de 2 anos
- FUMO até 10 cigarros por dia
- FUMO de 11 a 20 cigarros por dia
- FUMO mais de 20 cigarros por dia

57. Quantos cigarros/dia você fumava antes da pandemia? Caso não seja fumante digite 0 e passe para a próxima questão. *

_____

58. Em relação ao uso de drogas antes da pandemia: (Preenha a Frequência de uso ANTES da Pandemia) *

Marcar apenas uma oval.

- Não quero responder
- Nunca
- 1 ou 2 vezes
- 3 a 9 vezes
- ≥10 vezes

59. Em relação ao uso de drogas DURANTE a pandemia: (Assinale se Aumentou, Diminuiu ou Interrompeu durante a Pandemia, por favor) *

Marcar apenas uma oval.

- Não quero responder
- Nunca
- Aumentou na Pandemia
- Reduziu durante a Pandemia
- Interrompido durante a Pandemia

60. Quantas DOSES DE BEBIDA ALCOÓLICA você tomava em uma SEMANA NORMAL ANTES DA PANDEMIA? (1 dose = 1/2 garrafa de cerveja, ou 1 lata de cerveja, ou 1 copo de vinho ou 1 dose de uísque, conhaque, cachaça ou vodka) *

Marcar apenas uma oval.

- Nenhuma
- 1 a 7 doses
- 8 a 14 doses
- 15 doses ou mais

61. EM RELAÇÃO AS DOSES DE BEBIDA ALCOÓLICA você tomava em uma SEMANA NORMAL. Aumentou, Permaneceu ou Diminuiu durante a PANDEMIA? *

Marcar apenas uma oval.

- NUNCA
- Aumentou na Pandemia
- Diminuiu na Pandemia
- Permaneceu a mesma durante a Pandemia

62. De um modo geral, como você considera o seu ESTADO DE SAÚDE MENTAL ANTES da Pandemia da COVID-19? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito ruim
- Ruim
- Regular
- Bom
- Muito bom

63. De um modo geral, como você considera o seu ESTADO DE SAÚDE MENTAL DURANTE a Pandemia da COVID-19? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito ruim
- Ruim
- Regular
- Bom
- Muito bom

64. De um modo geral, como você considera o seu ESTADO DE SAÚDE FÍSICA ANTES da Pandemia da COVID-19? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito ruim
- Ruim
- Regular
- Bom
- Muito bom

65. De um modo geral, como você considera o seu ESTADO DE SAUDE FISICA DURANTE a Pandemia da COVID-19? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito ruim
- Ruim
- Regular
- Bom
- Muito bom

COVID

66. Você desenvolveu a COVID 19? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Suspeito que Sim
- Suspeito que Não

67. Quantas vezes você desenvolveu a COVID 19? Se não desenvolveu ou Suspeita que Não desenvolveu coloque o número 0. *

68. Foi Testado para o Coronavírus? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

69. Quantas vezes você foi testado para o Coronavírus? Se não foi testado coloque o número 0. *

70. Foi vacinado até a data de hoje? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

71. Quantas doses da vacina? *

Marcar apenas uma oval.

- 0
- 1
- 2
- 3
- 4

72. Algum familiar de sua convivência adoeceu com o Coronavírus? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

73. Algum familiar de sua convivência faleceu pela COVID 19? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

INDICADORES DO AMBIENTE E DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA

74. Como você avalia os itens abaixo, considerando a escala, em relação aos aspectos de seu trabalho docente ANTES da pandemia? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	1 – Muito boa/Muito bom	2 – Boa/Bom	3 – Ruim	4 – Muito ruim
1. Condições estruturais do espaço onde trabalha				
2. Condições de ruído e temperatura				
3. Condições de limpeza e iluminação				
4. Adequação dos equipamentos para execução das aulas				
5. Relacionamento com os demais colegas				
6. Acesso e relacionamento dos alunos com o seu curso				
7. Oportunidades para expressar suas opiniões em relação ao desenvolvimento das aulas do seu curso				
8. Oportunidades de crescimento e desenvolvimento para a formação profissional ofertados pela IES				
9. Seu grau de motivação e ânimo para ministrar as aulas e cursos de aprofundamento e aperfeiçoamento				
10. Oportunidade de participação em atividades de pesquisa na sua área				
11. Imagem da IES perante a sociedade				
12. Remuneração				
13. Treinamento com os recursos didáticos disponibilizados				

75. Como você avalia os itens abaixo, considerando a escala, em relação aos aspectos de seu trabalho docente DURANTE a pandemia? *

Marcar apenas uma oval por linha.

	1 – Muito boa/Muito bom	2 – Boa/Bom	3 – Ruim	4 – Muito ruim
1. Condições estruturais do espaço onde trabalha				
2. Condições de ruído e temperatura				
3. Condições de limpeza e iluminação				
4. Adequação dos equipamentos para execução das aulas				
5. Relacionamento com os demais colegas				
6. Acesso e relacionamento dos alunos com o seu curso				
7. Oportunidades para expressar suas opiniões em relação ao desenvolvimento das aulas do seu curso				
8. Oportunidades de crescimento e desenvolvimento para a formação profissional ofertados pela IES				
9. Seu grau de motivação e ânimo para ministrar as aulas e cursos de aprofundamento e aperfeiçoamento				
10. Oportunidade de participação em atividades de pesquisa na sua área				
11. Imagem da IES perante a sociedade				
12. Remuneração				
13. Treinamento com os recursos didáticos disponibilizados				

76. Como você considera sua qualidade de vida (percepção geral) em relação a pandemia?

Marcar apenas uma oval.

- Mesma Qualidade
- Pior Qualidade
- Melhor Qualidade

77. Você já havia trabalhado com alguma das modalidades de Tele Ensino?

Marcar apenas uma oval.

- Nunca havia Trabalhado
- EAD
- Ensino Remoto
- Hibrido

78. Como você considera a sua vida em relação ao seu trabalho DURANTE a pandemia?

Marcar apenas uma oval.

- Mesma Qualidade
- Pior Qualidade
- Melhor Qualidade

ANEXO 2- WHOQOL- BREF INSTRUMENTO DE QUALIDADE DE VIDA

Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida. The World Health Organization Quality of Life – WHOQOL-bref. Instruções

Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. Por favor responda a todas as questões. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada.
Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha. Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as duas últimas semanas. Você deve circular o número 1 se você não recebeu "nada" de apoio. Por favor, leia cada questão, veja o que você acha e circule no número e lhe parece a melhor resposta.

79. Como você avaliaria sua qualidade de vida? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito ruim
- Ruim
- Nem ruim nem boa
- Boa
- Muito boa

80. Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito insatisfeito
- Insatisfeito
- Nem satisfeito nem insatisfeito
- Satisfeito
- Muito satisfeito

81. O quanto você tem sentido nas últimas duas semanas. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que você precisa?					
O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?					
O quanto você aproveita a vida?					
Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?					
O quanto você consegue se concentrar?					
Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?					
Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?					

82. Quanto você tem sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas últimas duas semanas. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
Você tem energia suficiente para seu dia-a- dia?					
Você é capaz de aceitar sua aparência física?					
Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?					
Quão disponíveis para você estão as informações que precisa no seu dia-a-dia?					
Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?					

83. Quão bem você é capaz de se locomover? *

Marcar apenas uma oval.

- Muito ruim
- Ruim
- Nem ruim nem bom
- Bom
- Muito bom

84. As questões seguintes perguntam sobre quão bem ou satisfeito você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas. *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?					
Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?					
Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?					
Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?					
Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?					
Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?					
Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?					

Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?	◯	◯	◯	◯	◯
Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?	◯	◯	◯	◯	◯
Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?	◯	◯	◯	◯	◯

As questões seguintes referem-se a com que frequência você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas.

85. Com que frequência você tem sentimentos negativos tais como mau humor, desespero, ansiedade, depressão? *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Nunca
- ◯ Algumas vezes
- ◯ Frequentemente
- ◯ Muito frequentemente
- ◯ Sempre

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

ANEXO 3 – Questionário de Adoecimento Docente
Sintomas, Queixas e Disfunções no Docente do Ensino Superior- PDA (Adaptado)

86. ASSINALE APENAS UMA OPÇÃO DE FREQUÊNCIA DO SINTOMA ANTES PANDEMIA *

Marcar apenas uma oval por linha.

	NUNCA	SEMPRE	MUITAS VEZES	ÀS VEZES
Mãos frias e/ou pés frios frequentes				
Suor excessivo				
Sente muito frio ou muito calor				
Diarreia				
Prisão de ventre/intestino preso				
Gases				
Enjoos				
Falta de apetite				
Arrotos				
Soluços				
Azia (queimação)				
Dores no estômago				
Tontura				
Zumbido (percepção de sons não externos)				
Alterações na Visão(pontos luminosos, etc)				
Dificuldade de concentração				
Dorme pouco, mal				
Sente falta de energia				
Pouco ou nenhum apetite sexual				

Problemas urinários				
Necessidade de deglutir constantemente				
Dor de garganta ou Rouquidão				
Respiração ofegante				
Alergia específica				
Espirros				
Problemas na Pele				
Respiração nasal difícil				
Respira pela boca ou roncos				
Perda de audição				
Tensão na cabeça (peso) enquanto fala				
Necessidade constante de bocejar				
Ranger os dentes				
Dor ou desconforto temporomandibular				
Dor no pescoço (durante ou após a fala)				
Desconforto no peito (durante ou após a fala)				
Cansaço ao falar				
Pigarros constantes				
Repetição de Doenças Respiratórias				
Palpitações do coração				
Dificuldade de se comunicar com outras pessoas				
Roer unhas				

Repetição de Doenças Respiratórias				
Palpitações do coração				
Dificuldade de se comunicar com outras pessoas				
Roer unhas				
Sensação de esgotamento físico				
Indisposição				
Nervosismo				
Depressão (angústia, medo e insegurança)				
Tristeza				
Insatisfação/ desmotivação				
Isolamento/ solidão no trabalho				
Irritação/ falta de paciência				
Esquecimentos				
Perda do senso de humor				
Incômodo Geral sem causa aparente				
Ansiedade				
Dores de cabeça frequentes				
Dores no peito				
Aumento da Fome				
Sensação de Desmaios Iminentes				
Dores articulares				
Tensão/dor muscular				

87. ASSINALE SOBRE A RELAÇÃO DOS SINTOMAS DURANTE PANDEMIA *

Marcar apenas uma oval por linha.

	NUNCA SENTI	MANTEVE-SE NA PANDEMIA	AGRAVOU NA PANDEMIA	DESENVOLVEU NA PANDEMIA
Mãos frias e/ou pés frios frequentes				
Suor excessivo				
Sente muito frio ou muito calor				
Diarreia				
Prisão de ventre/intestino preso				
Gases				
Enjoos				
Falta de apetite				
Arrotos				
Soluços				
Azia (queimação)				
Dores no estômago				
Tontura				
Zumbido (percepção de sons não externos)				
Alterações na Visão(pontos luminosos, etc)				
Dificuldade de concentração				
Dorme pouco, mal				
Sente falta de energia				
Pouco ou nenhum apetite sexual				
Problemas urinários				
Necessidade de deglutir constantemente				
Dor de garganta ou Rouquidão				
Respiração ofegante				
Alergia específica				
Espirros				

Problemas na Pele				
Respiração nasal difícil				
Respira pela boca ou roncos				
Perda de audição				
Tensão na cabeça (peso) enquanto fala				
Necessidade constante de bocejar				
Ranger os dentes				
Dor ou desconforto temporomandibular				
Dor no pescoço (durante ou após a fala)				
Desconforto no peito (durante ou após a fala)				
Cansaço ao falar				
Pigarros constantes				
Repetição de Doenças Respiratórias				
Palpitações do coração				

Repetição de Doenças Respiratórias				
Palpitações do coração				

Dificuldade de se comunicar com outras pessoas				
Roer unhas				
Sensação de esgotamento físico				
Indisposição				
Nervosismo				

Depressão (angústia, medo e insegurança)				
Tristeza				
Insatisfação/ desmotivação				
Isolamento/ solidão no trabalho				
Irritação/ falta de paciência				
Esquecimentos				
Perda do senso de humor				
Incômodo Geral sem causa aparente				
Ansiedade				
Dores de cabeça frequentes				
Dores no peito				
Aumento da Fome				
Sensação de Desmaios Iminentes				
Dores articulares				
Tensão/dor muscular				

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

ANEXO 4- AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA A PESQUISA

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE

Eu, LUIZ OTÁVIO DE MAGALHÃES, Reitor da Universidade Estadual do Sudoeste Bahia- UESB, autorizo os pesquisadores Welton Cardoso Junior e Franciny D'Esquivel Dutra Brizola, a realizarem as coletas de dados para desenvolvimento das respectivas pesquisas intituladas: QUALIDADE DE VIDA E ADOECIMENTO DO DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 e A PERCEPÇÃO DOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS DA UESB EM RELAÇÃO À FORMAÇÃO E OS IMPACTOS NA QUALIDADE DE VIDA, sob orientação do pesquisador Professor Drº Cláudio Pinto Nunes (PPGEd/UESB) e da pesquisadora Professora Drª Berta Leni Costa Cardoso (PPGEd/UESB). As pesquisas são recortes do projeto guarda-chuva, intitulado: Indicadores de saúde, qualidade de vida e formação docente, discentes e profissionais da educação: Um estudo comparativo entre gêneros aprovado pelo CEP/UNEB.

Vitória da Conquista, 22 de Fevereiro de 2022.

Luiz Otávio de Magalhães
Reitor
LUIZ OTÁVIO DE MAGALHÃES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

APÊNDICES

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Professor (a), você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada "**QUALIDADE DE VIDA E ADOECIMENTO DO DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**". Esta pesquisa é um subprojeto que faz parte de um Projeto de Pesquisa Guarda-chuva da Profa. Dra. Berta Leni Costa Cardoso, intitulado Indicadores de saúde, qualidade de vida e formação de docentes, discentes e profissionais da educação: estudo comparativo entre gêneros, aprovado pelo CEP da Universidade do Estado da Bahia com o CAAE 43789015.4.0000.0057 e aprovado no parecer número: 3.698.290. Data da Relatoria: 11/11/2019.

A pesquisa surgiu da seguinte problemática: Como se expressa a qualidade de vida e o adoecimento do docente no ensino superior no contexto da pandemia da COVID-19? Nesse sentido o objetivo da presente pesquisa é analisar a qualidade de vida e adoecimento do docente que atua na pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado. Como objetivos específicos pretende-se: verificar como se se dá o adoecimento do docente no exercício do trabalho; verificar as relações do adoecimento físico e mental em função das condicionantes laborais; aferir como essas relações interferem no desempenho docente no contexto da pandemia da COVID-19 (Corona Vírus Disease, 2019).

A pesquisa tem a pretensão de contribuir para o debate sobre a temática, tanto em âmbito acadêmico, político e profissional. Sua participação é voluntária e se concretizará a partir das respostas dadas ao questionário. Durante todo o período da pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador para tirar dúvidas ou solicitar algum esclarecimento. A qualquer momento, você tem o direito de desistir de participar da pesquisa e retirar o seu consentimento, sendo que sua recusa não lhe trará nenhum prejuízo. Garantimos o sigilo quanto à sua identificação e à identificação de instituições caso sejam citadas no questionário. Os dados concedidos ao estudo são confidenciais e serão divulgados apenas em eventos ou publicações de caráter científico sem identificação autêntica.

Após ter sido devidamente esclarecido (a) pelo pesquisador, e tendo entendido o que me foi explicado, concordo em participar, como voluntário (a) da pesquisa "**QUALIDADE DE VIDA E ADOECIMENTO DO DOCENTE DO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19**", consciente que não haverá custo algum e nem qualquer vantagem financeira. Permito também que os resultados obtidos sejam publicados em eventos e artigos científicos, desde que não seja divulgada a minha identificação e instituições a que eu fizer referência.

☐ Li e aceito participar sob os termos acima esclarecidos.

Pesquisador responsável Welton Cardoso Junior
(77) 9 88414512 E-mail: weltoncardosojr@gmail.com